

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Douglas Bastos dos Santos Júnior
Indianara Hoffmann

LITERATURA FANTÁSTICA NA ESCOLA: CONTOS COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA

FLORIANÓPOLIS
2019

Douglas Bastos dos Santos Júnior

Indianara Hoffmann

LITERATURA FANTÁSTICA NA ESCOLA: CONTOS COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA

Relatório apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001) do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da UFSC, em 2019/2, sob a orientação das professoras Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS

2019

“Os livros são uma forma única de magia portátil”
Stephen King

RESUMO

O presente relatório tem a finalidade de registrar as experiências e os resultados das atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001) do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da UFSC. As experiências práticas de ensino foram obtidas em uma escola da rede estadual de Santa Catarina, em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental no período matutino. O estágio compreendeu o Projeto de Docência “Literatura Fantástica na escola: contos como estratégia pedagógica”. Para a realização deste projeto, desenvolveram-se duas atividades: observação de dez aulas de língua portuguesa e prática docente. A escolha do tema se deu a partir do diagnóstico do questionário feito com os alunos, buscando trabalhar narrativas fantásticas na expectativa de aproximação com os universos consumidos por eles nas mais diversas mídias. Filmes de super-heróis, séries de zumbis, revistas em quadrinhos e desenhos animados. A fantasia faz parte do universo de todos, principalmente nessa faixa-etária (13-15 anos). Desta forma, partir desse repertório como ponte para o ensino e a aprendizagem do gênero conto e dos elementos da narrativa foi a abordagem escolhida. Sendo assim, com atividades de leitura e produção textual a partir de contos e microcontos fantásticos, os discentes foram guiados por um processo de autonomização de seus discursos e de assimilação do gênero concretizados na realização do projeto final: a construção de uma antologia de contos fantásticos ilustrados da turma. Para isso, na expectativa de colocá-los como participantes ativos na criação do livro, foram incluídos em todas as etapas desse processo, além da produção dos contos e das ilustrações. Por fim, tiveram o resultado físico deixado na escola, acessível a toda a comunidade, como materialidade do trabalho coletivo levado a cabo pelo projeto.

Palavras-chave: Literatura fantástica; Conto; Leitura; Produção Textual; Ilustração.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	7
2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	7
2.1.1 A escola	7
2.1.2 A turma	9
2.1.3 As professoras regentes	13
2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA	14
2.2.1 Problematização.....	14
2.2.2 Escolha do tema	17
2.2.3 Justificativa	17
2.2.4 Referencial teórico	20
2.2.4.1 Concepção de literatura	21
2.2.4.2 Concepção de sujeito e concepção de linguagem.....	21
2.2.4.3 2.2.4.3. Concepção de ensino e aprendizagem	25
2.2.5 Objetivos	25
2.2.5.1 Objetivo geral	25
2.2.5.2 Objetivos específicos	26
2.2.6 Conhecimentos trabalhados	26
2.2.7 Metodologia	26
2.2.7.1 Recursos necessários	29
2.2.8 Avaliação	29
2.2.9 Cronograma das aulas	32
2.2.10 Planos de aula	36
2.3 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL	107
2.3.1 ANÁLISE TEÓRICA	107
2.3.2 RELATOS COMENTADOS	110
2.3.2.1 Primeiro encontro (aula 01)	110
2.3.2.2 Segundo encontro (aulas 02 e 03)	111
2.3.2.3 Terceiro encontro (aula 04)	114
2.3.2.4 Quarto encontro (aula 05)	116
2.3.2.5 Quinto encontro (aula 06)	117

2.3.2.6 Sexto encontro (aulas 07 e 08)	118
2.3.2.7 Sétimo encontro (aula 09)	120
2.3.2.8 Oitavo encontro (aula 10)	121
2.3.2.9 Nono encontro (aulas 11 e 12)	123
2.3.2.10 Décimo encontro (aulas 13 e 14)	125
2.3.2.11 Décimo primeiro encontro (aula 15)	127
2.3.2.12 Décimo segundo encontro (aulas 16 e 17)	128
2.3.2.13 Décimo terceiro encontro (aula 18)	130
2.3.2.14 Encerramento (aulas 19 e 20)	131
3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	133
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
6 ANEXOS	140

1 APRESENTAÇÃO

O presente relatório contempla as atividades desenvolvidas e aplicadas pelos acadêmicos do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann, da Universidade Federal de Santa Catarina, durante a disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001), sob orientação da Prof^ª. Dra. Chirley Domingues e da Prof^ª. Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz, no segundo semestre de 2019. O Projeto de docência em questão foi desenvolvido em uma escola estadual localizada no centro da cidade de Florianópolis a partir do período de observação das aulas de uma turma do 8º ano do turno matutino e do acompanhamento da rotina escolar da instituição.

Sendo assim, a experiência de estágio foi dividida em três grandes momentos: I) Observação de dez aulas ministradas por uma professora da rede pública de ensino, a fim de conhecer a turma e a prática de ensino, e que resultaram em um relatório e o Projeto de Docência; II) Prática docente com a aplicação do Projeto elaborado e que busca a imersão no “ser professor” em todas as suas instâncias; III) Formalização da experiência docente na forma do presente documento, de socialização da experiência docente e avaliação final.

Portanto, dividido em seções, este relatório detalha pormenorizadamente a trajetória pelos dois primeiros grandes momentos da experiência de estágio e está organizado nas seguintes seções: apresentação; caracterização do espaço escolar; projeto de docência; relato e análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental; e, por fim, as Considerações Finais seguidas dos anexos. Assim, formalizam-se as experiências obtidas no Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001)

2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

2.1.1. A escola

A instituição na qual realizou-se o estágio está localizada na Avenida Mauro Ramos, no Centro de Florianópolis, ocupando uma área de 52.000m². Considerada a maior escola pública do Brasil e da América Latina, funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Com turmas de Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio Regular (EM), Ensino Médio Inovador e Magistério, a instituição também oferece espaço para o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) e o curso pré-vestibular INTEGRAR, da UFSC.

Segundo a versão mais recente do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, de 2018, cerca de 8.500 pessoas circulam diariamente pela instituição, entre alunos, professores, funcionários e a comunidade em geral. Fazem parte do quadro de profissionais (efetivos e temporários) cerca de 460 profissionais, espalhados em diferentes áreas do conhecimento, funções e com qualificações variadas, sendo aproximadamente 100 funcionários na área administrativa.

Sobre sua estrutura física, a instituição é constituída por 114 salas de aula, duas salas dos professores (uma para o EDA e outra para os profissionais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio), sala de coordenações, Biblioteca Central, sala de Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE), duas bibliotecas setoriais subordinadas aos departamentos por especificidade, dois auditórios, quinze laboratórios, complexo esportivo, estúdio de dança e dois estacionamento. Além da sala de aula da turma na qual o estágio foi realizado, os espaços mais frequentados pela dupla de professores-estagiários foram a sala dos professores (espaço amplo e confortável, bem equipado para dar conta do grande número de profissionais que a frequenta diariamente) e o laboratório de língua portuguesa e literatura (espaço bastante aconchegante, com sofás e carteiras dispostas em círculo, tornando a leitura bastante convidativa). Vale ressaltar também a Biblioteca Central, destinada ao atendimento e assistência aos alunos, professores e funcionários. Além disso, a escola também possui grande complexo esportivo e auditório.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, os objetivos da instituição são: garantir acesso ao conhecimento científico produzido e acumulado pela humanidade; garantir condições de permanência aos alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio; produzir condições materiais de acesso à leitura dos títulos pertinentes à formação do homem social, produzir condições materiais à formulação de conceitos que frutifiquem em intelecções e discernimento acerca dos valores humanos e humanitários; produzir condições materiais à formação cidadã na perspectiva da politização e socialização dos conhecimentos apropriados; estimular e produzir condições de leitura e releitura das diversas matizes políticas, sociais, artísticas, econômicas, filosóficas e educacionais.

A orientação pedagógica da instituição se pauta na Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC), que é regida por três fios condutores e que se colocam como desafios no campo educacional: perspectiva de formação integral, referenciada numa concepção multidimensional de sujeito; concepção de percurso formativo visando superar o etapismo escolar e a razão fragmentária que ainda predomina na organização curricular e; atenção à concepção de

diversidade no reconhecimento das diferentes configurações identitárias e das novas modalidades da educação. Tendo também seu currículo pautado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), englobando os conteúdos centrais para a formação do aluno, baseando-se numa concepção de ensino que integra o desenvolvimento de competências, visando o prosseguimento de estudos com a aprendizagem, propiciando ao mesmo, um quadro teórico-referencial de análise que lhe permita compreender o processo pedagógico em sua totalidade e complexidade.

2.1.2. A turma

A turma na qual realizou-se as o estágio é uma das turmas matutinas de 8º ano do ensino fundamental e fica localizada na Ala Norte do prédio. De acordo com a lista de chamada oficial, a turma possui 33 alunos regularmente matriculados. Durante o período de observação, o número de alunos presentes variava entre 25 e 31 alunos. Durante o período de regência das aulas, esta média permaneceu. Uma das particularidades desta turma é que um dos alunos possui necessidades especiais (diagnosticado com autismo severo). Na etapa de observação, ele esteve ausente em todas as aulas, pois necessitava de um professor auxiliar e, segundo a coordenadora da ala, estavam tendo dificuldades em contratar um novo professor. Porém, poucos dias depois que iniciou-se o período de docência, um professor auxiliar foi contratado e o aluno passou a comparecer de forma assídua. Devido ao seu grau de autismo, sua interação com os demais alunos da turma se dá somente pelo fato de ocuparem o mesmo espaço físico: o aluno especial não participa das atividades que são aplicadas aos demais alunos. Ao invés disso, desempenha atividades específicas, aplicadas pelo seu professor-auxiliar.

De acordo com as respostas ao questionário que aplicamos em aula:

- A maioria dos alunos possui entre 13 e 14 anos de idade (dois alunos responderam ter 15 anos);
- Três alunos são naturais de outros estados (Pará, Paraná e Rio Grande do Sul), o restante é natural de Florianópolis. Não há nenhum aluno estrangeiro na turma;
- A maioria reside com seus familiares em bairros próximos à escola;

- Dois alunos informaram que trabalham, o restante se dedica exclusivamente aos estudos;
- A maioria estuda na instituição desde os anos iniciais;
- A maioria admitiu que não possui o hábito da leitura e da escrita, não costuma frequentar a biblioteca e dentre as atividades que costumam desempenhar em momentos de lazer, a mais frequente é o acesso às redes sociais, bem como assistir à filmes e séries.

A respeito da estrutura, a sala de aula fica localizada no primeiro andar (na Ala Norte, conforme mencionado anteriormente). Na parte exterior da sala, há um cartaz sobre liberdade religiosa. Em várias salas de aula que compõem a Ala Norte há cartazes produzidos pelos alunos. Na parte interna da sala não há nenhum trabalho exposto: a sala possui paredes brancas, com três murais marrons para a exposição de trabalhos, porém estão vazios. Durante o período de observação, houve uma atividade sobre literatura de cordel, na qual as produções foram expostas e, no dia seguinte, todas haviam sumido. Descobriu-se posteriormente que os próprios alunos haviam retirado os trabalhos dos murais. Como isso ocorre com frequência, os murais estão sempre vazios.

A sala possui uma boa estrutura, se comparada a muitas salas de escolas públicas: não há sinais de vandalismo e conta com mesa do professor, carteiras dispostas no modelo tradicional, um quadro branco, um projetor de imagem, cortinas nas janelas, armário, ar condicionado e ventilador (estes dois últimos funcionando perfeitamente). Durante o período de docência, não houve nenhum problema em relação aos recursos que compõem a sala de aula.

No início da etapa de observação, a turma não possuía espelho de classe. Porém, após o conselho de classe, cada aluno foi informado acerca do lugar em que deveria sentar-se. Uma folha contendo este espelho ficava disponível sobre a mesa do professor, juntamente com uma lista contendo as datas e os conteúdos das avaliações que seriam aplicadas na turma, em todas as disciplinas. É responsabilidade de todos os professores avisar com antecedência acerca das próximas avaliações e registrá-las nesta lista, podendo os alunos consultarem sempre que necessitarem. Sobre o espelho de classe, durante as aulas de língua portuguesa, em nenhum momento foi verificado e cobrado dos alunos: ficaram à vontade para sentar-se onde bem entendessem. Percebeu-se que eles, com poucas exceções, costumam sentar-se sempre nos

mesmos lugares, o que facilitou a memorização de seus nomes e seus rostos pela dupla de professores-estagiários durante a etapa de observação.

Geralmente os alunos sentam-se próximos aos colegas que possuem mais afinidade, o que faz com que eventualmente conversem entre si, havendo dispersão em alguns momentos da aula. Além da conversa paralela, a maioria dos alunos faz uso do celular durante as aulas (fazem *selfies* sozinhos e com outros colegas, ouvem música ou assistem vídeos com fone no ouvido, acessam as redes sociais, jogam, entre outras coisas), mesmo sabendo que é proibido, e mesmo sendo repreendidos diversas vezes. Diante destes problemas diagnosticados durante a observação, os professores-estagiários estipularam algumas regras com os alunos já no primeiro encontro, a fim de controlar o barulho e a dispersão e estabelecer um bom convívio. Pode-se dizer que o resultado foi bastante positivo: nas ocasiões em que algum aluno passava do limite, bastava chamar-lhe a atenção discretamente (pedir que se sentasse ou guardasse o celular, por exemplo) e o aluno corrigia-se prontamente.

No conselho de classe, que ocorreu no dia 17 de setembro, os professores-estagiários foram informados sobre uma aluna que sofre *bullying* na sala, justamente por colegas que sentam-se próximo a ela, com quem ela costuma realizar as atividades em grupo. Durante o período de observação, não presenciamos nenhuma situação assim, nem *bullying* e nem qualquer tipo de agressão física ou verbal. Porém, durante a regência das aulas observou-se alguns desentendimentos entre eles, mas logo se entendiam. Apesar de que há grupos bem definidos (conhecidos como “panelinhas”), não há inimizades na turma, todos convivem muito bem.

Entre as demais questões que foram levantadas por outros professores no conselho de classe, vale ressaltar acerca dos problemas cognitivos que alguns alunos possuem, porém que os pais negligenciam, ao invés de procurar tratamento adequado aos filhos; problemas de alfabetização (alunos que têm muita dificuldade para ler, escrever e interpretar, ainda que sejam textos curtos e simples). Em um destes casos, os professores-estagiários tiveram de recorrer a uma estratégia de avaliação diferente: com o intuito de incluir uma aluna que não conseguia se expressar por escrito na antologia de contos produzida pela turma, a professora-estagiária sentou-se ao seu lado e escreveu sua narrativa oral. Também foi ressaltado no conselho de classe acerca dos casos de depressão sofridos por alguns alunos: um deles, da turma em que o estágio foi desenvolvido, apresentou quadro de depressão no passado mas durante as etapas de observação e regência das aulas, obteve um ótimo desempenho. Em contrapartida, há alunos que utilizam a

depressão como mera justificativa para não serem produtivos, mentindo para o professor que possuem a doença.

Destaque também para duas situações específicas que foram bastante comentadas no conselho de classe: a de um aluno que dorme em quase todas as aulas (e que inclusive dormiu em várias aulas observadas, sendo acordado pela professora regente, bem como em algumas aulas regidas pelos professores-estagiários, sendo acordado por eles) e o caso de um aluno que é completamente negligenciado pela família (o aluno tinha um desempenho ruim em diversas disciplinas, apresentava diversos problemas, a instituição tentava entrar em contato com os seus pais, porém eles não compareceram à escola e não tomaram nenhuma providência). Felizmente, para surpresa da dupla de professores-estagiários, este mesmo aluno, que apresentou baixo rendimento durante as aulas observadas, mostrou-se um aluno exemplar durante as aulas regidas por eles, sendo um dos que mais participava e mais se empenhava na realização das atividades.

Em relação a professora que regeu as aulas de língua portuguesa durante a etapa de observação, há um aluno que propositalmente se recusava a acatar suas ordens, ignorando-a (justamente o que foi acusado de praticar *bullying* com a colega). Quando eram repreendidos, apenas poucos alunos respondiam de forma afrontosa (os demais apenas ficavam em silêncio e obedeciam). A professora evitava confrontos com os alunos, por isso muitas vezes relevou algumas atitudes deles, chamando a atenção dos alunos somente em situações mais graves, quando realmente foi necessário intervir. Sendo assim, penso que muitos reconheciam a autoridade dela e tentavam se comportar bem quando ela estava por perto, mas acabavam fazendo muita “bagunça” quando eram deixados por conta própria. Na etapa de regência das aulas, o comportamento da turma, em geral, melhorou bastante: os alunos mostraram-se mais calmos e obedientes com os professores-estagiários. Além disso, após alguns encontros, houve o retorno da professora que havia sido afastada por motivos de saúde e que, exercia uma autoridade maior sobre a turma por estar com eles há mais tempo, o que serviu de grande ajuda aos professores-estagiários.

Pode-se dizer que a turma era bem grande, com uma faixa etária em que os alunos estão bastante agitados e se dispersam com bastante facilidade, sendo difícil prender a atenção deles por muito tempo e controlar a conversa paralela e o uso dos celulares. Porém, quando era aplicada alguma atividade de produção textual, o barulho diminuía, pois eles ficavam concentrados em produzir. E nas atividades em grupo tornava-se mais fácil controlá-los. Outro aspecto marcante

nesta turma foi o excesso de faltas: houve encontros em que quase metade da turma encontrava-se ausente, fazendo-se necessário alterar os planos de aula algumas vezes, em virtude das faltas.

Portanto, o aspecto negativo que mais impactou a dupla foi a excessiva quantidade de faltas, fazendo com que fosse necessário retomar o conteúdo diversas vezes para que o desempenho dos alunos não fosse prejudicado. Em virtude deste problema, foram eliminadas algumas atividades que haviam sido previstas inicialmente no projeto de docência, para que outras pudessem estender-se a mais encontros. Quanto aos aspectos positivos, pode-se destacar o respeito que há entre eles e deles para com os professores, no sentido de respeitarem a autoridade dos professores-estagiários e realizarem as atividades que lhes foram solicitadas. Vale ressaltar também a dedicação que vários alunos tiveram com suas produções textuais e suas ilustrações, o que contribuiu para que a antologia de contos fantásticos ficasse muito bonita.

2.1.3. As professoras regentes

A professora que regeu todas as aulas de língua portuguesa durante o período de observação graduou-se recentemente no curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Segundo o que ela relatou à dupla em conversas informais, também possui formação em Comunicação social com habilitação em jornalismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e atuou nesta área por muitos anos. Atuou também como professora na educação infantil, porém na educação básica esta foi sua primeira experiência.

Quanto a professora que estava afastada por motivos de saúde e retornou pouco depois que os professores-estagiários assumiram a regência das aulas, possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Universidade Uniasselvi. É professora de língua e literaturas em Português para os ensinos fundamental e médio do estado de Santa Catarina e também idealizadora e coordenadora do projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina Sarau Boca de Cena, evento que promove a miscelânea cultural na grande Florianópolis, de acordo com as informações que constam em seu currículo Lattes, atualizado em 2015.

2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA

Com base nas reflexões reunidas durante o período de observação, a primeira das etapas do Estágio de ensino de língua portuguesa e literatura I, elaborou-se este Projeto de Docência, intitulado “Literatura Fantástica na escola: contos como estratégia pedagógica”. Além das reflexões que surgiram durante a observação das dez aulas de Língua Portuguesa, para a elaboração do presente projeto utilizou-se como ponto de partida a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Planejamento para o Ensino Fundamental da escola, a bibliografia indicada pelas professoras orientadoras desta disciplina, bem como a bibliografia que lemos e estudamos durante toda a nossa formação acadêmica.

2.2.1 Problematização

No decorrer da graduação dos professores-estagiários, percebeu-se que as disciplinas que têm como foco o ensino de língua e literatura portuguesa, por diversas vezes abordaram a ausência cada vez maior da literatura e da leitura em sala de aula. Enquanto prioriza-se o ensino de gramática, a literatura muitas vezes é colocada em segundo plano, ou são utilizados textos literários apenas como pretexto para o ensino de gramática. Constatou-se isso durante a etapa de observação do estágio. Durante a primeira visita à instituição, a dupla conheceu a biblioteca e o laboratório de português que a escola possui: ambos os ambientes são bastante agradáveis e possuem um bom acervo de literatura, porém são pouco frequentados pelos alunos. Ao conversarem com o professor responsável pelo laboratório de português, o mesmo disse que os alunos costumam frequentar este espaço para as aulas de reforço da disciplina e que é cada vez mais difícil fazer com que os alunos se interessem pelos livros, alertando os estagiários acerca dos obstáculos que encontrariam pela frente.

Circulando pelos espaços da instituição, raras foram as vezes em que a dupla se deparou com alunos lendo. E durante as dez aulas observadas, já no primeiro encontro, quando a professora regente se apresentou à turma (era seu primeiro dia na instituição) e pediu que cada estudante se apresentasse, dizendo seu nome e, dentre outras coisas, sua relação com a disciplina de língua portuguesa, a maioria dos alunos admitiu não ser leitor e não gostar da disciplina. Quando a dupla teve acesso aos conteúdos que foram ensinados aos alunos nos trimestres anteriores, evidenciou-se que foi priorizado o ensino de gramática. Sendo assim, sentiu-se a necessidade de trabalhar com literatura durante o período de docência. Porém,

O ensino de leitura sempre pressupõe três fatores: as finalidades, os conteúdos (textos) e as pessoas envolvidas no processo, ou seja, as características dos alunos e da turma a ser trabalhada. Sem a presença desses três fatores, o trabalho com a leitura/literatura corre o risco de se tornar vazio ou um “receituário” em que se repetem esquemas já prontos. (SILVA, 2003, p. 103)

Diante disso, foi elaborado um questionário com o intuito de conhecer melhor os alunos. Analisando as respostas ao questionário, foi possível entender a realidade sociocultural da turma, seus interesses pessoais, seus gostos, suas experiências de leitura e foram utilizadas essas características como ponto de partida para o ensino de literatura. Por exemplo, constatou-se que a maioria dos alunos não possui o hábito de ler e não costuma fazer dever de casa, portanto percebeu-se a necessidade de trabalhar com textos curtos, que pudessem ser lidos e explorados em sala de aula. Quanto às atividades que fizeram parte deste projeto, todas previram a realização e a conclusão em sala de aula, pelos motivos mencionados anteriormente.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Instituto Estadual de Educação:

A sociedade deve ser entendida como um grupo que seja capaz de materializar a forma de pensar, organizar o universo das relações sociais, buscando-se uma sociedade livre (equânime), com respeito às diversidades e a democracia. (PPP, 2018, p. 13)

Desta forma, tomando como norte o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição em que o estágio foi desenvolvido, assim como seu Planejamento para o Ensino Fundamental (especificamente para a disciplina de Língua portuguesa), chegou-se a um esboço do cenário que a instituição almeja alcançar. Nele, a escola objetiva o “desenvolvimento cognitivo-linguístico, motor e afetivo” dos educandos, a fim de constituírem-se como cidadãos, ou seja, promover “a materialização deste homem capaz de transformar o local e o universal, tendo como referência as utopias formuladas.” (PPP, 2018, p. 12). Nesse contexto, entende-se por utopia um estágio de existência em que o mundo seja um “espaço para a solidariedade”, no qual sujeitos sócio-historicamente constituídos busquem sempre “superar as desigualdades sociais” para a construção de “uma sociedade, com respeito às diversidades e à democracia” e tendo com fundamentos o compromisso com a dignidade humana, a justiça e a valorização da vida em sua plenitude.

Sendo assim, a proposta pedagógica da escola para o ensino fundamental passa pela educação voltada não apenas ao mercado de trabalho, mas também ao exercício da cidadania. Para isso, a contribuição da disciplina de língua portuguesa seria:

Proporcionar condições de aperfeiçoar e ampliar as habilidades necessárias ao domínio da língua e sua função fundamental de instrumento da comunicação oral e escrita. (Planejamento de 2017, 2017, p. 12)

Para atingir tais objetivos, as recomendações de abordagem da disciplina passam por: desenvolvimento de trabalhos de leitura, interpretação e produção textual, contato do aluno com a diversidade tipológica e genérica, possibilidade do aluno de se fazer ouvir, promoção de atividades em grupo junto à autonomia do aluno para criá-los, ortografia, exposição dos resultados e a experiência particular do aluno como ponto de partida do processo, na medida em que se sugere uma perspectiva sociointeracionista da aprendizagem.

Assim, respeitando a democracia e a diversidade da turma na qual o estágio foi desenvolvido, procurou-se incorporar no projeto de docência, na medida do possível, sugestões feitas pelos alunos em relação às dinâmicas das atividades: houve atividades em grupos (quintetos, quartetos e duplas) e atividades individuais. Além disso, como forma de respeitar as individualidades, optou-se por não atribuir nota às atividades orais, quer na leitura dos textos quer na exposição dos trabalhos feitos, deixando-as como opção àqueles que se sentem mais confortáveis nessas atividades. Felizmente, pouquíssimos foram os alunos que se recusaram a ler (a maioria não só participou, como se mostrou bastante interessada). Percebeu-se também que a disposição convencional das carteiras na sala de aula – em fileiras, uma atrás da outra, de frente para o quadro – não contribui para a construção coletiva do conhecimento. Porém, devido à grande quantidade de alunos na turma (33 alunos oficialmente matriculados), não é possível que seja feita uma disposição de carteiras em círculo ou semicírculo em aulas expositivas. Diante disso, as alternativas encontradas para promover a interação entre os alunos foram a realização de leituras e de atividades em grupo e a socialização das produções textuais que foram elaboradas durante a etapa de docência. Nas socializações em que o uso do quadro não foi necessário, as cadeiras foram organizadas em círculos, promovendo uma interação muito maior e resultados bem satisfatórios.

2.2.2 Escolha do tema

Durante a etapa de observação do estágio de docência, percebeu-se que a maioria dos alunos da turma não possui o hábito de ler e escrever textos literários. Com exceção de algumas alunas que demonstraram interesse por poesia, os demais estudantes não demonstraram interesse por nenhum gênero em específico e admitiram que não leem em seu tempo livre. Ao responderem ao questionário aplicado em sala, muitos informaram que seus familiares também não têm o hábito da leitura. Sendo assim, se a literatura não estava presente no cotidiano dos alunos, sentiu-se necessidade de levá-la para a sala de aula. Optou-se por trabalhar com o *fantástico* pelo fato de a maioria das crianças e dos adolescentes se interessarem por esse universo, e isso ficou evidente através das respostas que deram ao questionário. Ainda que não sejam leitores, os alunos se interessam por jogos, filmes e séries que contemplam elementos do gênero. Sendo assim, os professores-estagiários partiram de referências que são conhecidas pelos alunos para explicar os conteúdos de literatura, fazendo associações. Dessa maneira, os alunos demonstraram interesse e participaram das aulas expositivas e dialogadas.

Devido ao curto período de docência (20 aulas) e considerando que os alunos não costumam ler e nem fazer dever de casa, seria inviável trabalhar com romances ou textos extensos. Dentre as narrativas breves, optou-se por trabalhar somente com o gênero conto, para que pudessem ser feitas diferentes abordagens: aulas expositivas e dialogadas sobre o que constitui uma antologia, sobre os elementos da literatura fantástica e sobre a estrutura da narrativa e do gênero conto; atividades diversas onde foram aplicados estes conhecimentos; leituras de alguns contos fantásticos (em voz alta pelos professores-estagiários e pelos alunos, leituras coletivas e individuais/silenciosas pelos alunos); entre outros. Tendo em vista que muitos alunos se interessam por atividades artísticas manuais, segundo as respostas dadas ao questionário, optou-se por trabalhar também com ilustrações, de modo a tornar o projeto mais atrativo. Ao final do projeto, todos os conteúdos abordados no decorrer das aulas deram subsídio para a produção coletiva de uma antologia ilustrada de contos fantásticos.

2.2.3 Justificativa

A narrativa fantástica é a porta de entrada das crianças no mundo da literatura. Tal afirmação possui tanto uma dimensão histórica, na medida em que a literatura infantil como um gênero literário estável inicia-se, no século XIX, com a narrativa fantástica, como uma dimensão particular, circunscrita na experiência de vida de toda criança que depara, desde muito cedo, com

histórias de monstros, bruxas, princesas e fantasmas. Essas duas dimensões (da história da literatura infantil na escala do mundo e da história da literatura infantil na escala mais breve, e não por isso menos rica, da vida de cada criança) estão imbricadas: quando Wilhelm e Jacob Grimm, irmãos escritores e antropólogos considerados como dois dos principais introdutores do moderno conceito de literatura infantil, compilaram as histórias infantis e fantásticas de seu país natal, foi da tradição oral que as retiraram: tratavam-se, portanto, de histórias inscritas nas experiências das seguidas gerações de crianças habitantes de povoados rurais, e histórias que, não obstante, traziam elementos de sua vivência comum¹.

Esse é apenas um dos muitos exemplos que demonstram que a literatura fantástica guarda relação íntima com a vida da criança, e que isso reverbera na própria formalização de um gênero fantástico robusto e comercial de literatura que possui como alvo precisamente esse público. Poderia-se também falar de como, para toda a humanidade - e não apenas para as crianças - as histórias fantásticas constituem uma característica comum, muito explorada inclusive pelos antropólogos, manifesta nas mitologias dos povos. Adolfo Bioy Casares, na *Antologia da Literatura Fantástica*, que organizou junto com Jorge Luís Borges, seu grande amigo, e Silvina Ocampo, afirma que, “antigas como o medo, as ficções fantásticas são anteriores às letras. As assombrações povoam todas as literaturas: estão no Avesta, na Bíblia, em Homero, no *Livro das mil e uma noites*” (BORGES, BIOY CASARES, OCAMPO, 2014, p. 9).

Mas teriam essas histórias, de tempos e culturas distantes, qualquer efeito sobre a vida de crianças e adolescentes dos anos 2000? Não é necessário afirmar ou comprovar que *teriam*, quando pode-se, na verdade, afirmar e comprovar que já *têm*. Afinal, as histórias fantásticas que povoam suas vidas desde muito cedo, se já não são contadas ao redor de fogueiras em povoados ou tribos remotas, se hoje aparecem na forma de elementos tão caros à cultura de massas, como filmes, desenhos animados, jogos de *videogame*, histórias em quadrinhos, *best sellers*, séries etc., consumidos às vezes em solidão, às vezes em conexão com um outro do outro lado do país ou do planeta, são, ainda, tributárias de uma longa tradição, de uma longa teia

¹ São palavras de Wilhelm e Jacob Grimm, no prefácio à edição original dos Contos maravilhosos, infantis e domésticos (2012 [1812]): “A maioria das situações [presentes nos contos compilados] é tão simples que muitos já as viram na vida, mas, como todas as vivências verdadeiras, são novas e tocantes. Os pais não têm mais alimentos e, diante da miséria, precisam banir seus filhos, ou a madrasta rígida os faz sofrer ou gostaria que morressem. E há irmãos abandonados na solidão da floresta, o vento os assusta, eles têm medo dos animais selvagens, mas se mantêm fielmente unidos [...]” (p. 27). Os autores-compiladores comparam a poesia e os contos populares às espigas de milho que sobrevivem a uma tempestade e são recolhidas pelas famílias camponesas pobres, servindo-lhes de alimento para todo o inverno. Ao final do prefácio, declaram: “Assim, entregamos este livro às mãos benevolentes pensando na força abençoada que elas têm e que está nelas, e, àqueles que não querem conceder estas migalhas de poesia aos pobres e modestos, desejamos que fiquem ocultas para sempre”. (p. 33)

construída pela humanidade a partir de sua relação inerente com aquilo que é fantástico, fantasioso, aquilo que não se dá diretamente e materialmente aos olhos.

Considerando o que foi mencionado anteriormente, as narrativas fantásticas não apenas entretêm, divertem e surpreendem, como carregam lições e conservam uma natureza iniciatória, frequentemente envolvendo a passagem por testes e provações que conduzem ao amadurecimento. As multifaces da narrativa fantástica, e a possibilidade de abraçá-la contemporaneamente, está, enfim, bem colocada na seguinte afirmação de Ursula K. Le Guin (in BORGES, BIOY CASARES, OCAMPO, 2014), que escreve a introdução à edição norte-americana da *Antologia da literatura fantástica* (reproduzida como posfácio na edição brasileira publicada pela Cosac Naify): “A nossa sociedade – global, multilinguística, imensamente irracional – talvez só possa descrever a si mesma com a linguagem global e intuitiva da fantasia” (p. 441).

Após as respostas ao questionário aplicado na turma em que este projeto foi desenvolvido terem sido analisadas, constatou-se que o universo fantástico está presente no cotidiano dos alunos através de jogos, filmes e séries, porém, os alunos não possuem o hábito de ler e escrever textos literários. Sendo assim, sentiu-se necessidade de levar a literatura para a sala de aula facilitada pelo gênero fantástico. Como estratégia, foram utilizados temas pelos quais os alunos costumam se interessar (histórias de super-heróis, entre outros) como ponto de partida para o ensino de literatura. Tendo em vista que a etapa de docência contemplou apenas 20 aulas e que os alunos não costumam ler nem realizar atividades em casa, (conforme observou-se durante as 10 aulas assistidas), diagnosticou-se a necessidade de trabalhar com narrativas breves para que pudessem ser lidas e exploradas em sala de aula. Além disso, devido ao tempo reduzido da docência, dentre as narrativas breves foi selecionado o gênero conto, para que fosse possível seu aprofundamento, através de diferentes tipos de abordagens e de atividades que foram desenvolvidas.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola:

A escola pública deve ser um espaço coletivo de apropriação - produção - reflexão - reelaboração de conhecimento que busca produzir as condições objetivas e determinantes (que favoreça no educando seu desenvolvimento cognitivo-linguístico, motor e afetivo), para que todos os envolvidos no processo possam construir sua identidade social na perspectiva do pleno exercício da cidadania. (PPP, 2018, p. 12)

Partindo desse pressuposto, buscou-se contemplar neste projeto de docência estes quatro aspectos mencionados no PPP: apropriação (que se dá quando os alunos internalizam os conteúdos ministrados pelo(a) professor(a), através de aulas expositivas e dialogadas); produção (os conteúdos ministrados foram aplicados em produções textuais); reflexão (através de questionamentos aos alunos, buscou-se incitar a reflexão e o questionamento de conceitos adquiridos) e reelaboração (todas as atividades de produção textual receberam devolutivas dos professores-estagiários, seguidas de reescrita dos alunos, a fim de reformularem seus conceitos).

Buscou-se também promover a socialização entre os alunos, através de atividades em grupo, de leitura coletiva de textos e de leitura individual em voz alta de suas respectivas produções textuais, através de rodas de leitura.

A partir do período de observação, percebeu-se a turma como um grupo agitado de alunos com dificuldades generalizadas em atividades de produção. Embora apresentassem ideias claras, revelavam-se carentes de uma estruturação que tornasse seus textos claros e acessíveis. Portanto, optou-se por um trabalho de instrumentalização a fim de ajudá-los em produções textuais não tendo como foco os gêneros escolares, mas a prática discursiva para além dos muros da escola. Como estratégia de atração, foram escolhidos o tipo narrativo e o gênero fantástico e, devido ao tempo disponível e a facilidade de dispersão dos alunos, o gênero conto. Com isso, unido à estratégia de construção de uma antologia ao final para ser deixada na escola, acessível a todos, almejou-se torná-los capazes de perder os professores como destinatários de seus escritos e, conseqüentemente, experimentar a autonomia em seus discursos. Desta forma, desejou-se sair do período de docência tendo deixado se não o apreço pela literatura fantástica, uma contribuição na percepção deles como sujeitos ativos e donos de seus dizeres.

2.2.4 Referencial teórico

Para além da justificativa apresentada anteriormente, na qual foi defendida a relevância do projeto para a turma em que ele foi desenvolvido, cumpre ressaltar a *concepção de literatura*, e conseqüente implicações para o ensino da literatura, que embasam as escolhas temáticas e metodológicas deste projeto, bem como as *concepções de sujeito e de língua; ensino e aprendizagem* que este projeto se ancora.

2.2.4.1. Concepção de literatura

Em "O direito à literatura", Antonio Candido reconhece a literatura como um bem incompreensível (i.e., de que não se pode prescindir sem prejuízo da pessoa humana), à medida em que reconhece nela o papel humanizador (i.e., de elevação e desenvolvimento máximo da potencialidade intelectual e sensível da pessoa humana). Ao analisar o que nela proporciona tal efeito, ele destaca três faces que a constituem:

(1) ela [a literatura] é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2004, p. 176)

Partindo desses pressupostos, optou-se por trabalhar a literatura (1) de modo explícito na primeira face identificada por Candido, e (2) de modo implícito no que tange às duas últimas faces destacadas. Esperava-se proporcionar aos alunos, assim, um contato com a literatura fantástica que os permitisse reconhecer explicitamente as narrativas em sua forma e significado, reconhecendo temas e técnicas comuns na construção de narrativas fantásticas; que os permitisse, ainda, entrar em contato, implicitamente, com as emoções e visão de mundo latentes nas obras, que representam culturas e indivíduos diversos; e, por fim, que proporcionasse implicitamente a aquisição de conhecimento destacada por Candido na terceira face ("inclusive como incorporação difusa e inconsciente"), na medida em que a leitura dos textos permite (1) conhecer as próprias narrativas lidas, como objetos de cultura; e (2) conhecer novas palavras e sentidos, como reforço e convite para novas leituras.

2.2.4.2. Concepção de sujeito e concepção de linguagem

O desenvolvimento de um projeto de docência para a disciplina de Língua Portuguesa requer, considerando que o processo de ensino-aprendizagem envolve a língua, a escolha de concepções teóricas sobre sujeito e linguagem que sejam convergentes entre si de modo a alcançar o engajamento dos alunos na proposta elaborada para esse período de docência.

Convém destacar que o presente projeto de docência ancora-se na perspectiva da vertente histórico-cultural, cuja concepção de sujeito é vista pelo viés da interação, uma vez que este é tomado como constituído nas relações sociais, as quais modificam sua percepção do mundo e de si mesmos. Sendo o ser humano um ser social, é necessário que o consideremos em seu aspecto

sociointeracional. Vygotsky parte da premissa de que a função primordial da fala (modalidade oral da língua), tanto na criança quanto nos adultos, é o contato social. (apud JOBIM E SOUZA, 2008, p.131). Com base nesta premissa, as atividades elaboradas visaram estimular a interação entre os alunos, valorizando o trabalho em equipe. Esta interação se deu de formas distintas, considerando que iniciamos com grupos formados por cinco alunos e nas atividades a seguir reduzimos a quantidade de integrantes nos grupos até chegarmos à atividade individual (produção do conto que foi publicado). Após concluída a produção individual do conto, os alunos novamente reuniram-se em grupos, com a finalidade de compartilharem o material de arte (lápiz de cor, canetinhas, giz de cera, entre outros) e de ajudarem-se mutuamente durante o processo de ilustração. Vale destacar também que esta atividade de produção textual individual foi socializada no último encontro do período de regência, no qual formou-se uma roda de leitura de um exemplar da antologia. O livro circulou de mão em mão, para que todos pudessem ler a produção de um colega (e que tivesse sua produção lida por alguém). Ao término deste encontro, a antologia ficou no laboratório de português da escola, para que possa ser lida por todos que o frequentam. Aos alunos interessados, foi enviada uma versão digital do livro (e-book) via e-mail.

A respeito da *concepção de linguagem* adotada pela dupla de professores-estagiários, foi utilizado como ponto de partida o texto de João Wanderley Geraldi, (2006, p. 41), segundo o qual “[...] a linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana”. Sendo assim, de acordo com Geraldi, é por meio da língua que os sujeitos falam e praticam ações que sem ela seriam impossíveis. Nesse viés, a linguagem assume-se como instrumento de interação, baseada em sua natureza social, ou seja, serve aos sujeitos que a partir dela enunciam.

As concepções assumidas até aqui estão atreladas aos pressupostos bakhtinianos, principalmente à teoria do enunciado, na qual as interações humanas, ou as expressões do pensamento, se materializam sob a forma de *enunciado*. Segundo Bakhtin (2003), o enunciado tem seus fatores individuais e que pode refletir a individualidade do falante, mas pondera que as relações que a língua estipula provocam “tipos de enunciados”. Essas relações são chamadas de “gêneros do discurso” que, devido às infinitas possibilidades de uso da língua falada e escrita nas interações humanas, não se esgotam. O gênero conto, gênero escolhido para abordar a literatura fantástica, pelo fato de ser uma narrativa breve (levando em consideração que as aulas tiveram a duração de apenas 45 minutos), é um exemplo da vasta gama de possibilidades que um gênero textual pode assumir. Há contos de diversos tamanhos, diversos temas, entre outros aspectos. Uma das possibilidades abordadas foram os microcontos, que são populares em

algumas redes sociais, como o Twitter, na qual seus usuários escrevem micronarrativas com poucos caracteres (geralmente até 280). Porém, outras atividades exigiram a utilização de contos maiores, para melhor exploração dos elementos da estrutura narrativa do gênero conto.

Contudo, como devolver a autonomia ao aluno sobre seu próprio discurso? Como planejar atividades a fim de conseguir respostas positivas nesse sentido? No caso de produções textuais, a dupla amparou-se nas reflexões de Geraldí (1993, 2010). Segundo ele, é imprescindível que nos distanciemos de textos artificiais produzidos apenas dentro de sala de aula tendo o professor como interlocutor. Atividades como essa fogem ao uso natural da língua e não demonstram um conhecimento real dela, mas a demonstração, para a autoridade do professor, de que as regras do gênero escolar foram decoradas.

Na visão de Geraldí (1993), para haver uma abordagem mais orgânica no processo de produção textual, é necessário que se satisfaça alguns requisitos:

- ter o que dizer
- ter uma razão para dizer
- ter alguém para quem dizer
- ter a consciência de si como sujeito que se utiliza da língua para se posicionar
- ter uma escolha consciente de estratégias para dizer.

Sendo assim, amparados por esse aporte teórico, os professores-estagiários optaram por deixá-los livres para escolher os sujeitos que comporiam seus grupos a fim de se estabelecerem outras vozes no processo dialógico para além do professor-aluno, assim como esclareceram a liberdade temática que teriam dentro do gênero fantástico, uma vez que suas afinidades seriam mais importantes do que imposições feitas pelos professores. Para isso, tudo que o estabeleceu-se como passível de correção foi o conteúdo referente à estrutura narrativa. Além disso, ao propor a construção de uma antologia com os contos escritos para permanecer na instituição (ao alcance de todos), procurou-se eliminar os professores como destinatários finais das produções e, conseqüentemente, tentou-se evitar a submissão das produções ao gênero escolar.

Com isso em mente, tomou-se o cuidado de trabalhar com a exposição ao gênero de maneira gradual e associada com atividades de produção a fim de oferecer não uma aprendizagem modelar, mas comprometida com o domínio do gênero em questão. Desta forma, a metodologia adotada optou por uma inserção gradativa dos alunos na posição de produtores de textos. Primeiramente, após exposição aos aspectos estruturais, foram responsáveis por criar um desfecho para um conto pré-existente; em seguida, foram responsáveis por uma produção maior,

desta vez a partir do surgimento do conflito. Só então foram colocados na posição de escrever um conto totalmente original.

Apesar de todas as atividades de produção textual terem previsto as etapas de produção e revisão, para construir a atividade final de produção textual, que se configurou como uma antologia de contos fantásticos ilustrados, por sua vez, baseou-se na tríade proposta por Menegassi (1995): planejamento-execução-revisão. Evitou-se levar qualquer texto de referência para amparar a atividade, procurando evitar o que Menegassi e Fuza (2008) constataram em suas observações sobre atividades de produção textual feitas em sala de aula, nas quais os alunos acabavam criando textos muito parecidos com o exemplo.

Além disso, como estímulo para a atividade de reescrita, os alunos receberam uma devolutiva que contou com observações a respeito dos desvios da norma padrão destacados no texto, além de alguns apontamentos em forma de perguntas sobre a narrativa, uma vez que, de acordo com Christenson (2002), essa é a maneira mais eficiente de se colocar como mediador no processo de produção textual de um aluno.

Desta forma, através de comentários por escrito, foi proposto o que Menegassi (1998) define como “revisão orientada”, que acaba provocando resultados mais produtivos na fase de reescrita, estimulando não apenas as mudanças indicadas pelo professor, mas também as espontâneas (advindas da própria percepção do aluno em relação ao próprio texto e às maneiras escolhidas de mobilizar a língua a fim de construir seu discurso). Esses comentários foram parte fundamental do processo de produção textual, uma vez que serviram para guiar a revisão, auxiliando na passagem da primeira versão do texto para a reescrita.

A fim de prepará-los para essa produção textual final, foram abordados conteúdos que deram subsídio não apenas à escrita do conto, mas a toda performance do sujeito na modalidade escrita da língua (dentro e, principalmente, fora de sala de aula). Primeiramente, apresentou-se as características de uma antologia aos alunos, utilizando diversas referências, para que compreendessem que este projeto de docência teria como resultado uma antologia de contos fantásticos ilustrados produzidos por eles. Em seguida, abordou-se a estrutura da narrativa, associando-a com as especificidades do gênero conto. Após os alunos aplicarem estes conhecimentos em atividades de fixação e atividades de produção textual variadas, introduziu-se o tema “ilustração” como nova ferramenta semiótica e, conseqüentemente, resultado do contato discursivo entre os sujeitos.

2.2.4.3. Concepção de ensino e aprendizagem

De acordo com a vertente histórico-cultural, na qual este projeto de docência baseia-se, o desenvolvimento dos sujeitos ocorre por meio da interação do sujeito com seu contexto social, por isso a escola exerce influência marcante na formação dos sujeitos.

Nesse sentido, recorreu-se à fala de Moreira (2011) a respeito da perspectiva teórico-metodológica fundada por Vygotsky, na qual se defende o processo de ensino-aprendizagem como uma dinâmica dialógica, na medida em que, ao agir sobre a zona de desenvolvimento potencial do aluno, fornece “significados socialmente compartilhados” sobre a área ensinada, cabendo ao aluno internalizá-los e demonstrar sua compreensão deles para ser verificada pelo professor. Nesse movimento, segundo Moreira (2011):

[...] o professor pode também aprender, na medida em que clarifica ou incorpora significados à sua organização cognitiva; no entanto, como professor, ele ou ela está em posição distinta do aluno no que se refere ao domínio de instrumentos, signos e sistemas de signos, contextualmente aceitos, que já se internalizou e que o aluno deverá ainda internalizar. (MOREIRA, 2011, p. 119)

Conforme mencionado anteriormente, é por meio da linguagem que os sujeitos interagem e constroem relações. Na concepção que este projeto assume, o professor serve de mediador entre o conhecimento e os alunos, trabalhando em conjunto com o objetivo de ampliar o conhecimento e modificá-los, propondo atividades a fim de que se construa uma aprendizagem significativa, atividades que levem o aluno a refletir e desenvolver sua autonomia, bem como o incentivo à troca de conhecimentos nos trabalhos em equipe.

2.2.5 Objetivos

Nesta seção, estão presentes o objetivo geral e os objetivos específicos que nortearam o presente projeto.

2.2.5.1. Objetivo geral

- Conhecer e fazer uso das possibilidades de expressão nas narrativas fantásticas breves.

2.2.5.2. Objetivos específicos

- Compreender a definição de antologia e conhecer suas diversas possibilidades;
- Compreender o que é uma narrativa fantástica;
- Reconhecer o gênero conto como gênero que circula socialmente, considerando sua função social, tema, estilo e forma de composição;
- Desenvolver a prática da leitura e interpretação pela leitura-estudo de contos;
- Aprimorar prática da escrita através de atividades de produção de contos fantásticos;
- Fazer uso de marcas discursivas, textuais e linguísticas próprias do gênero conto na produção da ampliação de uma narrativa menor;
- Ilustrar contos fantásticos considerando a ilustração como possibilidade de diálogo com o texto escrito.

2.2.6 Conhecimentos trabalhados

- Elementos que caracterizam uma antologia;
- Leitura de estudo do gênero conto;
- Estrutura do gênero textual conto: narrador, personagens, espaço, tempo, enredo e momentos da narrativa (apresentação, complicação, clímax, desfecho);
- Aspectos intertextuais entre a narrativa e a ilustração;
- Elementos que caracterizam uma antologia;
- Produção escrita e reescrita do gênero conto.

2.2.7 Metodologia

No primeiro encontro (aula 01), após a apresentação do projeto de docência, houve uma aula expositiva e dialogada sobre antologias, para que os alunos pudessem compreender que a sequência de aulas regidas por nós resultaria em um produto final (uma antologia de textos produzidos pela turma, que se caracterizam como contos fantásticos ilustrados). Como exemplos, foram apresentadas a eles cinco tipos diferentes de antologias.

No segundo encontro (aulas 02 e 03), foi feita uma introdução à literatura fantástica, através de aula expositiva. Neste encontro, também os alunos também foram expostos à estrutura da narrativa, com destaque à estrutura do gênero conto. Em seguida, houve uma atividade em

grupo (5 alunos) que consistiu em montar as partes do conto “Um tigre de papel”, de Marina Colasanti (espécie de quebra-cabeças), possibilitando aos alunos exercitar os conhecimentos que internalizaram da aula expositiva. A atividade teve como material de apoio um questionário elaborado com a intenção de auxiliá-los nesse processo.

Na aula 04, foram esclarecidas algumas dúvidas que ficaram sobre os assuntos abordados na aula anterior, com base nos erros que foram diagnosticados nas respostas ao questionário e nos erros de montagem do conto. A seguir, os alunos receberam novamente o questionário da aula passada, porém desta vez receberam o conto completo impresso e tiveram uma nova oportunidade de responder às questões.

Na aula 05, foram retomados alguns elementos da estrutura da narrativa que foram trabalhados desde a aula 02 (narrador, personagem, tempo e espaço) e foram expostos novos elementos (enredo, apresentação, complicação, clímax e desfecho), com esquema no quadro. A seguir, os alunos receberam, individualmente, um roteiro de estudos, contendo as definições de cada elemento da estrutura narrativa e perguntas sobre esses elementos no conto “Um tigre de papel”, juntamente com o conto impresso para que pudessem consultar.

Na aula 06, os alunos reuniram-se em duplas. Cada dupla recebeu uma cópia do conto “O ovo com solenidade”, de Duílio Gomes, sem título, clímax, desfecho e sem a autoria divulgada. A seguir, foi feita coletivamente a leitura em voz alta por alunos voluntários (o restante da turma acompanhou a leitura). A professora-estagiária fez perguntas às duplas, acerca dos elementos da estrutura deste conto (narrador, personagens, etc) e montou um esquema no quadro com as respostas corretas. Também foram levantadas diversas hipóteses de possíveis clímax e desfechos. A seguir, cada dupla teve de criar as respectivas partes que estavam faltando. O conto foi o mesmo para todas as duplas, de modo que puderam ser exploradas diferentes possibilidades de clímax, desfechos e títulos para a mesma história. Ao final da aula, os textos foram entregues para correção e devolutiva dos professores-estagiários.

No encontro seguinte (aulas 07 e 08), as produções textuais foram devolvidas para reescrita. Após todos finalizarem a reescrita, foi feita uma socialização: sentados em círculo (com as cadeiras), um integrante de cada dupla leu sua produção para a turma. Em seguida, estava previsto que a professora-estagiária revelaria o título original e as partes que estavam faltando, bem como a autoria do conto lido, porém, como não houve tempo suficiente, esta revelação foi feita no início do encontro seguinte.

Na aula 09, após a leitura do conto completo abordado no encontro anterior, os alunos reuniram-se novamente em duplas e fizeram outra produção textual: foi apresentado a eles o microconto “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich (sem o título e o nome do autor),

que abre margem para diversas interpretações, e cada dupla teve que expandir esse microconto para um conto maior, acrescentando os elementos que julgaram necessários e respeitando os elementos da estrutura narrativa que estavam presentes. Ao final da aula, as produções foram recolhidas para correção e devolutiva dos professores-estagiários.

Na aula 10, o professor-estagiário fez uma breve exposição acerca de alguns problemas diagnosticados nas produções textuais elaboradas no encontro anterior, utilizando como exemplo trechos retirados das produções deles. A seguir, as duplas receberam seus respectivos textos para reescrita. Ao final, os contos reescritos foram recolhidos para nova correção. Neste encontro não houve socialização. Porém, alguns destes textos produzidos por eles foram utilizados posteriormente em uma atividade de recuperação paralela envolvendo palavras cruzadas, aplicada no penúltimo encontro da etapa de docência (foi a alternativa que os professores-estagiários encontraram de promover a socialização destes textos sem comprometer o cronograma das aulas).

As aulas 11 e 12 foram dedicadas ao planejamento e à produção textual final, no qual os alunos receberam uma ficha de planejamento e contaram com três caixas de sugestões que ajudaram a estimular a criatividade: personagens, espaços e situações. Ao final desta aula-faixa, os textos foram recolhidos para correção e elaboração da devolutiva dos professores.

No encontro seguinte (aulas 13 e 14), devido a algumas alterações no cronograma da escola, os professores-estagiários utilizaram o período que seria a aula de história da turma, cedida pelo professor, para que os alunos pudessem fazer a reescrita dos contos. Alunos que haviam faltado no encontro anterior fizeram a primeira versão do texto. Por fim, conforme alguns alunos foram finalizando a etapa de reescrita, estes receberam o material de arte (folha em branco, lápis de cor e etc) e foram orientados individualmente a iniciar a etapa de ilustração de seus respectivos contos.

A aula 15 foi destinada à ilustração dos contos. Após breve exposição sobre o conceito de ilustração e orientações gerais para a realização da atividade, os alunos reuniram-se em quartetos para o compartilhamento do material de arte (lápis de cor, canetinhas, giz de cera, etc.) e cada um fez a ilustração do conto que escreveu. Alunos que ainda necessitavam fazer ajustes em seus textos, aproveitaram esta aula para fazê-lo. Conforme concluíam seus textos, passavam à etapa de ilustração.

No encontro seguinte (aulas 16 e 17), reunidos em grupos novamente, os alunos finalizaram todo o material que foi utilizado posteriormente na antologia de contos fantásticos ilustrados da turma, dando os últimos retoques em seus textos e concluindo suas ilustrações. Como houve alunos faltantes (que haviam escrito o conto), conforme os alunos foram concluindo

suas ilustrações, recebiam o conto de algum colega ausente para ilustrar (estes receberam um ponto a mais em sua avaliação), com o intuito de que o livro ficasse completo.

Na aula 18 foi aplicada uma atividade de revisão dos conteúdos abordados durante todo o projeto, servindo de recuperação paralela. Reunidos em quartetos, cada equipe recebeu um conto produzido pelos colegas durante a atividade de ampliação de um microconto, juntamente com dez questões sobre o respectivo texto e uma cruzadinha logo abaixo, onde teriam de escrever as respostas diretamente. Ao final, as atividades foram recolhidas para correção.

Por fim, no último encontro (aulas 19 e 20), foi feita a socialização da antologia elaborada pela turma. Sentados em roda, foi entregue o livro impresso a eles, e após alguns comentários acerca da produção do livro, cada aluno leu um conto e exibiu a ilustração aos colegas, passando adiante para que o colega fizesse o mesmo. Professores participaram também. Ao término da aula, cada aluno recebeu uma pequena lembrança, elaborada pelos professores-estagiários. O livro físico foi deixado no laboratório de português da escola.

2.2.7.1 Recursos necessários

- Textos impressos (mencionados nas referências de cada aula e anexados);
- Atividades impressas (anexadas aos respectivos planos de aula);
- Algumas antologias impressas;
- Fita dupla-face;
- Folhas brancas em formato A4 e A5;
- Folhas com pauta;
- Lápis de cor;
- Canetinhas;
- Giz de cera;
- Quadro branco;
- Canetas para quadro branco;
- Antologia de contos fantásticos ilustrados produzida pela turma (livro impresso).

2.2. 8 Avaliação

Compreende-se a avaliação como um processo contínuo e colaborativo, onde está inserida tanto a avaliação do aluno quanto a autoavaliação do próprio professor no que diz respeito ao andamento do projeto. Nesse sentido, privilegia-se como instrumentos atividades criativas de

escrita e reescrita, e atividades de interpretação que permitam o contato direto com o texto literário. Foram avaliadas, além do desempenho nos conhecimentos estabelecidos, as atitudes dos alunos perante os demais colegas e os professores-estagiários, prezando-se pelo respeito na convivência. Os critérios e instrumentos de avaliação encontram-se discriminados em todos os planos de aula.

Evitando-se uma estratégia focada nos erros, com destaques em vermelho e um valor numérico no topo, seguiu-se a sugestão de Mendez (2002a) de usar as atividades avaliativas como forma de conhecer o que o aluno sabe e trabalhar a partir daí, uma vez que toda atividade avaliativa deve ter potencial de aprendizagem. Também optou-se pela clareza recomendada por Mendez (2002b) quanto aos critérios de avaliação adotados.

Fazendo uso das palavras de Antunes (2003), “[...] não pretendo propor a ingenuidade permissiva e simplista de aceitar qualquer resultado” (ANTUNES, 2003, p. 160). Sendo assim, não se trata de admitir qualquer resposta, mas de compreender que se trata de um processo lento e que uma atitude estimulante a partir do que trazem pode ser muito mais representativa.

Nessa perspectiva, optou-se por estabelecer um processo de avaliação alinhado com as exigências do Projeto Político Pedagógico da instituição, a saber, diagnóstico, contínuo e cumulativo, com “verificação de aprendizagem de conhecimentos e do desenvolvimento de competências” (PPP, 2018, p. 20). Desta forma, foram considerados como instrumentos avaliativos todas as atividades propostas nas aulas, distribuídas em dois grandes blocos, assim como comportamento e participação (pois se compreende que o respeito e o comprometimento são características fundamentais à criação de uma sociedade igualitária).

Sobre os blocos, o primeiro foi composto pelas atividades: questionário sobre o conto “O tigre de papel”, de Marina Colasanti; roteiro de estudos sobre o conto; produção de título e desfecho para o conto “O ovo com solenidade”, de Duílio Gomes, e produção de desenvolvimento e desfecho para o microconto “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich. Assim, totalizam cinco avaliações. Cada uma receberá nota de 1 a 10, podendo ser alterada pelo comportamento e a participação percebidas em sala pelos professores-estagiários. Ao final, a primeira nota será obtida através de uma média aritmética simples.

O segundo bloco teve como foco a construção da antologia da turma e foi composto pelos seguintes instrumentos avaliativos: escrita do conto e sua respectiva ilustração. Assim, totalizam seis avaliações. Cada uma receberá nota de 1 a 10, podendo ser alterada pelo comportamento e

a participação percebidas em sala pelos professores. Ao final, a segunda nota também será obtida através de uma média aritmética simples.

Além disso, como parte fundamental do processo de avaliação e seguindo as diretrizes da escola, foram previstas atividades de recuperação paralela de forma contínua e sempre que foram constatadas dificuldades na aprendizagem de determinado conteúdo. Nesses casos, decidimos adotar “[...] a retomada pedagógica dos conceitos/conteúdos com posterior aplicação de novo instrumento avaliativo...” (PPP, 2018, p. 26). Assim, considerando o foco do projeto em atividades de produção textual, as recuperações paralelas previstas consistem na reescrita delas assim como na revisão do questionário sobre o conto “O tigre de papel”, de Marina Colasanti. Além disso, foi aplicada uma atividade de revisão no penúltimo encontro (com palavras cruzadas), envolvendo todos os conteúdos trabalhados no decorrer do projeto. Portanto, além das seis atividades que compõem os dois blocos deste projeto, esta se enquadra como sétima atividade. A nota desta atividade substituiu a menor nota que os alunos obtiveram ao longo do projeto, com exceção das produções textuais.

Especificamente, se caracterizam como atividades de recuperação: revisão do questionário sobre o conto “O tigre de papel” após reexposição dos conteúdos trabalhados e reformulação do contato com o texto (passando de um conjunto de fragmentos para leitura coletiva feita em sala); reescrita do título e do desfecho criados para o conto “O ovo com solenidade”, de Duílio Gomes, após devolutiva por escrito elaborada pelos professores e exposição das principais dificuldades diagnosticadas nos textos; reescrita do desenvolvimento e do desfecho criados para o microconto, “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich, após devolutiva por escrito elaborada pelos professores e exposição das principais dificuldades diagnosticadas nos textos, reescrita do conto autoral criado para a construção da antologia da turma, após devolutiva por escrito elaborada pelos professores-estagiários e exposição das principais dificuldades diagnosticadas nos textos; e por fim, a atividade de revisão de conteúdos com palavras cruzadas.

Desta forma, seguindo a proposta de uma avaliação contínua dos alunos, foram aplicadas um total de seis atividades avaliativas com cinco atividades de recuperação paralela. Elas foram divididas em dois blocos: o primeiro com quatro atividades avaliativas e três atividades de recuperação paralela e o segundo com duas atividades avaliativas e uma atividade de recuperação paralela. Além disso, a atividade de revisão geral, que recupera a menor nota que os alunos receberam pelas atividades anteriores. Através de médias aritméticas simples chegaremos a uma

nota de 1 a 10 para cada bloco e, ao final do projeto, através de média aritmética simples, chegaremos à média final.

2.2.9 Cronograma das aulas

<p>Aula, data, horário e estagiário(a) responsável</p>	<p>Atividades desempenhadas</p>
<p>Aula 01: 04/10 - 10h50 às 11h35</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Apresentação da equipe e do projeto. Também foram estipuladas algumas regras de convivência durante o período de regência;</p> <p>Aula expositiva sobre antologia, utilizando diferentes referências.</p>
<p>Aulas 02 e 03: 07/10 - 8h15 às 9h45</p> <p>Resp: Douglas</p>	<p>Aula expositiva sobre o gênero fantástico. Exposição sobre a estrutura da narrativa com foco na estrutura do gênero conto. Neste encontro, foram expostos: narrador, personagens, espaço e tempo;</p> <p>Atividade em quartetos: Fazendo uso dos conhecimentos expostos anteriormente, montagem do conto “Um tigre de papel”, de Marina Colasanti. Os trechos estavam com fita dupla face na parte de trás e deveriam ser afixados em folha A4 (entregue junto);</p> <p>Questionário a partir da leitura do conto montado, com perguntas sobre as estratégias de ordenação, possibilitando a reflexão sobre o texto, a interpretação e a possibilidade de rever a ordenação.</p>
<p>Aula 04: 08/10 - 10h05 às 10h50</p> <p>Resp: Douglas</p>	<p>Aula expositiva retomando alguns conteúdos da aula anterior, de acordo com os erros apresentados no questionário respondido pelos alunos;</p> <p>Os alunos receberam uma folha com o conto “O tigre de papel”, de Marina Colasanti. A seguir, foi feita leitura coletiva em voz alta (com alguns alunos voluntários lendo e os demais acompanhando a leitura);</p> <p>Após novos esclarecimentos a partir da leitura do texto completo, os alunos receberam novamente o questionário para reverem e reescreverem suas respostas.</p>

<p>Aula 05: 11/10 - 10h50 às 11h35</p> <p>Resp: Douglas</p>	<p>Rememoração dos elementos da estrutura narrativa expostos nas aulas anteriores e exposição em mapa mental no quadro a fim de dar continuidade aos elementos da estrutura narrativa. Neste encontro, o foco foi enredo, apresentação, clímax e desfecho;</p> <p>Após copiarem o esquema do quadro, os alunos receberam um roteiro de estudos para ser respondido individualmente a partir do conto “Um tigre de papel” (entregue na aula anterior). Nesta folha, havia também uma relação com todos os elementos da narrativa que foram trabalhados desde a aula 02.</p>
<p>Aula 06: 18/10 - 10h50 às 11h35</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Reunidos em duplas, os alunos receberam uma folha com o conto “O Ovo com Solenidade”, de Diuílio Gomes, impresso, com título, clímax e desfecho omitidos. A seguir, foi feita leitura coletiva em voz alta (com alguns alunos voluntários lendo e os demais acompanhando a leitura);</p> <p>Após a leitura, foram feitas perguntas às duplas, acerca dos elementos da estrutura deste conto. De acordo com as respostas, foi montado um esquema no quadro (para que pudessem visualizar durante a realização da produção textual). Após concluído o esquema, foi feito um levantamento de possíveis clímax e desfechos para este conto;</p> <p>Cada dupla teve de criar um título, um clímax e um desfecho para o conto e entregar ao término da aula.</p>
<p>Aulas 07 e 08: 21/10 - 08h15 às 09h45</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Atividade em duplas: após devolutiva dos professores-estagiários, reescrita de título, clímax e desfecho para o conto “O Ovo com Solenidade”, de Diuílio Gomes;</p> <p>Socialização das escritas: sentados em círculo, um integrante de cada dupla fez a leitura das partes que produziram.</p>
<p>Aula 09: 22/10 - 10h05 às 10h50</p> <p>Resp: Douglas</p>	<p>Retomando o encontro anterior, leitura em voz alta do conto “O Ovo com Solenidade”, de Diuílio Gomes, revelando as partes que haviam sido omitidas e a autoria;</p> <p>Reunidos em duplas, os alunos receberam uma cópia do microconto “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich.</p>

	<p>Após a leitura, foram feitas perguntas à turma, acerca dos elementos da estrutura deste conto, guiando-os para a percepção daquilo que faltava (desenvolvimento, clímax e desfecho). Auxílio de esquema no quadro (para que pudessem visualizar durante a realização da produção textual). Também foram levantadas possibilidades de leitura para o texto;</p> <p>Como atividade, cada dupla teve que partir do conflito no qual o microconto se encerra para expandi-lo, desenvolvendo-o até passar pelo clímax e concluir-se no desfecho.</p>
<p>Aula 10: 25/10 - 10h50 às 11h35</p> <p>Resp: Douglas</p>	<p>Comentários gerais a partir das dificuldades diagnosticadas nas produções.</p> <p>Após essa exposição, as produções da aula anterior foram devolvidas para reescrita (com devolutivas). Ao final, as produções foram recolhidas para correção.</p>
<p>Aulas 11 e 12: 28/10 - 08h15 às 09h45</p> <p>Resp: Douglas</p>	<p>Planejamento da produção textual (conto): Cada aluno recebeu uma ficha organizadora para execução de um projeto de conto. O professor levou algumas “caixas de ideias” com sugestões para algumas lacunas da ficha. Os alunos puderam sortear sugestões de personagem, espaços e situações para a história, mas não foram obrigados a adotá-las em sua produção;</p> <p>Cada aluno, individualmente, a partir do projeto feito na ficha, teve de escrever seu conto, para ser entregue (junto da ficha de planejamento) ao final da aula.</p>
<p>Aulas 13 e 14: 05/11 – 9h às 9h45; 10h05 às 10h50</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Entrega dos contos com a devolutiva para reescrita;</p> <p>À medida que foram finalizando a etapa de reescrita, cada aluno começou a ilustração de seu conto, recebendo orientações de forma individual.</p> <p>Ao final, todo o material foi recolhido para correção.</p>
<p>Aulas 15: 08/11 – 10h50 às 11h35</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Aula destinada à ilustração dos contos: Após breve exposição sobre o conceito de ilustração e orientações gerais para a realização da atividade, os alunos se reunirão em quartetos para o compartilhamento do material de arte (lápis de cor, canetinhas, giz de cera, etc.) e cada um fará a ilustração do conto que escreveu. Caso haja alunos faltantes, os alunos que tiverem concluído sua ilustração, receberão o conto de algum colega ausente para ilustrar (estes receberão um ponto a mais em sua avaliação).</p>

<p>Aulas 16 e 17: 11/11 - 8h15 às 9h45</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Aula destinada à finalização do material reunido para a antologia: últimos ajustes nos contos (reescrita dos alunos que faltaram em alguma aula anterior e/ou que tenham apresentado muitos problemas em seu texto) e conclusão de todas as ilustrações. Novamente, os alunos poderão reunir-se em quartetos para compartilharem o material de arte (lápis de cor, canetinha e giz de cera).</p> <p>Ao término da aula, os professores-estagiários recolheram todo o material produzido e organizaram a antologia para impressão.</p>
<p>Aula 18: 12/11 - 10h05 às 10h50</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Votação para a escolha do título da antologia;</p> <p>Atividade de recuperação paralela: Reunidos em quartetos, cada grupo recebeu um texto (elaborado por colegas na atividade de ampliação do microconto) e uma folha com palavras cruzadas envolvendo os conteúdos que foram trabalhados no decorrer de todo o projeto, bem como perguntas relacionadas ao texto que receberam.</p>
<p>Aulas 19 e 20: 18/11 - 08h15 às 09h45</p> <p>Resp: Indianara</p>	<p>Encerramento: sentados em círculos, os alunos receberam um exemplar da antologia; a seguir, cada aluno leu em um conto voz alta, exibiu sua respectiva ilustração aos colegas e passou o livro ao colega do lado, para que fizesse o mesmo;</p> <p>Ao final, cada aluno recebeu uma pequena lembrança elaborada pelos professores-estagiários (saquinho temático contendo doces) e o livro impresso ficou disponível no laboratório de português.</p>

2.2.10 Planos de aula

Nesta seção, apresentamos o plano de cada uma das aulas sintetizadas no cronograma de docência, anexando os respectivos textos e atividades.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 1 – 1h/a (04/10/2019 – Sexta-feira – 10h50 às 11h35)

Tema: Apresentação do projeto

1 Objetivos

1.1 Objetivo geral

Conhecer todas as partes do Projeto de Docência a ser ministrado pelos professores-estagiários;

1.2 Objetivos específicos

Entender a dinâmica das aulas seguintes;
Compreender a finalidade do projeto;
Conhecer os professores-estagiários;
Aprender a definição de antologia e conhecer suas diversas possibilidades.

2. Conhecimentos abordados

A natureza do fantástico e características comuns do gênero;
Conceito de antologia;
A extensão e relevância do projeto para sua formação.

3. Metodologia

Chamada (5 min);

Apresentação da equipe e do Projeto de Docência, contemplando menção à antologia que será produzida ao final da execução do projeto. Também serão estipuladas algumas regras de convivência durante nosso período de regência. (20 min);

Aula expositiva sobre antologia, utilizando diferentes referências como exemplos. Os exemplares irão circular de mão em mão. Para promover a interação dos alunos, vamos partir de questões norteadoras que nos possibilitem saber qual o conhecimento dos alunos sobre o que seja uma antologia. (20 min).

4. Recursos necessários

Quadro branco;
Canetas para quadro branco;
Alguns exemplares de antologias (mencionados nas referências).

5. Avaliação

Instrumento: Análise dos livros

Critérios: Relação entre os livros e a aula expositiva. Comportamento em sala. Cuidado com o material alheio (os livros passados de mão em mão). Respeito aos colegas e aos professores.

6. Referências bibliográficas

COSTA, Flávio Moreira da (Org). **13 dos melhores contos de vampiros da literatura universal**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5a ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GRIMM, Jacob. GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos, infantis e domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MORICONI, Italo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

SERRANI, Silvana. **Antologia**: escrita compilada, discurso e capital simbólico. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200008>
Acesso em: 01.out.2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Planos de aula 2 e 3 - 2h/a (07/10/2019 - Segunda-feira - 08h15 às 09h45)

Tema: Apresentação do gênero conto e de estrutura narrativa

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Compreender os elementos da estrutura narrativa e, por extensão, das narrativas fantásticas através de aula expositiva e dialogada e de atividade interativa.

1.2 Objetivos específicos

Conhecer os aspectos característicos do gênero fantástico;
Identificar elementos característicos da estrutura narrativa (narrador, personagem, espaço e tempo);
Expressar a compreensão da estrutura narrativa com resposta em questionário;
Trabalhar em equipe.

2. Conhecimentos abordados

O gênero fantástico e suas várias faces em produtos que consomem;
A socialização de experiências particulares com o gênero;
Especificidades do gênero conto;
Elementos da estrutura narrativa.

3. Metodologia

Aula expositiva sobre o gênero fantástico como continuação da aula anterior. (10 min);

Exposição, através de mapa mental construído no quadro, sobre a estrutura do gênero conto com foco na apresentação: narrador, personagem, espaço e tempo. Como estratégia de exposição, serão mencionados exemplos dos elementos da narrativa em obras de ficção de outras mídias, como cinema e televisão, sempre que necessário. (15 min.);

Após a exposição, será dado um tempo para que copiem os esquemas passados no quadro. Enquanto isso, o professor fará a chamada. (5 min.);

Os alunos serão organizados em grupos de cinco membros. Cada grupo receberá um envelope com espaço para o nome dos integrantes. Dentro dele, um conjunto de fragmentos do conto “Um tigre de papel”, da Marina Colasanti (ANEXO 1), mesclado com cinco trechos “intrusos (alguns parágrafos do conto “O silêncio de Mathias”, o microconto “Em voz alta” e a crônica “O passado que não passa”, também de Marina Colasanti). Os trechos estarão com fita dupla face na parte de trás e deverão ser afixados em folha A4 (entregue junto). A partir da leitura dos fragmentos, os alunos deverão montar o conto na sequência em que ele se apresenta na íntegra, fazendo uso dos conhecimentos expostos anteriormente. Será explicado aos alunos que devem usar os trechos que acharem adequados para construir o conto. (25 min);

Conforme forem concluindo a ordenação, os alunos receberão um questionário (ANEXO 2) a ser respondido a partir da leitura do texto e com perguntas sobre as estratégias de ordenação, aspectos de interpretação e identificação dos elementos da narrativa, possibilitando, assim, a reflexão sobre o texto, a interpretação e a possibilidade de rever a ordenação. (25 min).

Entrega da atividade. (5 min)

4. Recursos necessários

Quadro branco,
Caneta para quadro branco;
Envelopes;
Contos impressos recortados;
Fita dupla-face;
Materiais: caderno, caneta, corretivo, lápis.

5. Avaliação

Instrumentos: Organização do conto na sequência original e socialização dos resultados.
Critérios: Capacidade de ouvir atentamente a exposição dos colegas. Comprometimento com a realização da atividade. Capacidade de trabalhar em equipe. Coerência na construção do conto e na argumentação em defesa da ordem escolhida. Comportamento em sala no que se refere ao respeito aos colegas e aos professores.

4. Referências bibliográficas

COLASANTI, M. **Em voz alta.** Disponível em: <
<https://www.marinacolasanti.com/2016/07/cronica-de-quinta-6-contos.html#post-page-number-6>>. Acesso em: 30.set.2019.

COLASANTI, M. **O silêncio de Matias.** Disponível em <
<https://www.marinacolasanti.com/2016/07/cronica-de-quinta-6-contos.html#post-page-number-3>>. Acesso em: 30.set.2019.

COLASANTI, M. O tigre de papel. In: **Contos de amor rasgados.** Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 207-8

CALVINO, Í. (Sel.). **Contos fantásticos do século XIX:** o fantástico visionário e o fantástico cotidiano. Vários tradutores. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MAGALHÃES JR., R. **A arte do conto**: Sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Anexo 1 – Conto “Um tigre de papel”, de Marina Colasanti

Sabendo que a ele caberia determinar seus movimentos e controlar sua fome, o escritor começou lentamente a materializar o tigre. Não se preocupou com descrições de pêlo ou patas. Preferiu introduzir a fera pelo cheiro. E o texto impregnou-se do bafo carnívoro, que parecia exalar por entre as linhas.

Depois, com cuidado, foi aumentando a estranheza da presença do tigre na sala rococó em que havia decidido localizá-lo. De uma palavra a outra, o felino movia-se irresistível, farejando o dourado de uma poltrona, roçando o dorso rajado contra a perna de uma papelreira.

Em vez de escrever um salto, o escritor transmitiu a sensação de movimento com uma frase curta. Em vez de imitar o terrível miado, fez tilintar os cristais acompanhando suas passadas. Assim, escolhendo o autor as palavras com o mesmo sedoso cuidado com que sua personagem pisava nos tapetes persas, criava-se a realidade antes inexistente.

O quarto parágrafo pareceu ao escritor momento ideal para ordenar ao tigre que subisse com as quatro patas sobre o tamborete de petit-point. E já a fera aparentemente domesticada tensionava os músculos para obedecer quando, numa rápida torção do corpo, lançou-se em direção oposta. Antes que chegasse a vírgula, havia estilhaçado o sofá, derrubado a mesa com a estatueta de Sèvres, feito em tiras o tapete. Rosnados escapavam por entre letras e volutas. O tigre apossava-se da sua natureza. Já não havia controle possível. O autor só podia acompanhar-lhe a fúria, destruindo a golpes de palavras a bela decoração rococó que havia tão prazerosamente construído, enquanto sua criatura crescia, dominando o texto.

Impotente, via aos poucos espalharem-se no papel cacos de móveis e porcelanas, estilhaçar-se o grande espelho, cair por terra a moldura entalhada. Não havia mais ali um animal exótico na sala do palácio, mas um animal feroz em seu campo de batalha.

O escritor esperava tenso que o cansaço dominasse a fera, para que ele pudesse retomar o domínio da narrativa, quando o viu virar-se na sua direção, baixar a cabeça em que os olhos amarelos o encaravam, e lentamente avançar.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, a enorme pata do tigre abatendo-se sobre ele obrigou o texto ao ponto final.

FIM

Anexo 2 – Questionário utilizado nas aulas 2, 3 e 4

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Aluno(a): _____

O texto dá alguma dica que ajude a descobrir a ordem dos parágrafos? Cite alguma.

Quais estratégias você usou para resolver o quebra-cabeça?

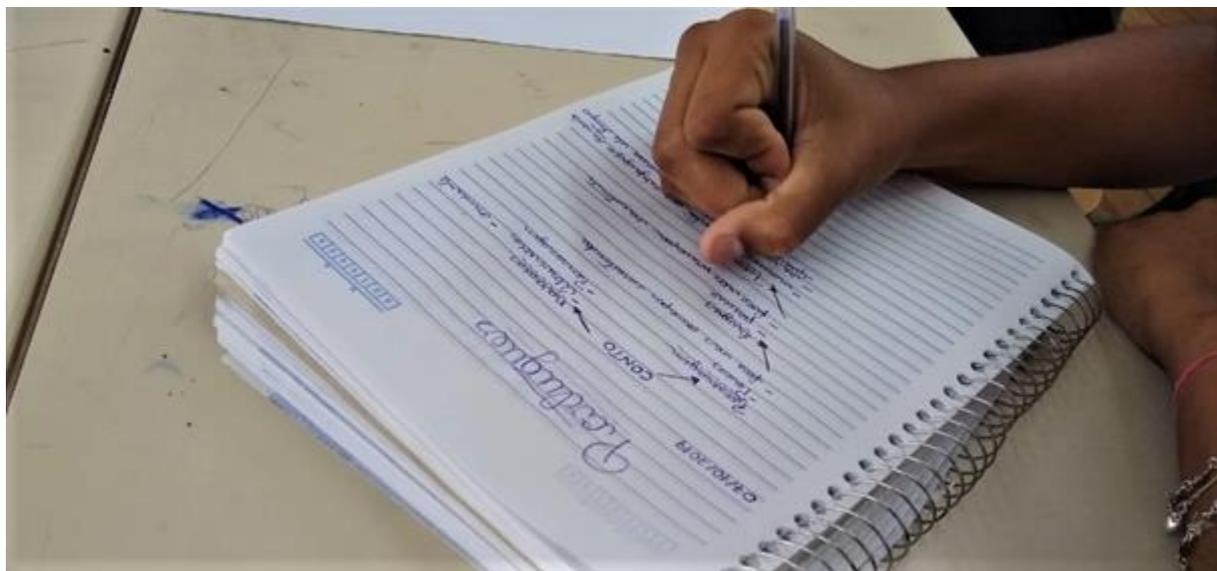
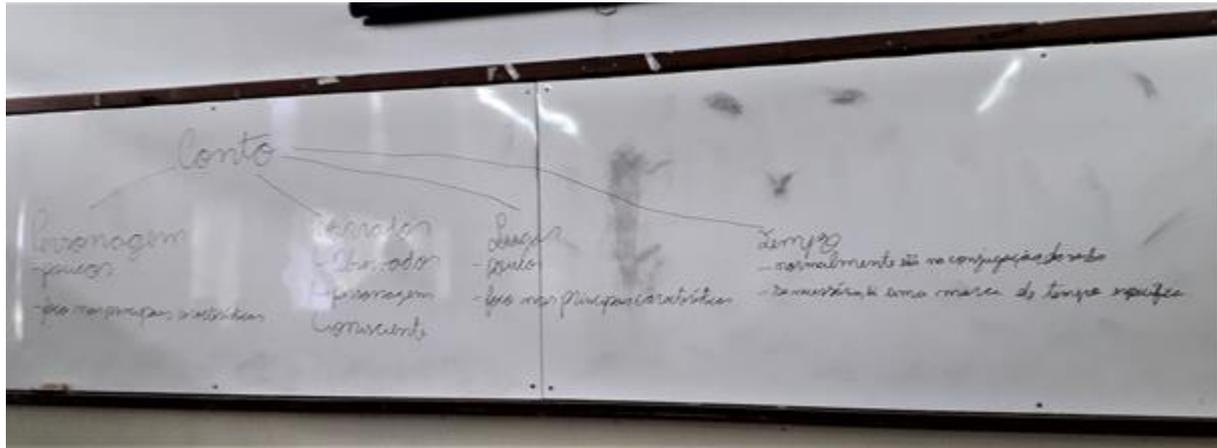
Como o título e o conto se relacionam? Por que ele se chama “O tigre de papel”?

Como se desenvolve a relação entre o escritor e o tigre?

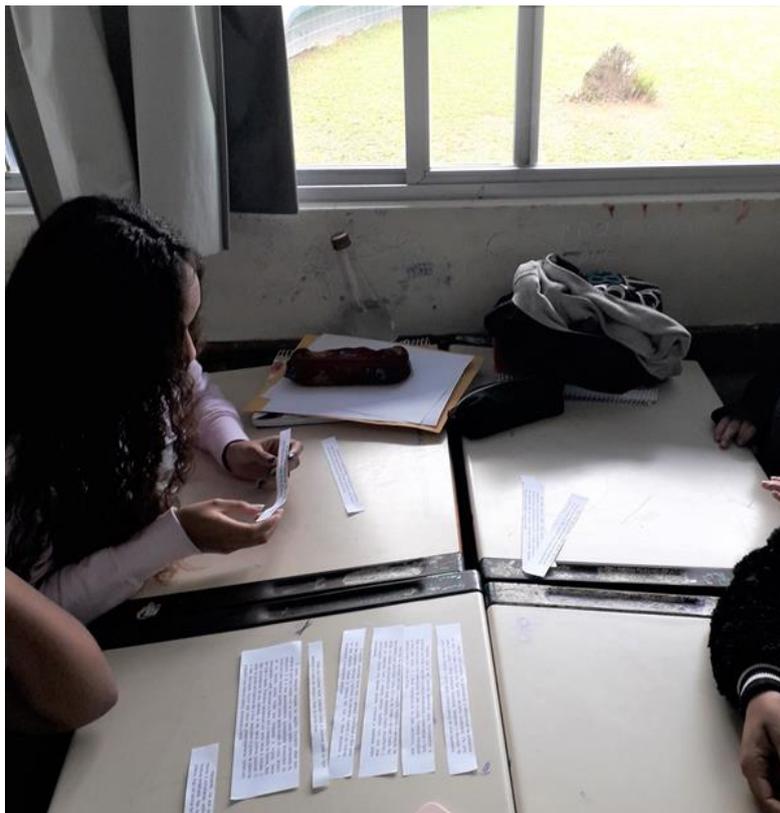
O personagem que controla a situação é o mesmo no início e no final?

Quais momentos deixam clara essa mudança?

Anexo 3 – Esquema da estrutura do conto



Anexo 4 – Montagem do conto (quebra-cabeça)



Anexo 5 – Quebra-cabeça montado pelos alunos

Sabendo que a ele caberia determinar seus movimentos e controlar sua fome, o escritor começou lentamente a materializar o tigre. Não se preocupou com descrições de pêlo ou patas. Preferiu introduzir a fera pelo cheiro. E o texto impregnou-se do bafo carnívoro, que parecia exalar por entre as linhas.

Depois, com cuidado, foi aumentando a estranheza da presença do tigre na sala rococó em que havia decidido localizá-lo. De uma palavra a outra, o felino movia-se irresistível, farejando o dourado de uma poltrona, roçando o dorso rajado contra a perna de uma papeleira.

Em vez de escrever um salto, o escritor transmitiu a sensação de movimento com uma frase curta. Em vez de imitar o terrível miado, fez tilintar os cristais acompanhando suas passadas. Assim, escolhendo o autor as palavras com o mesmo sedoso cuidado com que sua personagem pisava nos tapetes persas, criava-se a realidade antes inexistente.

O quarto parágrafo pareceu ao escritor momento ideal para ordenar ao tigre que subisse com as quatro patas sobre o tamborete de petit-point. E já a fera aparentemente domesticada tensionava os músculos para obedecer quando, numa rápida torção do corpo, lançou-se em direção oposta. Antes que chegasse a vírgula, havia estraçalhado o sofá, derrubado a mesa com a estatueta de Sèvres, feito em tiras o tapete. Rosnados escapavam por entre letras e volutas. O tigre apossava-se da sua natureza. Já não havia controle possível. O autor só podia acompanhar-lhe a fúria, destruindo a golpes de palavras a bela decoração rococó que havia tão prazerosamente construído, enquanto sua criatura crescia, dominando o texto.

Impotente, via aos poucos espalharem-se no papel cacos de móveis e porcelanas, estilhaçar-se o grande espelho, cair por terra a moldura entalhada. Não havia mais ali um animal exótico na sala do palácio, mas um animal feroz em seu campo de batalha.

O escritor esperava tenso que o cansaço dominasse a fera, para que ele pudesse retomar o domínio da narrativa, quando o viu virar-se na sua direção, baixar a cabeça em que os olhos amarelos o encaravam, e lentamente avançar.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, a enorme pata do tigre abatendo-se sobre ele obrigou o texto ao ponto final.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 4 - 1h/a (08/10/2019 - Terça-feira – 10h05 às 10h50)

Tema: Revisão de estrutura narrativa

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Compreender os elementos da estrutura narrativa e, por extensão, das narrativas fantásticas através de aula expositiva e dialogada de revisão das dificuldades diagnosticadas.

1.2 Objetivos específicos

Revisar o conteúdo da aula anterior (elementos da estrutura narrativa com foco no narrador, personagem, espaço e tempo);
Conhecer a estrutura real do conto trabalhado (“O tigre de papel”, de Marina Colasanti)
Identificar os elementos da narrativa no conto;
Aprender o funcionamento desses elementos;
Expressar a compreensão da estrutura do gênero conto e do tipo narrativo em retorno ao questionário aplicado na aula anterior.

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;
Elementos da estrutura narrativa.

3. Metodologia

Leitura coletiva do conto “O tigre de papel”, de Marina Colasanti. (15 min.)

O professor responderá possíveis dúvidas que possam ter surgido com a leitura e aproveitará para esclarecer algumas dificuldades demonstradas nas respostas ao questionário da aula anterior. (10 min.);

Após os comentários, o questionário será devolvido para que os grupos possam retornar a ele, concluindo-o ou reescrevendo-o. Para otimizar o tempo, a verificação da presença ocorrerá de forma silenciosa, enquanto os alunos realizam a atividade. (15 min.);

Entrega das atividades. (5 min.)

4. Avaliação

Recuperação da atividade da aula anterior.

Instrumentos: Leitura do conto e revisão das respostas do questionário.

Critérios: Atenção à leitura coletiva. Atenção à exposição do conteúdo. Comprometimento com a realização da atividade. Leitura atenta do conto trabalhado. Coerência no preenchimento do questionário. Comportamento em sala, respeitando os colegas e os professores.

5. Recursos necessários

Quadro branco;
Canetas para quadro branco;
Impressões do conto “Um Tigre de papel”;
Questionários utilizados na aula anterior;
Materiais: caderno, caneta, corretivo, lápis.

6. Referências bibliográficas

COLASANTI, M. O tigre de papel. In: **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 207-8

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 5 - 1h/a (11/10/2019 - Sexta-feira – 10h50 às 11h35)

Tema: Conclusão da exposição de estrutura narrativa

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Compreender os elementos da estrutura narrativa através de aula expositiva e da retomada de leitura do conto “O tigre de papel”, de Marina Colasanti, feito na aula anterior.

1.2 Objetivos específicos

Compreender o conceito de conflito e identificá-lo em um conto;
Compreender o conceito de clímax e identificá-lo em um conto;
Compreender o conceito de desfecho e identificá-lo em um conto.

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;
Elementos da estrutura narrativa;
Socialização de experiências particulares com o gênero fantástico.
A presença da estrutura narrativa como pedra basal de todos os produtos midiáticos ficcionais que consomem.

3. Metodologia

Breve rememoração dos elementos da estrutura narrativa já expostos (narrador, personagem, lugar e tempo) com sua consequente identificação no conto “O tigre de papel”. (5 min)

Exposição, através de mapa mental construído no quadro, sobre a estrutura do gênero conto com foco no desenvolvimento e no desfecho: conflito, complicação, clímax e desfecho. Como estratégia de exposição, apesar do uso do conto “O tigre de papel”, serão mencionados exemplos dos elementos da narrativa em obras de ficção de outras mídias, como cinema e televisão, sempre que necessário. (15 min.);

Após a exposição, será dado um tempo para que copiem os esquemas passados no quadro. Enquanto isso, o professor fará a chamada. (5 min.);

Em seguida, será proposta a realização da seguinte atividade: individualmente, cada aluno usará sua cópia do conto “O tigre de papel” (recebida na aula anterior) e receberá um roteiro de estudos (ANEXO 1). Nesse, há uma relação com todos os elementos da narrativa trabalhados em sala desde as aulas 2 e 4 (narrador, personagem, local, tempo, conflito, clímax e desfecho) e suas definições, seguidas de um espaço vazio para ser preenchido com dados retirados do conto “O tigre de papel”, de Marina Colasanti. (15 min).

Entrega das atividades. (5 min.)

4. Recursos necessários

Quadro branco;
Caneta para quadro branco;
Conto impresso: “O tigre de papel”;
Roteiro de leitura impresso;
Materiais: caderno, caneta, corretivo, lápis.

5. Avaliação

Instrumentos: Leitura do conto e resposta ao roteiro de estudos.
Critérios: Atenção à exposição do conteúdo. Comprometimento com a realização da atividade. Leitura atenta do conto trabalhado. Coerência no preenchimento do roteiro de estudos. Comportamento em sala, respeitando os colegas e os professores.

6. Referências bibliográficas

COLASANTI, M. O tigre de papel. In: **Contos de amor rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 207-8

MAGALHÃES JR., R. **A arte do conto**: Sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Anexo 1 - Roteiro de estudos para o conto “O tigre de papel”, de Marina Colasanti

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz

Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann

Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior

Disciplina: Língua Portuguesa - Ano: 8º

Aluno(a): _____

Narrador: É a “voz” que conta a história. Funciona como intermediário entre o autor e o leitor. Pode ser:

Narrador-personagem - É um dos personagens da história. Normalmente escreve em primeira pessoa (“eu” e “nós”) e está, de alguma forma, inserido nos eventos da história.

Narrador-observador – É apenas uma “voz” sem identidade e que conta a história de forma imparcial (dizendo os fatos como realmente aconteceram, sem opiniões). Escreve na terceira pessoa (“ele” e “eles”) como um simples espectador daqueles eventos.

Narrador-onisciente – Este é semelhante ao anterior, com a diferença de saber tudo o que está além do que se pode ver. Ele é capaz de ler os pensamentos e sentimentos dos personagens, além de ser capaz de falar do passado, do presente e, algumas vezes, do futuro.

Qual o tipo de narrador do conto?

Personagens: São os seres que agem na história. Normalmente são pessoas, mas podem ser qualquer coisa: um animal, um ser fictício, um sentimento, um objeto, etc. Como contos são histórias curtas, é necessário escolher muito bem as informações dos personagens que serão mencionadas, preferindo as mais relevantes para a história. Também é importante haver poucos personagens para serem melhor desenvolvidos.

Quem são os personagens do conto?

Espaço: É o lugar (ou lugares) onde a história acontece. Como tudo no conto, é importante descrevê-lo apenas com as características essenciais para o desenrolar da história.

Onde acontecem os eventos do conto?

Tempo: É o momento em que a história se passa. Pode haver alguma referência a um momento específico (se for uma informação importante para contar a história), mas geralmente se limita ao uso dos verbos no presente, no passado ou no futuro para representar o tempo em que a história acontece.

Qual o tempo em que se passa o conto?

Enredo: É a história. Todo enredo gira em torno de um **conflito**, um problema que surge para provocar as ações dos personagens, e só acaba quando ele é solucionado ou aparentemente solucionado.

Momentos da narrativa:

Apresentação: É o começo da história. Nesse momento, é criada a ambientação para o desenrolar dos eventos. É a etapa de apresentação dos personagens, do(s) lugar(es) em que a história acontece e do tempo. Tudo isso através da manifestação do narrador.

Complicação: Começa com o surgimento do conflito, o que dá início a uma série de ações dos personagens que caminham para um confronto final a fim de resolvê-lo.

Clímax: É o momento de maior tensão da história, no qual ocorre o confronto final para solução do conflito. É possível haver vários momentos de tensão na história, ou seja, vários confrontos, mas o clímax é sempre o último e, porque ele encerra (ou parece encerrar) o conflito.

Desfecho: É a solução (ou aparente solução) do conflito. Apesar do desfecho representar o final do enredo, é muito comum uma história ter um “final aberto”, ou seja, o conflito parecer solucionado, mas deixar a possibilidade de uma continuação.

Qual o enredo do conto?

Qual momento marca o início do conflito?

Qual momento marca o clímax do conto?

Qual o desfecho do conto?

Anexo 2 - Roteiro respondido por alunos

10,0!
Parabéns!
perfeito! 😊

Auno: _____
Data: 11/10/19

Roteiro de estudos para o conto "O tigre de papel", de Marina Colasanti

Narrador: É a "voz" que conta a história. Funciona como intermediário entre o autor e o leitor. Pode ser:

Narrador-personagem - É um dos personagens da história. Normalmente escreve em primeira pessoa ("eu" e "nós") e está, de alguma forma, inserido nos eventos da história.

Narrador-observador - É apenas uma "voz" sem identidade e que conta a história de forma imparcial (dizendo os fatos como realmente aconteceram, sem opiniões). Escreve na terceira pessoa ("ele" e "eles") como um simples espectador daqueles eventos.

Narrador-onisciente - Este é semelhante ao anterior, com a diferença de saber tudo o que está além do que se pode ver. Ele é capaz de ler os pensamentos e sentimentos dos personagens, além de ser capaz de falar do passado, do presente e, algumas vezes, do futuro.

Qual o tipo de narrador do conto?

Narrador - onisciente ✓

Personagens: São os seres que agem na história. Normalmente são pessoas, mas podem ser qualquer coisa: um animal, um ser fictício, um sentimento, um objeto, etc. Como contos são histórias curtas, é necessário escolher muito bem as informações dos personagens que serão mencionadas, preferindo as mais relevantes para a história. Também é importante haver poucos personagens para serem melhor desenvolvidos.

Quem são os personagens do conto?

O tigre e o Escritor ✓

Espaço: É o lugar (ou lugares) onde a história acontece. Como tudo no conto, é importante descrevê-lo apenas com as características essenciais para o desenrolar da história.

Onde acontecem os eventos do conto?

Na sala de um Palácio, que entendemos como do Escritor. ✓

Tempo: É o momento em que a história se passa. Pode haver alguma referência a um momento específico (se for uma informação importante para contar a história), mas geralmente se limita ao uso dos verbos no presente, no passado ou no futuro para representar o tempo em que a história acontece.

Qual o tempo em que se passa o conto?

No passado ✓

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 6 - 1h/a (18/10/2019 - Sexta-feira – 10h50 às 11h35)

Tema: Aplicação de conhecimentos sobre estrutura narrativa em atividade prática.

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Aplicar os conhecimentos de estrutura narrativa com a escrita de título, clímax e desfecho para o conto “O ovo com solenidade”, de Diuílio Gomes.

1.2 Objetivos específicos

Compreender o sentido do conto lido;
Criar um título, um clímax e um desfecho para o conto que seja coerente com as partes da narrativa que foram disponibilizadas para a atividade;
Demonstrar capacidade de síntese e criatividade na produção textual.

2. Conhecimentos abordados

As especificidades do gênero conto;
Os elementos da estrutura narrativa;
Percepções de leitura;
Criatividade;
Estrutura narrativa na prática de produção textual
Prática de interpretação ativa com a conclusão do conto.

3. Metodologia

Inicialmente, os alunos se reunirão em duplas. Cada dupla receberá uma cópia impressa do conto “O Ovo com Solenidade”, de Diuílio Gomes (ANEXO 1), com o título, o clímax, o desfecho e o nome do autor omitidos. Com a participação de alguns alunos voluntários, será realizada uma leitura em voz alta (com os demais alunos acompanhando a leitura). A seguir, serão feitas perguntas às duplas acerca dos elementos da narrativa deste conto (com o intuito de relembrar os assuntos abordados nas aulas anteriores). As respostas corretas serão escritas no quadro, de modo a formar um esquema que os auxilie na produção textual. As duplas também serão questionadas acerca das possibilidades de clímax e de desfecho (de forma a estimulá-los para a produção textual). (20 min);

No segundo momento da aula, cada uma das duplas deve fazer uma nova leitura do conto parcialmente impresso e, na sequência, elaborar um clímax e um desfecho para o conto. Para finalizar a atividade, o grupo deverá criar um título. A proposta é ter diversos títulos, clímaxes e desfechos para este mesmo conto. Na folha que contém o conto parcialmente impresso haverá linhas que sinalizem o tamanho da produção posterior. Cada dupla também receberá uma folha em branco para rascunho. Para otimizar o tempo, a verificação da presença ocorrerá de forma silenciosa, enquanto os alunos realizam as atividades. (20 min);

Entrega da produção textual. (5 min).

4. Recursos necessários

Cópias do conto parcialmente impresso: “O Ovo com Solenidade”, de Diuílio Gomes;
Folhas A4 para rascunho;
Quadro branco;
Canetas para quadro branco.

5. Avaliação

Instrumentos: Produção textual (título, clímax e desfecho criados) e apresentação/leitura.

Critérios: Coerência e coesão na produção textual. Capacidade de análise e síntese. Interação com o grupo de trabalho. Aplicação dos conhecimentos de elementos da estrutura narrativa. Participação ativa na realização do trabalho em equipe. Letra legível. Respeito aos colegas e aos professores.

6. Referências bibliográficas

GOMES, Diuílio. O Ovo com Solenidade. In: COSTA, Flávio Moreira da; PORTOCARRERO, Celina (Org.). **Os melhores contos fantásticos**. Trad. Adriana Lisboa etc. e al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 693-694.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Anexo 1 – Atividade com “O ovo com solenidade”, de Duílio Gomes

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa Ano: 8º

Dupla: _____

O cego estava quebrando o ovo para fazer omelete quando o porco entrou na cozinha. Sentiu-o aos seus pés; em silêncio, cheirava os seus pés. O cego estava de sandálias e a saliva do porco era uma coisa quente e líquida molhando o seu calcanhar direito. Os músculos do cego se retesaram. Sua mulher e sua filha haviam saído. Elas sabiam do grande medo que ele tinha de porcos e por isso os trancavam no chiqueiro. O cego percebeu, dentro da névoa do seu medo, que eles haviam arreventado as tábuas podres do chiqueiro e saído. A mulher já o havia advertido: “As tábuas do chiqueiro estão podres. Precisamos trocá-las.” Eram três porcos gordos e espremidos no chiqueiro cujas tábuas iam apodrecendo debaixo das chuvas e dos carunchos. Viviam alucinados pelo calor, engordando e envelhecendo com as moscas que lhes trepavam nos lombos.

O cego estava sempre adiando a data de matá-los — esperava uma visita importante qualquer, já não sabia há quanto tempo eles estavam em sua casa. Só sabia de sua aversão por eles e de uma iminente visita importante, quando então os mataria. Havia deixado a casca do ovo cair no chão e o porco agora a comia. *Pelo menos enquanto ele come não se lembra de mim*, pensou. Os velhos e agudos dentes do porco trituravam a casca e o cego pensou então que aqueles dentes, apesar de velhos, rasgariam a carne de suas pernas como se elas fossem manteiga. Tinha tanto medo do porco morder as suas pernas que elas não obedeciam ao seu intenso desejo de correr, e permaneciam fincadas no chão, expostas aos agudos dentes velhos do porco que agora, pelo silêncio, o cego sabia ter terminado de comer a casca do ovo e começava a cheirar o ar com seu largo, sujo e enrugado focinho de porco velho. As tábuas da escada que dava do quintal para a cozinha rangeram. *Estão subindo os outros*, pensou o cego e o seu terror nesse momento foi tão intenso que ele sentiu, no escuro poço de sua vertigem, as pernas bambearem. *Não posso cair*, murmurou, *não posso cair*. Como um soco em sua memória, o aviso da mulher: *só chegaremos à noite*. Havia saído, ela e a filha, para visitar uma parenta doente e o cego se rendeu, subitamente, à dolorosa realidade — ter de permanecer durante longo tempo como um monumento lívido e frágil em meio aos porcos. Eles agora rodeavam as suas pernas, grunhindo.

Anexo 2 - Atividade realizada pelos alunos

Baseado em fatos não
REAIS

O cego estava quebrando o ovo para fazer omelete quando o porco entrou na cozinha. Sentiu-o aos seus pés; em silêncio, cheirava os seus pés. O cego estava de sandálias e a saliva do porco era uma coisa quente e líquida molhando o seu calcanhar direito. Os músculos do cego se retesaram. Sua mulher e sua filha haviam saído. Elas sabiam do grande medo que ele tinha de porcos e por isso os trancavam no chiqueiro. O cego percebeu, dentro da névoa do seu medo, que eles haviam arrebitado as tábuas podres do chiqueiro e saído. A mulher já o havia advertido: "As tábuas do chiqueiro estão podres. Precisamos trocá-las." Eram três porcos gordos e espremidos no chiqueiro cujas tábuas iam apodrecendo debaixo das chuvas e dos carunchos. Viviam alucinados pelo calor, engordando e envelhecendo com as moscas que lhes trepavam nos lombos.

O cego estava sempre adiando a data de matá-los — esperava uma visita importante qualquer, já não sabia há quanto tempo eles estavam em sua casa. Só sabia de sua aversão por eles e de uma iminente visita importante, quando então os mataria. Havia deixado a casca do ovo cair no chão e o porco agora a comia. *Pelo menos enquanto ele come não se lembra de mim*, pensou. Os velhos e agudos dentes do porco trituravam a casca e o cego pensou então que aqueles dentes, apesar de velhos, rasgariam a carne de suas pernas como se elas fossem manteiga. Tinha tanto medo do porco morder as suas pernas que elas não obedeciam ao seu intenso desejo de correr, e permaneciam fincadas no chão, expostas aos agudos dentes velhos do porco que agora, pelo silêncio, o cego sabia ter terminado de comer a casca do ovo e começava a cheirar o ar com seu largo, sujo e enrugado focinho de porco velho. As tábuas da escada que dava do quintal para a cozinha rangeram. *Estão subindo os outros*, pensou o cego e o seu terror nesse momento foi tão intenso que ele sentiu, no escuro poço de sua vertigem, as pernas bambearem. *Não posso cair*, murmurou, *não posso cair*. Como um soco em sua memória, o aviso da mulher: *só chegaremos à noite*. Havia saído, ela e a filha, para visitar uma parenta doente e o cego se rendeu, subitamente, à dolorosa realidade — ter de permanecer durante longo tempo como um monumento lívido e frágil em meio aos porcos. Eles agora rodeavam as suas pernas, grunhindo.

O cego então teve a ideia de gritar a seus vizinhos, porém sua voz não usava de tanto medo. O apavorado tomou conta: O cego caiu no chão por seus pés não aguentarem mais. Foi aí que sentiu os porcos em cima de si e naquele momento percebeu que os grunhidos estavam mais fortes, a baba dos porcos aumentou e o peso em cima dele, parecia maior, chegando à conclusão que os porcos eram mutantes. Lá de fundo, escutou sua esposa lhe chamando, acordou com um susto e percebeu que os "porcos mutantes" era apenas seu cachorro Bob, e tudo não passava de um pesadelo.

Anexo 3 – Duplas reunidas para a realização da atividade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Planos de aula 7 e 8 - 2h/a (21/10/2019 - Segunda-feira – 08h15 às 09h45)

Tema: Revisão de aprendizagem sobre estrutura narrativa em atividade prática.

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Aplicar os conhecimentos de estrutura narrativa com a reescrita do clímax e do desfecho criados para o conto “O ovo com solenidade”, de Diúlio Gomes.

1.2 Objetivos específicos

Compreender a importância da reescrita da produção textual;
Seguir as orientações dos professores-estagiários para a atividade de reescrita;
Aplicar os elementos da estrutura narrativa de forma coerente com o solicitado (clímax e desfecho);
Demonstrar capacidade de síntese e criatividade na produção textual;

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;
Estrutura narrativa;
Socialização de produção textual;
Criatividade;
Retorno crítico à produção feita;
Estrutura narrativa na prática de produção textual.

3. Metodologia

Exposição sobre a importância da reescrita e sobre algumas dificuldades apresentadas pelos alunos na primeira versão da produção textual (entregue na aula anterior) e apresentação das atividades que serão desenvolvidas durante a aula (15 min);

Os alunos deverão reunir-se novamente em duplas (mesma formação da aula anterior). Receberão a primeira versão da produção textual (título, clímax e desfecho) com a devolutiva dos professores-estagiários, juntamente com nova folha para que seja feita a segunda versão (reescrita). Para otimizar o tempo, a verificação da presença ocorrerá de forma silenciosa, enquanto os alunos realizam a atividade. (30 min);

Socialização: um integrante de cada dupla fará a leitura de sua produção textual. Após todos terem lido, a professora-estagiária fará a leitura do conto completo, revelando título e desfecho originais, bem como sua autoria. (40 min);

Entrega da produção textual. (5 min).

4. Recursos necessários

Cópias do conto parcialmente impresso: “O Ovo com Solenidade”, de Diuílio Gomes;
Conto impresso: “O Ovo com Solenidade”, de Diuílio Gomes;
Folhas A4 para rascunho;
Quadro branco;
Canetas para quadro branco.

5. Avaliação

Atividade de recuperação da produção textual da aula anterior.

Instrumentos: Reescrita da produção textual (clímax e desfecho criados) e apresentação/leitura.
Critérios: Coesão e coerência na reescrita. Atenção às recomendações dos estagiários contidas na devolutiva. Capacidade de análise e síntese. Aplicação dos conhecimentos de elementos da estrutura narrativa. Interação com o grupo de trabalho. Participação ativa na realização do trabalho em equipe. Letra legível. Respeito aos colegas e aos professores.

6. Referências bibliográficas

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5a ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

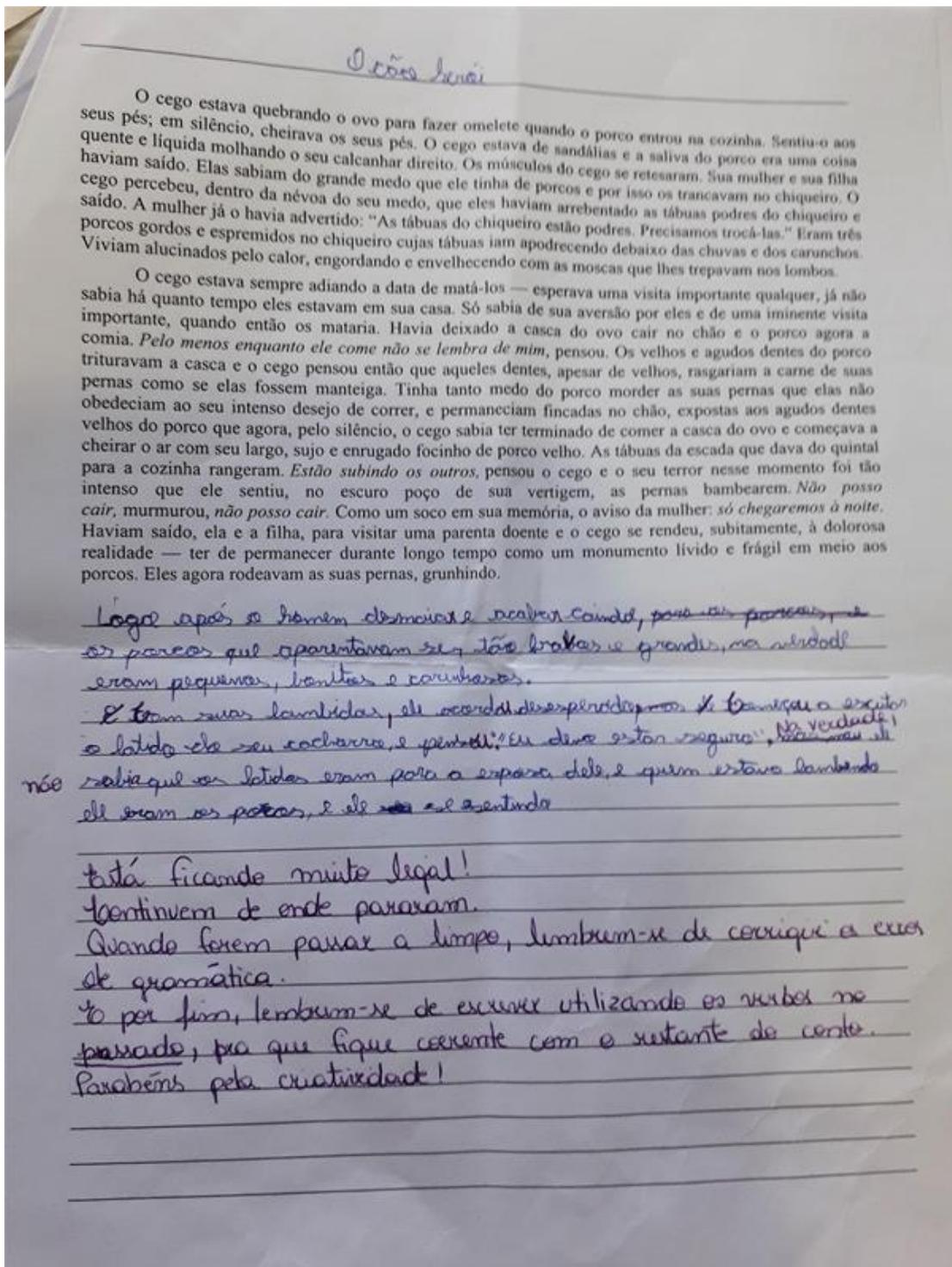
GOMES, Diuílio. O Ovo com Solenidade. In: COSTA, Flávio Moreira da; PORTOCARRERO, Celina (Org.). **Os melhores contos fantásticos**. Trad. Adriana Lisboa etc. e al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 693-694.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

O cego estava quebrando o ovo para fazer omelete quando o porco entrou na cozinha. Sentiu-o aos seus pés; em silêncio, cheirava os seus pés. O cego estava de sandálias e a saliva do porco era uma coisa quente e líquida molhando o seu calcanhar direito. Os músculos do cego se retesaram. Sua mulher e sua filha haviam saído. Elas sabiam do grande medo que ele tinha de porcos e por isso os trancavam no chiqueiro. O cego percebeu, dentro da névoa do seu medo, que eles haviam arrebetado as tábuas podres do chiqueiro e saído. A mulher já o havia advertido: “As tábuas do chiqueiro estão podres. Precisamos trocá-las.” Eram três porcos gordos e espremidos no chiqueiro cujas tábuas iam apodrecendo debaixo das chuvas e dos carunchos. Viviam alucinados pelo calor, engordando e envelhecendo com as moscas que lhes trepavam nos lombos.

O cego estava sempre adiando a data de matá-los — esperava uma visita importante qualquer, já não sabia há quanto tempo eles estavam em sua casa. Só sabia de sua aversão por eles e de uma iminente visita importante, quando então os mataria. Havia deixado a casca do ovo cair no chão e o porco agora a comia. *Pelo menos enquanto ele come não se lembra de mim*, pensou. Os velhos e agudos dentes do porco trituravam a casca e o cego pensou então que aqueles dentes, apesar de velhos, rasgariam a carne de suas pernas como se elas fossem manteiga. Tinha tanto medo do porco morder as suas pernas que elas não obedeciam ao seu intenso desejo de correr, e permaneciam fíncadas no chão, expostas aos agudos dentes velhos do porco que agora, pelo silêncio, o cego sabia ter terminado de comer a casca do ovo e começava a cheirar o ar com seu largo, sujo e enrugado focinho de porco velho. As tábuas da escada que dava do quintal para a cozinha rangeram. *Estão subindo os outros*, pensou o cego e o seu terror nesse momento foi tão intenso que ele sentiu, no escuro poço de sua vertigem, as pernas bambearem. *Não posso cair*, murmurou, *não posso cair*. Como um soco em sua memória, o aviso da mulher: *só chegaremos à noite*. Havia saído, ela e a filha, para visitar uma parenta doente e o cego se rendeu, subitamente, à dolorosa realidade — ter de permanecer durante longo tempo como um monumento lívido e frágil em meio aos porcos. Eles agora rodeavam as suas pernas, grunhindo. Misturado aos seus roncões, que ecoavam na cozinha como a nota mais grave de um instrumento de sopro, o cheiro enjoativo do ovo sobre o prato. O cego lembrou-se, com uma ponta de desespero, da omelete que nunca comeria e então fez o gesto que talvez o salvasse da fome e do ódio dos seus porcos: com as mãos trêmulas derramou o ovo no chão. Foi um gesto mecânico e tateante mas que inaugurou nele uma certa paz — os porcos lambiam o ovo no chão e isso era a trégua; enquanto eles se alimentavam não se lembrariam de suas pernas. Sua mulher tinha o costume de deixar os mantimentos sobre a pia, na frente da qual se encontrava, e ele tentava agora localizá-los. Sabia que a menina havia feito a feira naquela manhã e que enquanto entregava os mantimentos para a mãe, ia nomeando-os. Estava tudo na sua frente, além do vácuo negro dos seus olhos. Precisava detectar os mantimentos e com eles saciar a dura fome dos porcos. Apalpando a superfície úmida da pia, seus dedos tocaram num objeto morno. Era um objeto morno e redondo, com uma haste encimando-o. *Abóbora*, pensou, e puxou-a pela haste. O ruído seco da abóbora caindo no chão foi o ruído de uma abóbora que se partia e que se ofertava, amarela e luminosa, à avidez dos porcos. O ruído que se seguiu ao da abóbora se partindo foi o ruído dos porcos mastigando. Mastigavam com pressa e grunhiam. Havia satisfação nos seus grunhidos. O cego, então, com uma escura dificuldade, foi localizando e atirando ao chão o arroz, os quiabos, a couve, até que, não encontrando mais nada para atirar, escutou: a bolha de saliva arrebetando. Pelo denso silêncio que subia do chão ele entendeu que a bolha de saliva fora o final do festim. Entendeu também, com a profunda e mágica percepção dos cegos, que os porcos ainda não estavam saciados. E que o rodeavam, pensativos, os olhos fixos em suas pernas.

Anexo 2 - Atividades realizadas por alunos



realidade — ter de permanecer durante longo tempo como um monumento lívido e frágil em meio aos porcos. Eles agora rodeavam as suas pernas, grunhindo.

Até que então, um dos porcos teve uma crise de fome e começou a ficar super agitado. Com sua ação, o porco cego entrou em desespero e começou a ficar completamente arrepiado; suas pernas estavam trêmulas e seu corpo soava frio.

Com toda a sua crise, o cego não tinha escolha ~~de nada~~ não se tentou correr. Ele acabou esbarrando em um dos porcos e caindo no chão. O cego saltou um grito tão alto, ^{mas} tão alto, que um homem que estava andando por lá foi correndo em direção do mesmo. Vendo sua situação, o homem ajudou o cego e espantou os porcos de lá para bem longe. ^{o homem} Disse a ele que era para ele gritar toda vez que ~~precisa~~ necessitasse de ajuda. O cego deu um sorriso e agradeceu ao homem. Os dois voltaram para sua casa e voltaram com as suas reprogramações normais do dia.

Muito legal!

Fora alguns erros gramaticais, talvez você pudesse esclarecer melhor a origem desse homem que surgiu para ajudar o cego. Quem era ele? De onde ele veio? No mais, sua história está ótima.

Anexo 3 - Socialização das produções textuais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 9 - 1h/a (22/10/2019 - Terça-feira – 10h05 às 10h50)

Tema: Aplicação de conhecimentos sobre estrutura narrativa em atividade prática.

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Aplicar os conhecimentos de estrutura narrativa para a ampliação do microconto “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich.

1.2 Objetivos específicos

Compreender o sentido do microconto lido;
Identificar presenças e ausências dos elementos da narrativa no microconto dado;
Identificar os elementos da narrativa;
Aplicar conhecimentos dos elementos da narrativa com foco no desenvolvimento do conflito e no desfecho;
Demonstrar capacidade de síntese e criatividade na elaboração do texto.

2. Conhecimentos abordados

As especificidades do gênero conto;
As especificidades do subgênero microconto;
Os elementos da estrutura narrativa;
Percepções de leitura;
Criatividade;
Estrutura narrativa na prática de produção textual
Prática de interpretação ativa com a continuação do conto.

3. Metodologia

Os alunos deverão se reunir em duplas. Cada dupla receberá uma folha contendo o microconto “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich (Anexo 1) sem o título, para que se amplie o campo de possibilidades. Será feita uma leitura coletiva. (5 min)

Após a leitura, os alunos serão questionados sobre os elementos da narrativa que estão presentes naquele conto e quais estão faltando (desenvolvimento do conflito, clímax e desfecho), além de percepções gerais sobre o conto. A partir disso é exposta a natureza do microconto. (10 min)

Os alunos receberão uma folha de papel almaço e, como atividade, deverão assinar a folha de papel almaço com os nomes da dupla e ampliar o microconto em um conto de, no mínimo, quinze linhas, atentando para os elementos da estrutura narrativa trabalhados até então (narrador, personagem, espaço, tempo, conflito, clímax e desfecho, embora foque nos três últimos). Para otimizar o tempo, a verificação da presença ocorrerá de forma silenciosa, enquanto os alunos realizam a atividade. (25 min).

Entrega das atividades (5 min)

4, Recursos necessários

Cópias do conto impresso (sem o título): “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich;
Folhas A4 para rascunho;
Folhas de papel almaço;
Quadro branco;
Canetas para quadro branco;
Materiais: caderno, caneta, corretivo, lápis.

5. Avaliação

Instrumentos: Produção textual (ampliação de microconto).

Critérios: Coesão e coerência na produção do texto. Clareza na exposição das ideias. Aplicação dos conhecimentos de elementos da estrutura narrativa. Uso da norma padrão da língua. Participação ativa no trabalho em equipe. Letra legível. Respeito aos colegas e professores.

6. Referências bibliográficas

ALDRICH, Thomas Bailey. Sozinha com sua alma. In: BORGES, Jorge Luis; BIOY CASARES, Adolfo, OCAMPO, Silvina (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 28.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

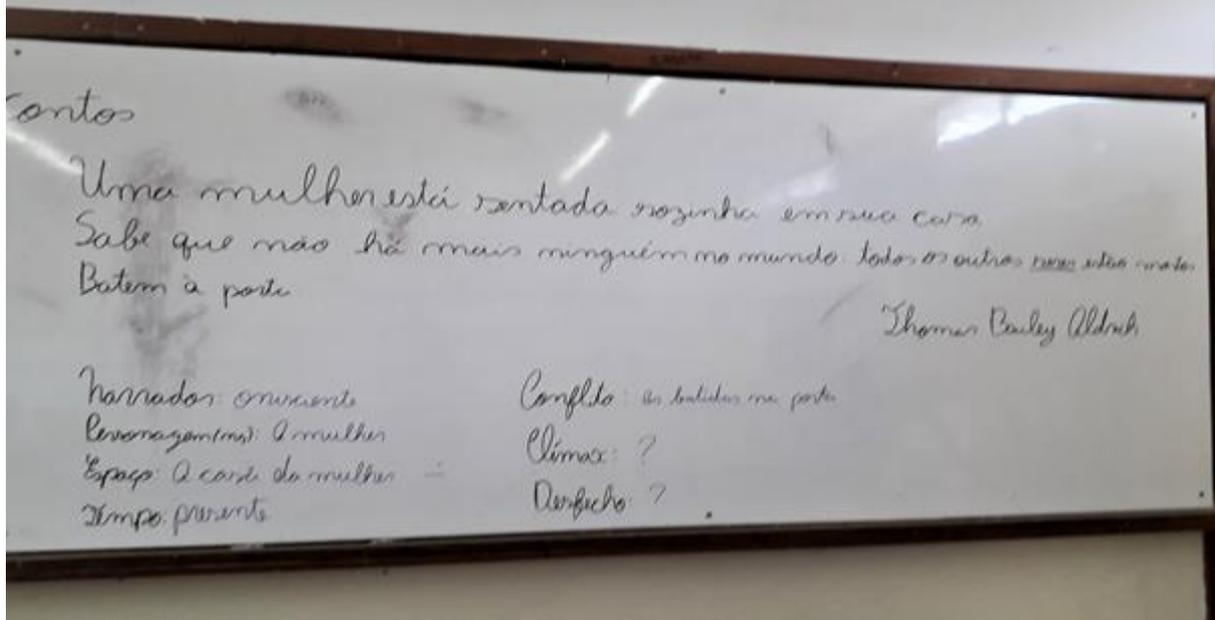
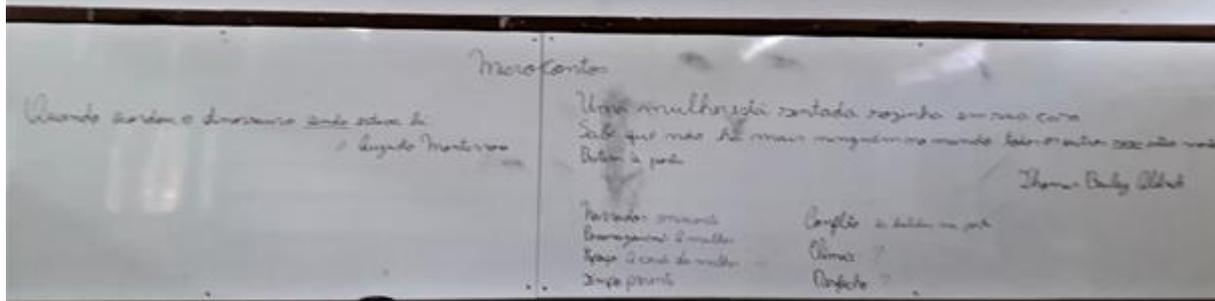
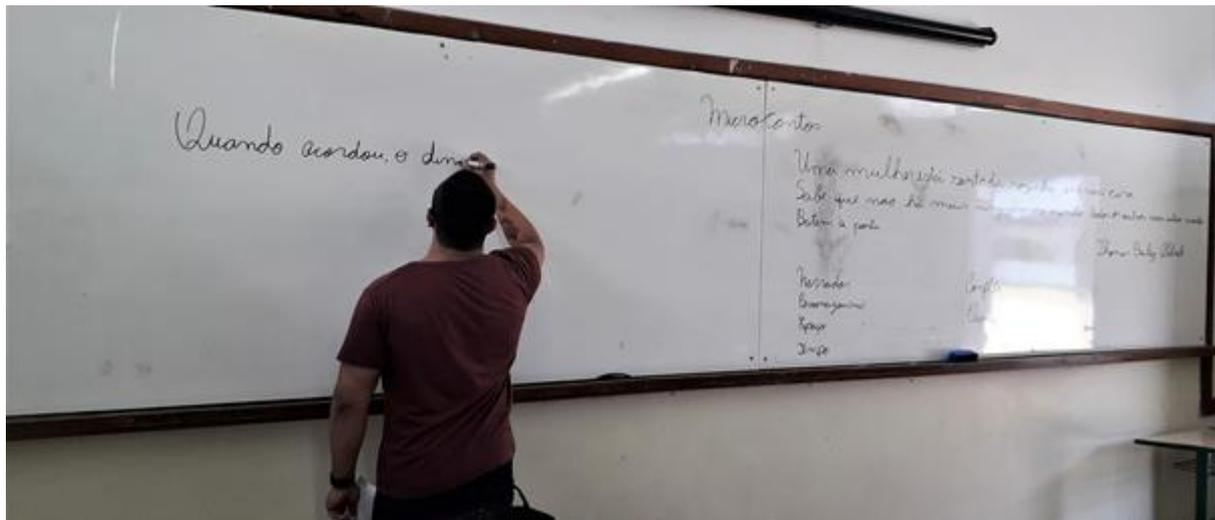
Anexo 1 - Microconto “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich

Uma mulher está sentada sozinha em sua casa.

Sabe que não há mais ninguém no mundo: todos os outros seres estão mortos.

Batem à porta.

Anexo 2 - Aula expositiva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 10 - 1h/a (25/10/2019 - Sexta-feira – 10h50 às 11h35)

Tema: Revisão de aprendizagem sobre estrutura narrativa.

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Aplicar os conhecimentos de estrutura narrativa com a reescrita da ampliação do microconto “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich.

1.2 Objetivos específicos

Seguir as orientações dos professores-estagiários para a atividade de reescrita;
Aplicar os elementos da estrutura narrativa de forma coerente com o solicitado (desenvolvimento do conflito, clímax e desfecho);
Demonstrar capacidade de síntese e criatividade na reelaboração da produção textual

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;
Estrutura narrativa;
Socialização de produção textual;
Criatividade;
Retorno crítico à produção feita;
Estrutura narrativa na prática de produção textual.

3. Metodologia

Exposição sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos na primeira versão da produção textual (entregue na aula anterior) e apresentação das atividades que serão desenvolvidas durante a aula (10 min);

Os alunos deverão reunir-se novamente em duplas (mesma formação da aula anterior). Receberão a primeira versão da produção textual (desenvolvimento do conflito, clímax e

desfecho) com a devolutiva dos professores-estagiários, juntamente com nova folha para que seja feita a segunda versão (reescrita). Para otimizar o tempo, a verificação da presença ocorrerá de forma silenciosa, enquanto os alunos realizam a atividade. (20 min);

Socialização (para algumas duplas, em resposta à solicitação do professor-estagiário): um integrante de cada dupla fará a leitura de sua produção textual. (10 min);

Entrega da produção textual. (5 min).

4. Recursos necessários

Cópias do conto impresso (sem o título): “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich;
Folhas A4 para rascunho;
Folhas de papel almaço;
Quadro branco;
Canetas para quadro branco;
Materiais: caderno, caneta, corretivo, lápis.

5. Avaliação

Instrumentos: Reescrita da produção textual (ampliação de microconto).

Critérios: Coesão e coerência na reescrita. Atenção às recomendações dos estagiários contidas na devolutiva. Capacidade de análise e síntese. Aplicação dos conhecimentos de elementos da estrutura narrativa. Interação com o grupo de trabalho. Participação ativa na realização do trabalho em equipe. Letra legível. Respeito aos colegas e aos professores.

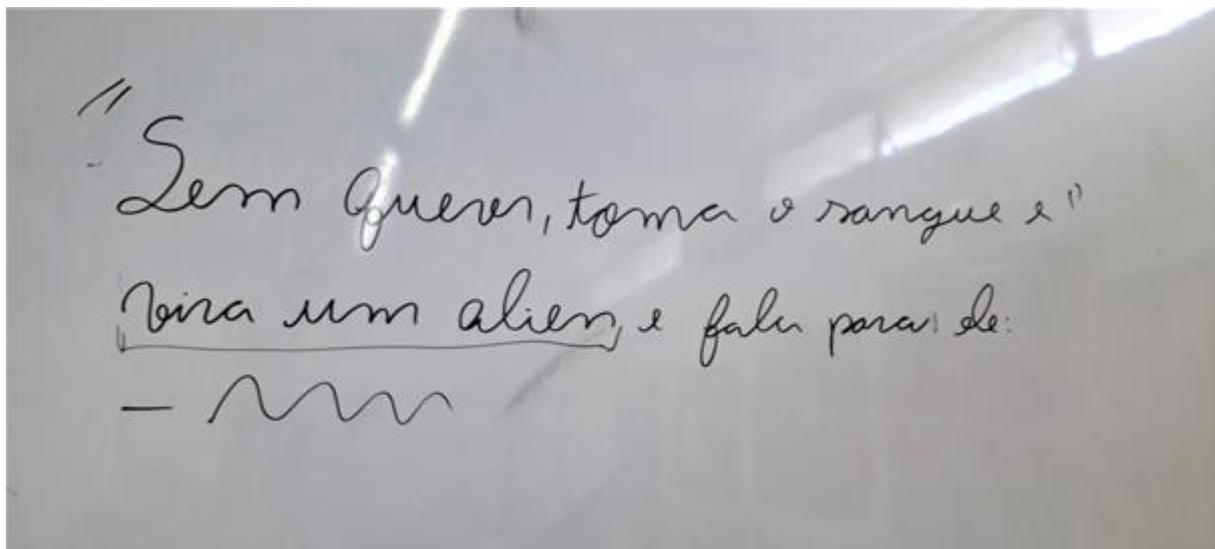
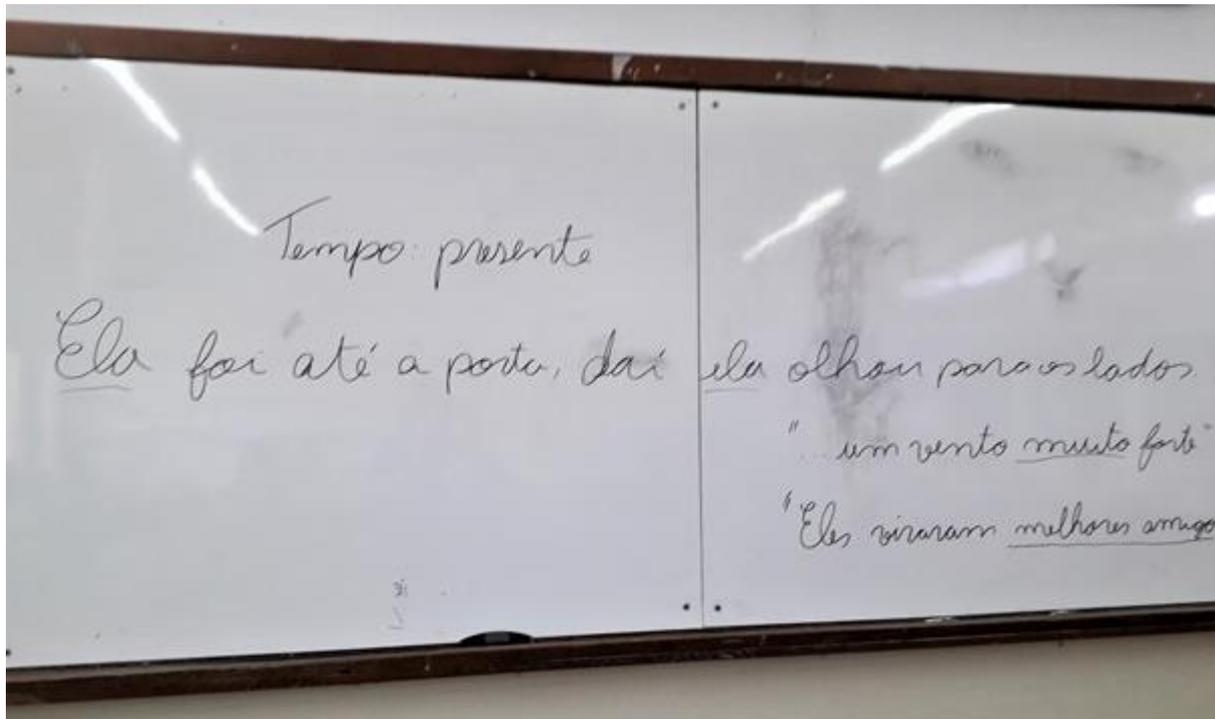
6. Referências bibliográficas

ALDRICH, Thomas Bailey. Sozinha com sua alma. In: BORGES, Jorge Luis; BIOY CASARES, Adolfo, OCAMPO, Silvina (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 28.

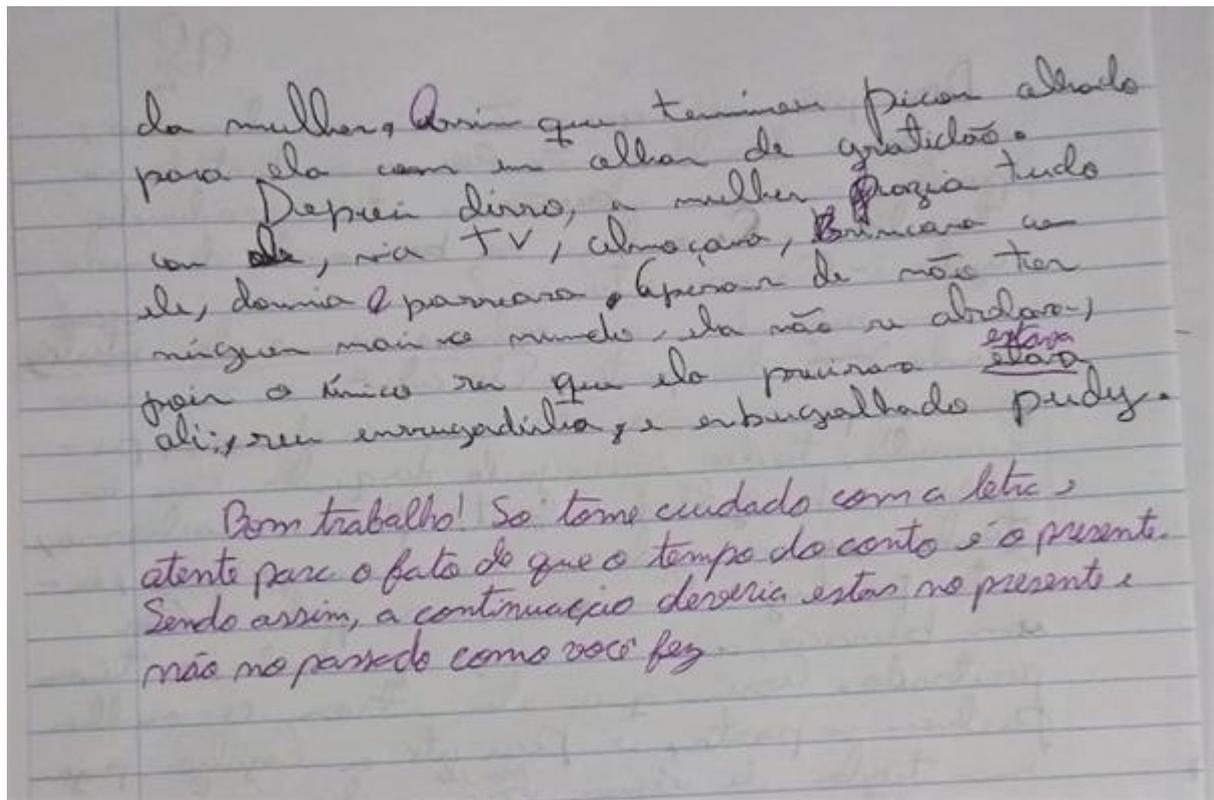
CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5a ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Anexo 1 - Aula expositiva



Anexo 2 - Produções dos alunos com comentários dos professores



A escolhida

Ela se assusta e corre para a
banheira, olha pela janela e vê sua casa
rodeada por militares. Ela, então, se rende e
é colocada em um carro preto. Ela acorda
com dores na cabeça e muito assustada, tremendo
e ~~com~~ com as pernas ~~fracas~~ trêmulas, ela
então grita por socorro. De repente ela
escuta a barulha da porta abrindo e era o
General Harvats, general da Exército norte
-americana. ~~Antes do geral~~

Cuidado
com a repetição
de palavras no
texto, poderia
ter usado, por
exemplo, "pernas
bambej".

Anexo 3 - Produções dos alunos avaliadas

100
4

Ela, com as pernas tremendo ² com suas escorrendo no rosto decide, então, descer as escadas para ver quem está na porta. Em frente à porta ~~ela~~ ela pergunta:

- Quem está aí?

Sem resposta, a mulher fica com muito medo a ponto de suas pernas não a obedecerem, ~~mas~~ ela pergunta novamente:

- Quem está aí? Me responde agora!

Linda sem resposta, cria coragem ² para abrir a porta, ~~ela~~ abre a porta lentamente enquanto olha pela brecha. ~~ela~~ ^{ela} pergunta:

Após abrir a porta, sente uma leve brisa, olha para os lados e não há ninguém. Ela olha para o chão, ~~e~~ vê uma pedra e pensa:

- Se não tem ninguém aqui, quem jogou a pedra?

Então, a pressão do vento começa a aumentar e ela consegue ver um tornado se aproximando, o vento ~~é~~ tão forte que as casas e todas as coisas no caminho foram aos céus. Quando o tornado tira ~~seu~~ sua casa do chão, ela acorda e descobre que era tudo um sonho.

Parabéns! Notei que levou em consideração as orientações muito bem! Além disso, criou uma história bem interessante e

João
2

Quando Josefina vai até a porta e não vê ninguém, começa a achar que está alucinando. Ela vai até o lambeiro e toma alguns calmantes. Quando ele sai de lambeiro, ^{para} ~~deixa~~ et's em seu sala e logo atrás deles um anjo que veio com a missão de salvá-la dos espíritos malignos.

Às vez a entrada, pelo cozinheiro, dos espíritos malignos começa uma guerra entre anjos e et's contra espíritos malignos. Às vez essa situação, ele começa a chorar para Deus, Então, Deus desce do céu e se depara com o guerra entre os anjos e et's. Rapidamente ele ~~estala~~ ^{estala} os dedos e acaba com o guerra. Depois de um período desce do acerto em seu campo, sai no rio e todos os seres ~~vivos~~ ^{vivos} estão os vivos.

Muito bom! Vocês prestaram atenção nas sugestões e concluíram o texto. Minha única sugestão, para produções futuras, seria atentar para finais com múltiplas interpretações como esse. No caso, poderiam ter trabalhado melhor a maneira como o desfecho não deixa claro se foi tudo um sonho ou se os problemas se resolveram por intervenção divina.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Planos de aula 11 e 12 - 2h/a (28/10/2019 - Segunda-feira – 8h15 às 09h45)

Tema: Prática de planejamento e produção de conto

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Produzir um conto dentro do gênero fantástico após atividade de planejamento.

1.2 Objetivos específicos

Sistematizar as ideias

Aplicar os elementos da estrutura narrativa.

Organizar a estrutura para a elaboração de uma narrativa curta.

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;

Antecipação de dificuldades;

Busca por soluções lógicas;

Organização de ideias;

Criatividade;

Estrutura narrativa na prática de produção textual.

3. Metodologia

Nessa aula, os alunos vão dar início ao processo de criação de um texto do gênero conto. Cada aluno receberá uma ficha organizadora (Anexo 1), entregue pelo professor, para execução de um projeto de elaboração de um conto. Nela, serão registrados: o tema, os personagens, o local onde se passa a narrativa, o tempo, uma ideia geral dos eventos tratados no conto e o desfecho. O professor levará algumas “caixas de ideias” com sugestões para auxiliar os alunos na elaboração das fichas. Os alunos poderão sortear, por exemplo, sugestões de personagem e locais, mas não serão obrigados a adotá-las em sua produção. Para otimizar o tempo, a verificação da presença ocorrerá de forma silenciosa, enquanto os alunos realizam a atividade. (40 min);

Cada aluno, individualmente, a partir do projeto feito na ficha, deverá escrever sua história, para ser entregue (junto da ficha de planejamento) ao final da aula em folha de papel almaço entregue pelo professor-estagiário. O professor se colocará à disposição para ajudar durante todo o processo e esclarecerá que retornarão ao texto posteriormente. (45 min);

Entrega das produções textuais. (5 min).

4. Recursos necessários

Fichas de planejamento;
Caixas com sugestões para a etapa de planejamento;
Folhas de papel almaço;
Folhas A4 brancas;
Materiais: caderno, caneta, corretivo, lápis, borracha.

5. Avaliação

Instrumentos: Elaboração de um conto

Critérios: Organização das ideias apresentadas na ficha de organização da escrita. Coesão e coerência textuais. Clareza na exposição de ideias. Aplicação de elementos da estrutura narrativa. Relação coerente entre planejamento e texto final. Uso correto da norma culta da língua portuguesa. Letra legível. Comprometimento com a elaboração da atividade. Uso do tempo destinado à realização das atividades propostas.

6. Referências bibliográficas

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Anexo 1 – Ficha organizadora de planejamento

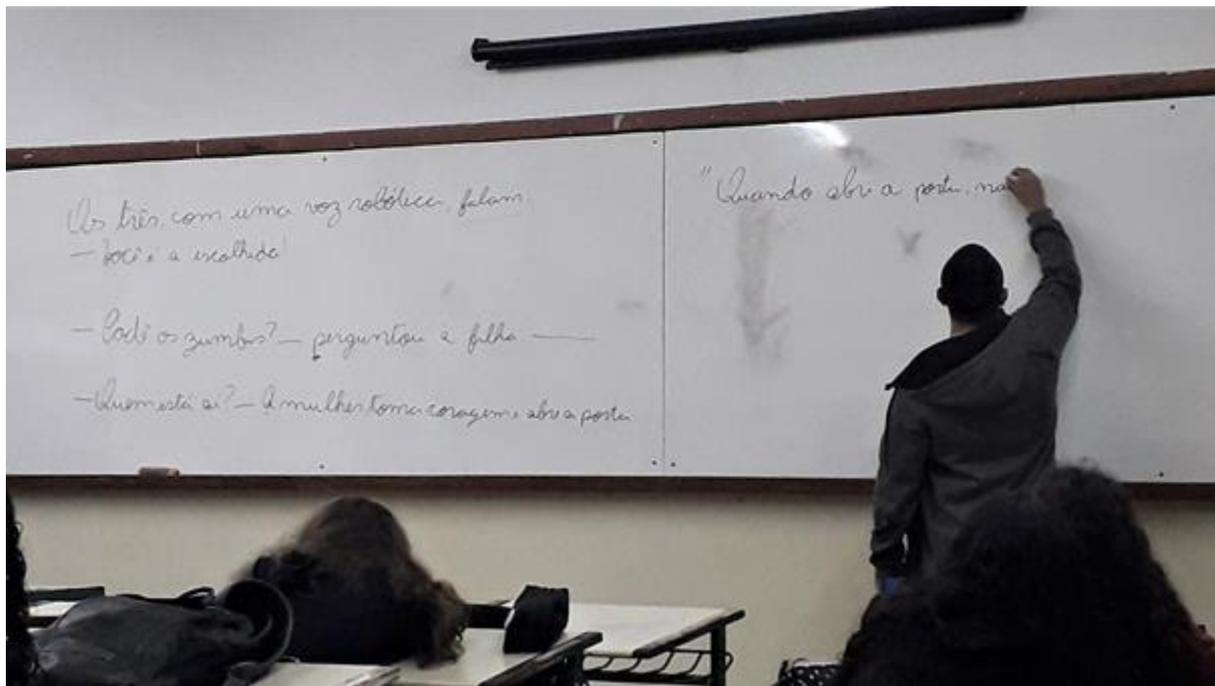
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Ficha de planejamento do conto

Aluno(a): _____

Tema	
Narrador	
Personagens	
Espaço	
Tempo	
Conflito	
Clímax	
Desfecho	
Enredo	

Anexo 2 - Aula expositiva e dinâmica das caixas de sugestões



Anexo 3 - Fichas de planejamento dos alunos

Disciplina: Língua Portuguesa - Professora regente da disciplina: [nome]

Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior

Ano: 8º Data: 28/10/2019

Aluno(a): [nome]

Ficha de planejamento do conto

fadas
floresta
crianças perdidas

Tema	Briangas perdidas
Narrador	Narrador onisciente
Personagens	4 amigos e 2 meninas e 2 meninos
Espaço	Floresta
Tempo	Presente
Conflito	Eles ficaram perdidos e não tem meio
Climax	Esperar fadas pra salvar ^{eles}
Desfecho	
Enredo	Esqueceram eles e estão per- didos na floresta

Disciplina: Língua Portuguesa

Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior

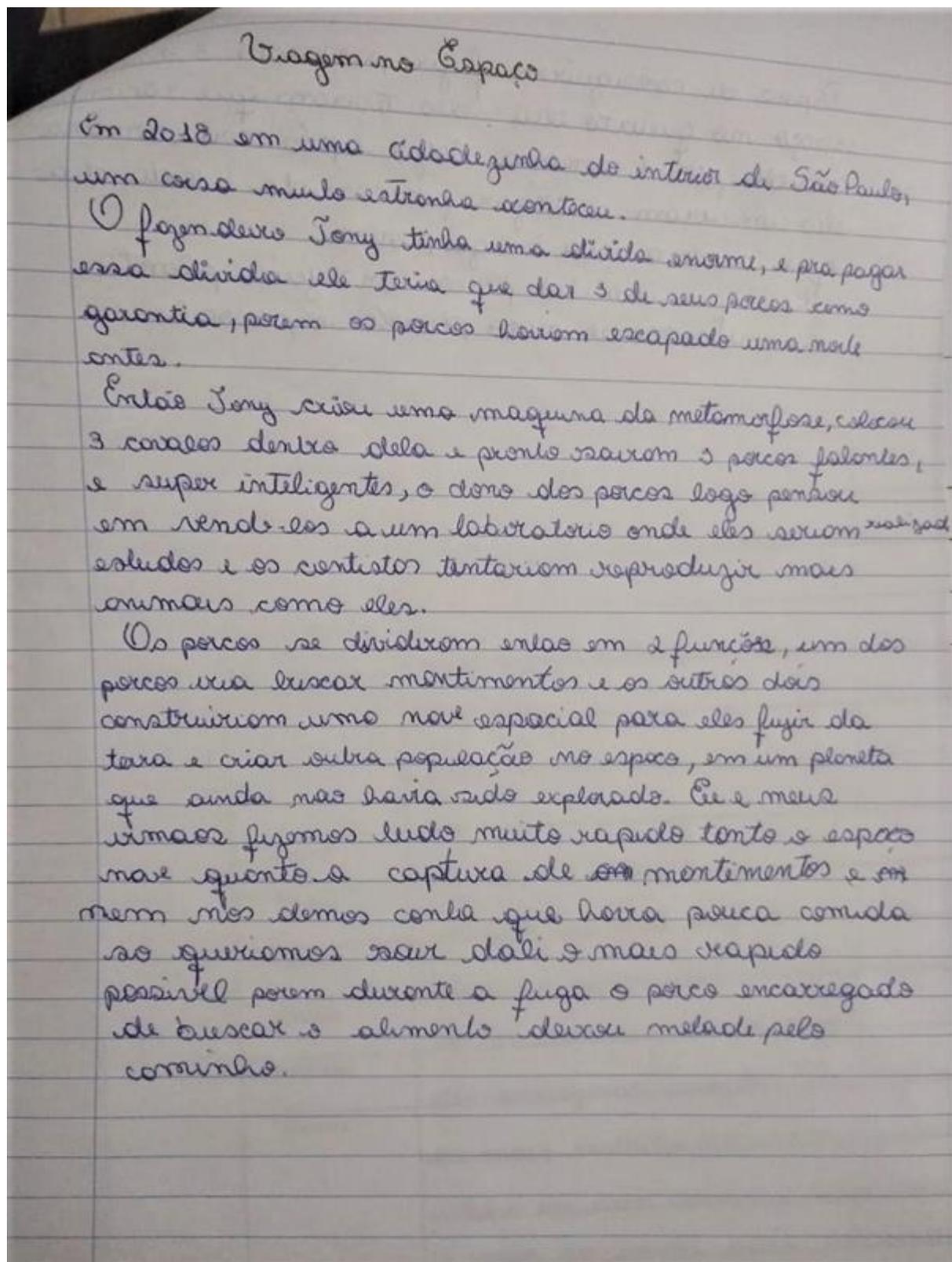
Ano: 8º

Aluno(a):

Ficha de planejamento do conto

Tema	Opressão às mulheres
Narrador	Primeira Pessoa Narrador Personagem
Personagens	As duas mulheres, Ana Clara, Beatriz A anti-herói (anti-heróica) Os familiares
Espaço	Na cidade, em que elas moram ^{(delegacia, e em suas casas).}
Tempo	Presente, Passado
Conflito	Desaparecimento dos familiares
Clímax	Agressões que elas sofrem
Desfecho	O encontro da anti-heróica e as 2
Enredo	Dois mulheres sofrem opressão dos seus familiares, e durante a história acabam se encontrando que desapareceram e descobrem quem o fizeram desaparecer

Anexo 4 - Alguns contos produzidos por alunos (primeira versão)



O mundo oculto

Darrell Dickson é um detetive renomado e conhecido em Nova York. Ele é famoso por ter desvendado casos insanamente misteriosos, como o de Gully Sanders, uma mulher que incendiou uma igreja e matou a todos em menos de 3 minutos, até então sem motivação aparente.

Já faz três anos que Darrell encerrou sua carreira como detetive, desde que sua mulher, Lex Dickson, desapareceu durante um caso de assassinato em uma cidade fantasma chamada Bone Island.

Darrell está sentado em sua casa tomando cerveja: Ele não consegue esquecer-la. Está começando a ter pensamentos obscuros, como tirar a própria vida. De repente, recebe uma ligação do delegado em que trabalha; o chefe lhe fala que é uma situação urgente.

Ao chegar lá, Darrell encontra seu antigo parceiro Plenort e, em seguida, eles recebem o caso: Trazem investigar o caso de um assassino que havia raptado sete adolescentes e os levou para Bone Island. Darrell fica em choque, pois uma parte de si quer esquecer-la, e outra quer desvelar o mais sobre.

Eles aceitam e resolvem ir para lá, porém levaram uma equipe especial para ajudar no buraco, pois o homem era ~~parceiro~~ procurado.

e muito perigosa. A cidade era totalmente abandonada e silenciosa, então a equipe resolve se separar em três: Alpha (equipe de Davril), Beta (equipe de Jhenavil) e Charlie (equipe do general Jhonsson).

Após algumas horas procurando, as equipes não encontram resultados, até que a equipe Charlie se manifesta no rádio desesperadamente dizendo ter encontrado uma escola em chamas, e em seguida se calam.

Davril decide ir ver o que aconteceu, porém ao chegar lá a escola não tem nenhum sinal de incêndio, e a equipe Charlie estava morta, com seus corpos virados de avesso... Eles resolvem deixar um pouco no local para pensar no que aconteceu. Davril acaba pegando no rano, mas logo é acordado por um dos policiais, que diz que a equipe Beta está presa com os jovens em uma cela na cidade.

Em seguida Davril acorda e descobre que o policial que o avisou nem existia, mas mesmo assim sua equipe vai para lá... chegando na cela eles encontram a Beta e os jovens em uma cela. O sequestrador então aparece e diz para os policiais que é tarde demais, e que os "vigilantes do mundo" estavam prontos para se alimentar e se fortalecer. Davril lembra de ter, que ele disse a mesma coisa antes de sumir, ele então pensa sobre isso e resolve se encontrar com o amor de sua vida.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiário responsável pela aula: Douglas Bastos dos Santos Júnior
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Planos de aula 13 e 14 - 2h/a (04/11/2019 - Segunda-feira – 08h15 às 09h45)

Tema: Prática de reescrita do conto.

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Reescrever o conto elaborado nas aulas 11 e 12 a partir da identificação dos equívocos encontrados no texto.

1.2 Objetivos específicos

Retornar ao texto após a devolutiva do professor-estagiário;
Reformular conceitos a partir dos comentários feitos pelo professor-estagiário;
Compreender a importância da dinâmica de coautoria (entre professor e aluno);

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;
Estrutura narrativa;
Criatividade;
Retorno crítico à produção feita;
Estrutura narrativa na prática de produção textual.

3. Metodologia

Aula expositiva a partir das dificuldades no uso da norma padrão diagnosticadas em suas produções com exibição de trechos retirados delas (sem identificação do aluno). (15 min)

As produções (ficha de planejamento e primeira versão do conto) serão devolvidas com os desvios gramaticais destacados junto a uma devolutiva composta de uma série de observações estruturadas na forma de questionamentos sobre a história e apontamentos sobre os desvios gramaticais. Os alunos são orientados a ler os comentários com atenção e a reescrever o mesmo texto, atentando para as orientações dadas pelos professor-estagiário na devolutiva e na exposição inicial, e fazer alterações que julgarem necessárias, mas sem escrever outra história. (15 min)

Reescrita da história. O professor se colocará à disposição para ajudar os alunos e tirar dúvidas. Para otimizar o tempo, a verificação da presença ocorrerá de forma silenciosa, enquanto os alunos realizam a atividade. (60 min.)

4. Recursos necessários

Fichas de planejamento utilizadas nas aulas 11 e 12;
Primeira versão das produções textuais (elaboradas nas aulas 11 e 12);
Devolutiva impressa;
Folhas de papel almaço;
Materiais: caneta, lápis, borracha.

5. Avaliação

Instrumentos: Texto reescrito.

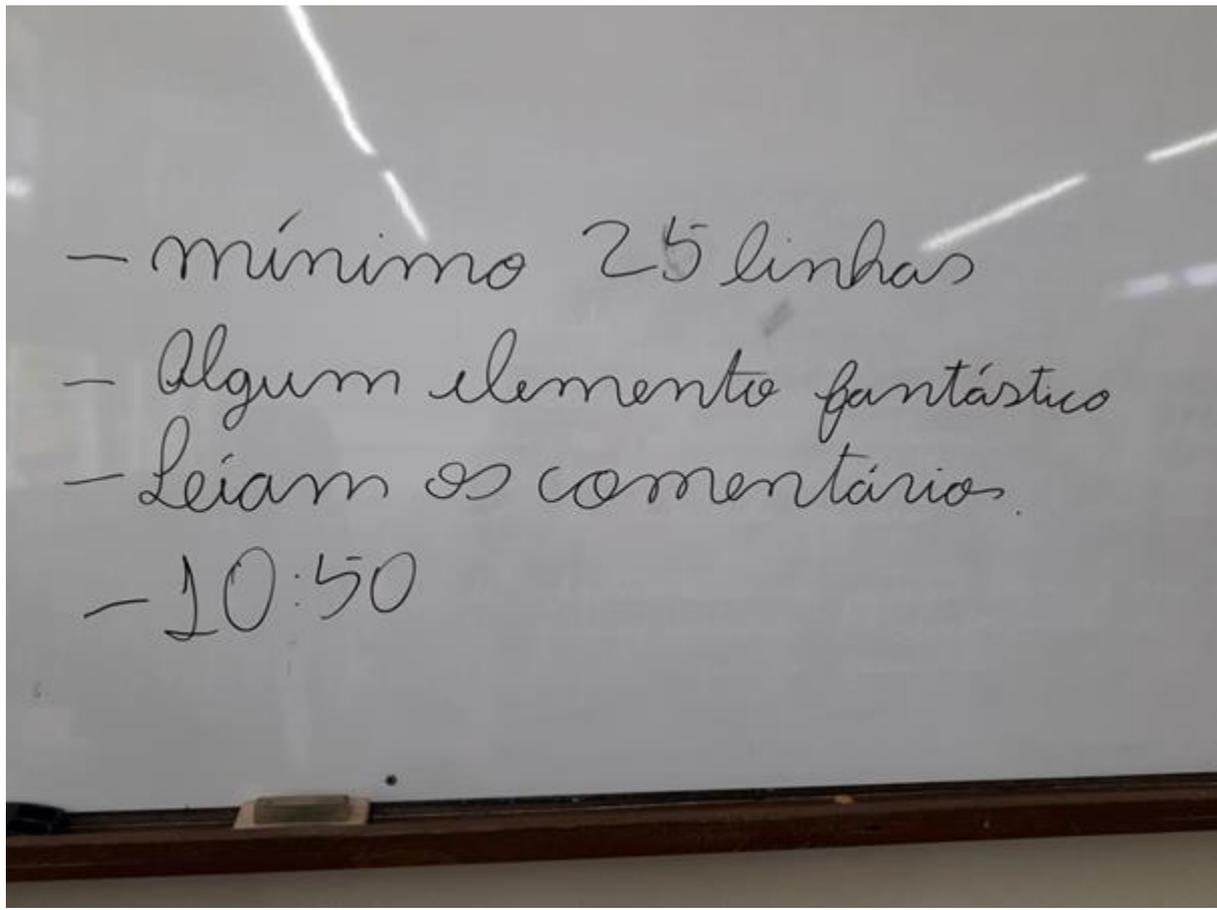
Critérios: Coesão e coerência na reescrita do texto. Organização e clareza de ideias. Uso da norma padrão da língua portuguesa. Comprometimento com o texto original. Atenção às recomendações dadas pelos professores na devolutiva. Letra legível. Comportamento. Participação em aula e respeito aos colegas e professores.

6. Referências bibliográficas

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5a ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Anexo 1 - Regras para a realização da atividade de reescrita dos contos fantásticos



Pendidos na Floresta

Em um belo dia, Júlia, Maria, Kauan e Carlos foram em um passeio com a escola, foram Fédos os alunos, eles iriam acampar na floresta. Como os 4 eram muito amigos, eles sempre ficavam juntos. Eles estavam com um pouco de medo, pois haviam ^{escutado} contado que aquela floresta tinha coisas misteriosas, mas, eles esqueceram um pouco isso e foram se divertir, pois iriam ficar 3 dias ali. Na primeira noite, ^{qual?} uma das meninas acordou, pois ouviu uns susurros ^{de} de alguém falando e vindo. Ela acordou sua amiga, pois aqueles ^{sons} susurros e ruídos não pareciam ser de humanos. ^{Susurros é quando se quer dizer isso} então ela falou. ^{Como assim?} - Amiga, amiga! acorde! ^{Como é isso que ela acordou a amiga, não parece deus bicho} Escute isso. - sua amiga Júlia acordou então e ficou com medo e falou: - Vamos voltar a dormir. Amanhã a gente vê isso. ^{Essa é uma atitude natural em uma situação dessas?}

Seu conto está ficando interessante. Se faça alguns apontamentos para que possa melhorá-lo e continuar a história. Seio eles.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 15 - 1h/a (07/11/2019 - Sexta-feira – 10h50 às 11h35)

Tema: Prática de ilustração

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Aprimorar a prática da leitura-estudo pela compreensão e análise de um texto do gênero conto e, posteriormente, sua ilustração.

1.2 Objetivos específicos

Ler o próprio conto;
Imaginar possibilidades de expressão por meio do desenho;
Analisar as possibilidades de contar a mesma história através da ilustração;
Ilustrar o conto considerando o diálogo da imagem com o texto escrito;
Sintetizar o texto em um desenho.

2. Conhecimentos abordados

Reconhecimento da ilustração como ferramenta discursiva;
O conceito de tradução;
Ilustração como objeto dialógico.
Prática de interpretação ativa com a ilustração do conto.
Síntese textual.

3. Metodologia

Breve exposição sobre o conceito de ilustração e instruções acerca da atividade que os alunos irão desenvolver em seguida (5 min);

Os alunos receberão o próprio conto digitado e revisado pelos professores-estagiários e poderão opinar sobre o resultado, a fim de se colocarem na posição de revisores do próprio texto. (5 min.);

Os alunos se reunirão em grupos (4 alunos) para compartilhamento do material de arte. Após os grupos estarem formados, cada aluno deverá ilustrar o próprio conto, utilizando lápis de cor,

canetinhas, giz de cera e folhas A4 disponibilizadas divididas pela metade (para se enquadrarem no tamanho da ilustração no livro). Os alunos terão liberdade para escolher o material, o tipo e o tema da ilustração (se será uma ilustração que representa uma cena importante da história, um personagem, etc.), contanto que seja mantida a fidelidade ao conto. Durante esse período, alunos que, porventura, tenham faltado a aula de produção textual ou de reescrita, poderão concluir o conto. (30 min)

Ao término da atividade, as ilustrações serão entregues ao professor. (5 min)

4. Recursos necessários

Quadro branco;

Canetas para quadro branco;

Papel A4;

Cópia impressa dos contos;

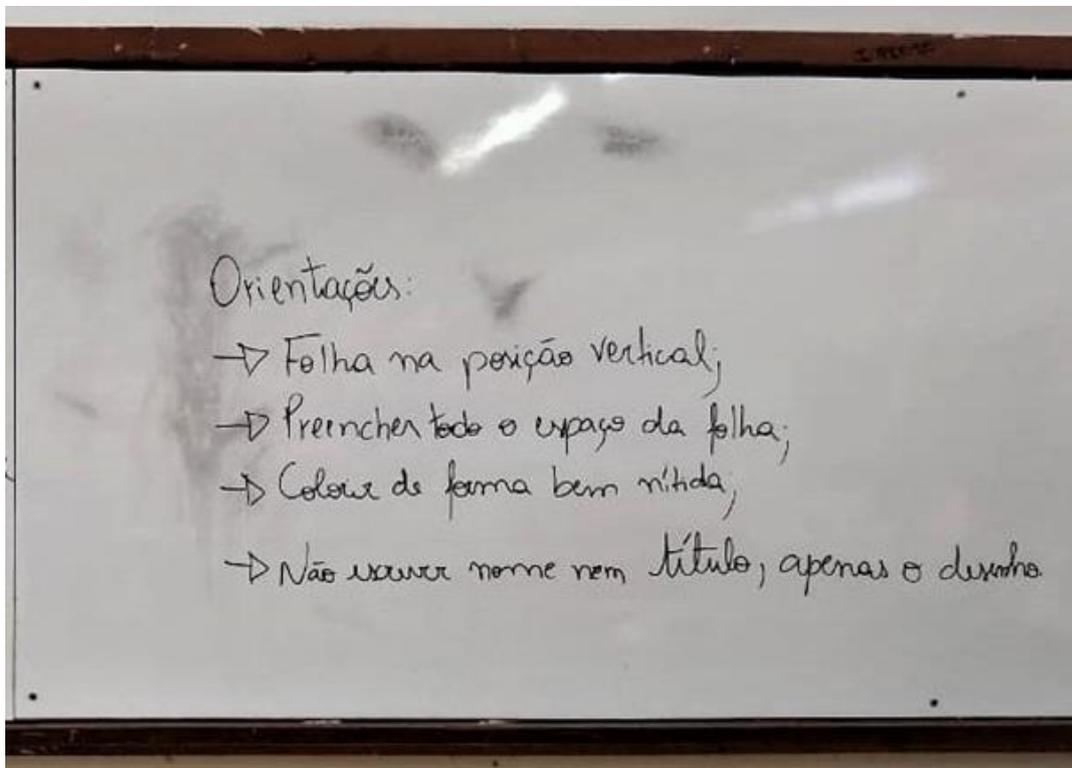
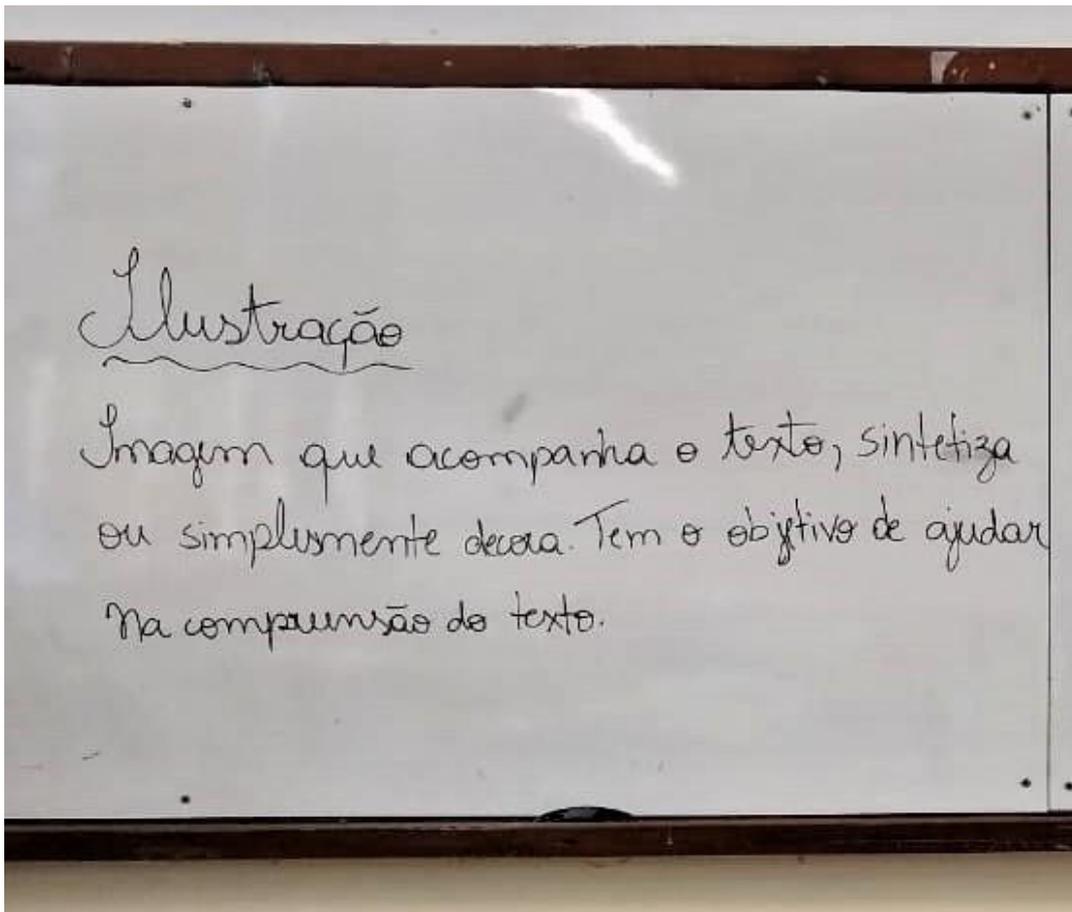
Materiais: caneta, corretivo, lápis, borracha, canetinhas, lápis de cor e giz de cera.

5. Avaliação

Instrumentos: Leitura analítica do conto com a criação de uma ilustração.

Critérios: Relação entre o texto e a ilustração. Cuidado estético com a elaboração da ilustração.

Comportamento. Participação e respeito aos professores e colegas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Planos de aula 16 e 17 - 2h/a (11/11/2019 - Segunda-feira – 8h15 às 9h45)

Tema: Escolha do título da antologia e prática de ilustração

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Escolher coletivamente o título para a antologia de contos e aprimorar a prática da leitura-estudo pela compreensão e análise de um texto do gênero conto e, posteriormente, sua ilustração.

1.2 Objetivos específicos

Participar da votação do título da antologia;
Ler o próprio conto;
Imaginar possibilidades de expressão por meio do desenho;
Analisar as possibilidades de contar a mesma história através da ilustração;
Ilustrar o conto considerando o diálogo da imagem com o texto escrito;
Sintetizar o texto em um desenho.

2. Conhecimentos abordados

Conceito de título;
Reconhecimento da ilustração como ferramenta discursiva;
Conceito de tradução;
Ilustração como objeto dialógico.
Prática de interpretação ativa com a ilustração do conto.
Síntese textual;

3. Metodologia

Será escrito no quadro três sugestões de títulos para a antologia, elaboradas pelos professores-estagiários, durante o processo de leitura e correção dos contos produzidos pelos alunos. A seguir, cada aluno receberá uma ficha em branco e deverá colocar o número da sugestão que mais lhe agrada. Após todos terem escrito sua escolha, a professora-estagiária passará com uma caixinha de mesa em mesa, e os alunos irão depositar sua ficha dentro. Feito isso, um professor

retirá a ficha por ficha da caixinha e revelará a opção escolhida, enquanto o outro anotará no quadro. Ao final, a sugestão com o maior número de votos será o título da antologia. (15 min);

Breve rememoração sobre o conceito de ilustração e instruções acerca da atividade que os alunos começaram a desenvolver na aula anterior e deverão concluir nesta aula (5 min);

Os alunos receberão o próprio conto digitado e se reunirão em grupos (4 alunos) para compartilhamento do material de arte. Após os grupos estarem formados, cada aluno deverá ilustrar o próprio conto, utilizando lápis de cor, canetinhas, giz de cera e folhas A4 disponibilizadas divididas pela metade (para se enquadrarem no tamanho da ilustração no livro). Os alunos terão liberdade para escolher o material, o tipo e o tema da ilustração (se será uma ilustração que representa uma cena importante da história, um personagem, etc.), contanto que seja mantida a fidelidade ao conto. Durante esse período, alunos que, porventura, tenham faltado a aula de produção textual ou de reescrita, poderão concluir o conto. (65 min)

Ao término da atividade, as ilustrações serão entregues à professora. (5 min)

4. Recursos necessários

Quadro branco;

Canetas para quadro branco;

Papel A4;

Cópia impressa dos contos;

Materiais: caneta, corretivo, lápis, borracha, canetinhas, lápis de cor e giz de cera;

Fichas (papéis recortados em pequenos quadrados);

Pequena caixa de papelão.

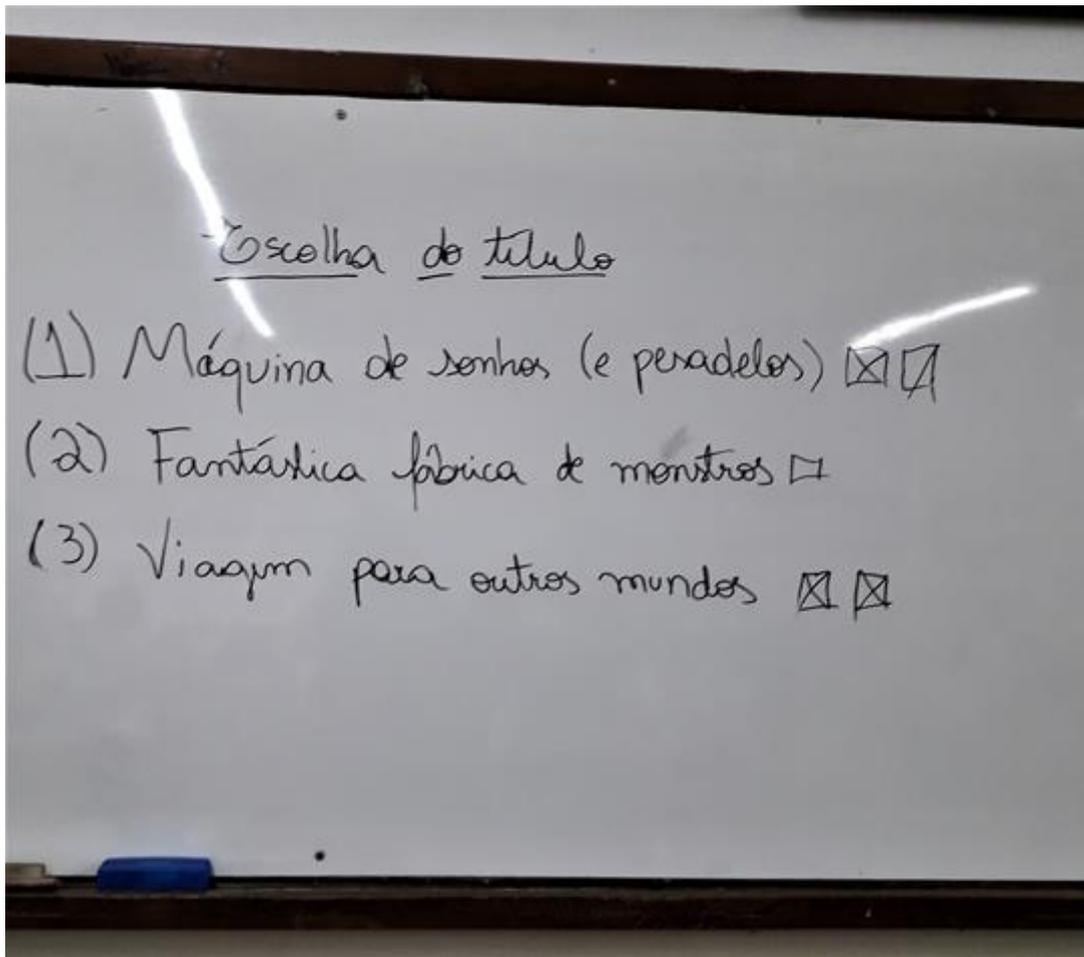
5. Avaliação

Instrumentos: Leitura analítica do conto com a criação de uma ilustração.

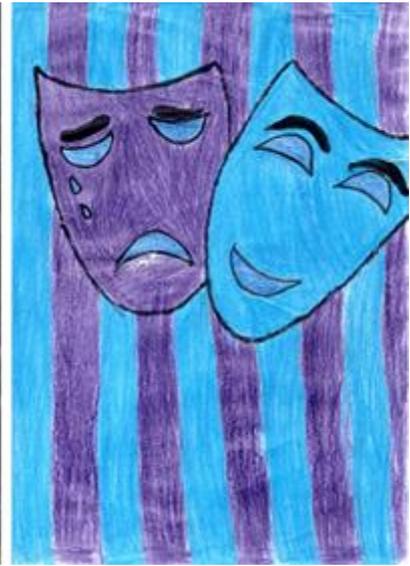
Crerios: Relação entre o texto e a ilustração. Cuidado estético com a elaboração da ilustração.

Comportamento. Participação e respeito aos professores e colegas.

Anexo 1 - Votação para a escolha do título da antologia



Anexo 2 - Algumas ilustrações produzidas pelos alunos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Plano de aula 18 - 1h/a (12/11/2019 - Terça-feira – 10h05 às 10h50)

Tema: Revisão de estrutura narrativa

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Revisar os elementos da estrutura narrativa e, por extensão, das narrativas fantásticas através de leitura e atividade de palavras cruzadas

1.2 Objetivos específicos

Revisar o conteúdo das aulas anteriores (elementos da estrutura narrativa com foco no gênero conto);

Identificar os elementos da narrativa no conto lido (cada equipe receberá um conto diferente);

Expressar a compreensão da estrutura do gênero conto e do tipo narrativo respondendo à atividade de palavras cruzadas.

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;

Elementos da estrutura narrativa.

3. Metodologia

Os alunos se reunirão em quartetos. Cada grupo receberá um conto, elaborado por colegas da turma durante a atividade de ampliação do microconto, juntamente com uma folha de atividade de palavras cruzadas, contendo dez questões sobre seu respectivo texto. Inicialmente, o grupo deverá fazer leitura silenciosa. A seguir, deverão responder à cruzadinha (20 min.);

Após todos terem concluído a atividade, um integrante de cada grupo fará leitura em voz alta do texto que recebeu. (20 min.);

Entrega das atividades. (5 min.)

4. Avaliação

Instrumentos: Leitura do conto e respostas às questões das palavras cruzadas.

Critérios: Atenção à leitura coletiva silenciosa. Comprometimento com a realização da atividade. Leitura atenta do conto trabalhado. Coerência no preenchimento das palavras cruzadas. Comportamento em sala, respeitando os colegas e os professores.

5. Recursos necessários

Quadro branco;
Canetas para quadro branco;
Impressões de contos e palavras cruzadas.

6. Referências bibliográficas

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Anexo 1 - Exemplo de atividade de palavras cruzadas respondida pelos alunos

Disciplina: Língua Portuguesa

Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann

Ano: 8º – Data: 12/11/2019

Equipe:

CRUZADINHA: TESTANDO SEUS CONHECIMENTOS

1) Leiam com atenção o conto a seguir:

Uma mulher está sentada sozinha em sua casa.

Sabe que não há mais ninguém no mundo: Todos os outros seres estão mortos.

Batem à porta.

Ela levanta, nervosa, sentindo um frio na barriga de tanto medo, e percebe que foi apenas o vento. Depois, volta para o sofá e batem à porta novamente. Ela levanta, já irritada, e vê apenas um filhote de cachorro.

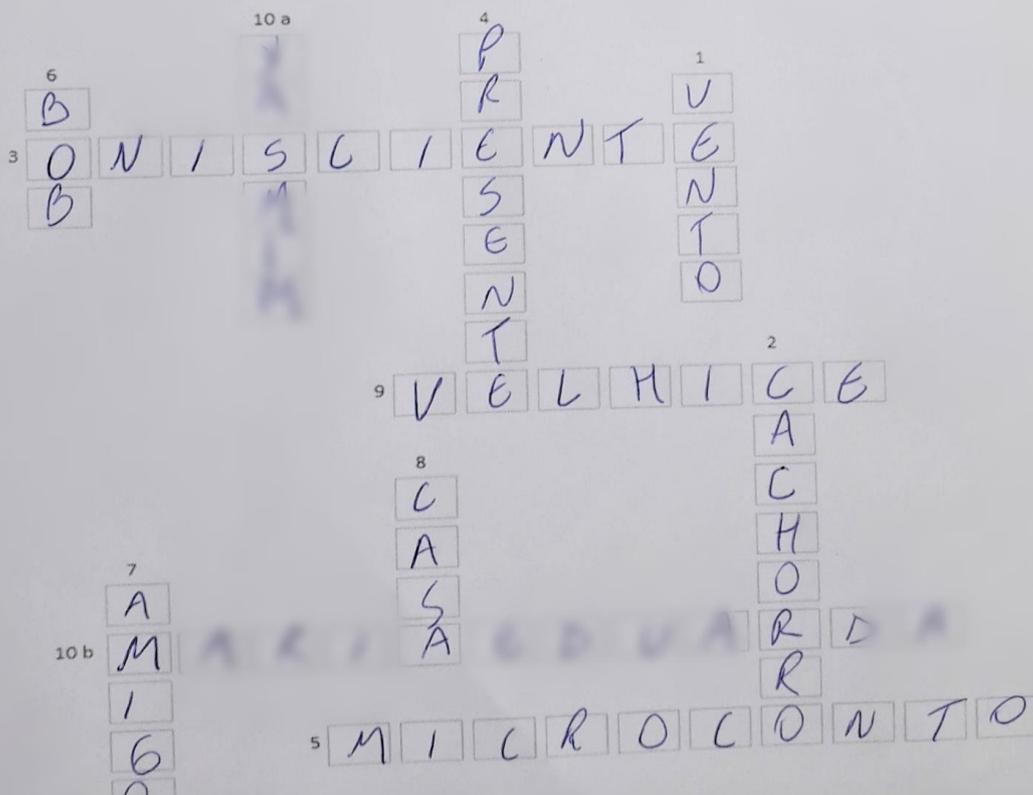
Então ela pega o filhote para criar, pois ele está sozinho e com fome. Passam-se os dias. A cada dia ela se apega mais ao filhote, dando até um nome a ele: seu nome agora é Bob. Eles viram melhores amigos e fazem tudo junto: vão ao parque, brincam na chuva, entre outros.

Eles dormem na mesma cama pois a mulher lê para ele todas as noites.

Até que um dia, o cachorro acorda e percebe que ela havia falecido de velhice, mas ele continua ao lado da velha senhora, deitado e chorando.

2) Agora, de acordo com o conto que vocês acabaram de ler, respondam diretamente na cruzadinha às seguintes perguntas:

1. O que fez a porta bater, da primeira vez?
2. Na segunda batida, quem a mulher encontra ao abrir a porta?
3. Qual o tipo de narrador desta história?
4. Qual o tempo verbal?
5. Este conto trata-se de uma ampliação do texto "Sozinha com sua alma", de Thomas Bailey Aldrich, composto por apenas três linhas. Como se chama um conto assim, tão curto?
6. Que nome a mulher dá ao cachorrinho?
7. O que a mulher e o cachorrinho se tornam?
8. Em que ambiente se passa a história? (Espaço)
9. No desfecho do conto, do que a mulher falece?
10. Este texto foi escrito por duas alunas da turma. Dicas:
a) Nome simples. b) Nome composto.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professoras orientadoras: Chirley Domingues e Maria Izabel de Bortoli Hentz
Equipe: Douglas Bastos dos Santos Júnior e Indianara Hoffmann
Estagiária responsável pela aula: Indianara Hoffmann
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 8º

Planos de aula 19 e 20 - 2h/a (11/11/2019 - Segunda-feira – 08h15 às 09h45)

Tema: Encerramento do projeto com a entrega da antologia ilustrada e roda de leitura dos contos produzidos pelos alunos

1. Objetivos

1.1 Objetivo geral

Socializar com o grande grupo os contos produzidos em dinâmica de encerramento do projeto.

1.2 Objetivos específicos

Demonstrar fluidez na leitura em voz alta;
Expressar-se oralmente com clareza, fluência e entonação;
Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta das apresentações dos colegas;
Avaliar a experiência do estágio, no que se refere à atuação dos estagiários, assim como a sua própria atuação no transcorrer do processo.

2. Conhecimentos abordados

Especificidades do gênero conto;
Estrutura narrativa;
Socialização de produção textual.

3. Metodologia

Os alunos receberão suas respectivas atividades avaliativas feitas nas últimas aulas, bem como uma tira de papel contendo a nota de todas as atividades avaliativas que desempenharam durante o projeto de docência, incluindo duas médias e a média final do trimestre. A professora regente da turma receberá uma folha contendo as notas de todos os alunos. A seguir, a professora-estagiária explicará, com o auxílio do quadro, como foi feito o cálculo das notas e esclarecerá algumas dúvidas a respeito disso. (10 min);

Os alunos formarão uma roda com as cadeiras na sala, para que seja feita a socialização (5 min);

A antologia feita com os contos e as ilustrações da turma será entregue para que circule entre eles a fim de que cada um leia o conto que escreveu para a atividade e exiba sua ilustração aos colegas. (70 min);

Ao final das leituras, cada aluno receberá uma lembrança, contendo doces, para levar para casa. A antologia impressa ficará no laboratório de português, e os alunos que tiverem interesse, poderão deixar seu e-mail para receber a antologia em formato PDF (e-book). (5 min)

4. Recursos necessários

Quadro branco;

Canetas para quadro branco;

Tiras de papel contendo as notas individuais de cada aluno;

Folha contendo todas as notas da turma (para ser entregue à professora regente);

Antologia de contos ilustrados impressos;

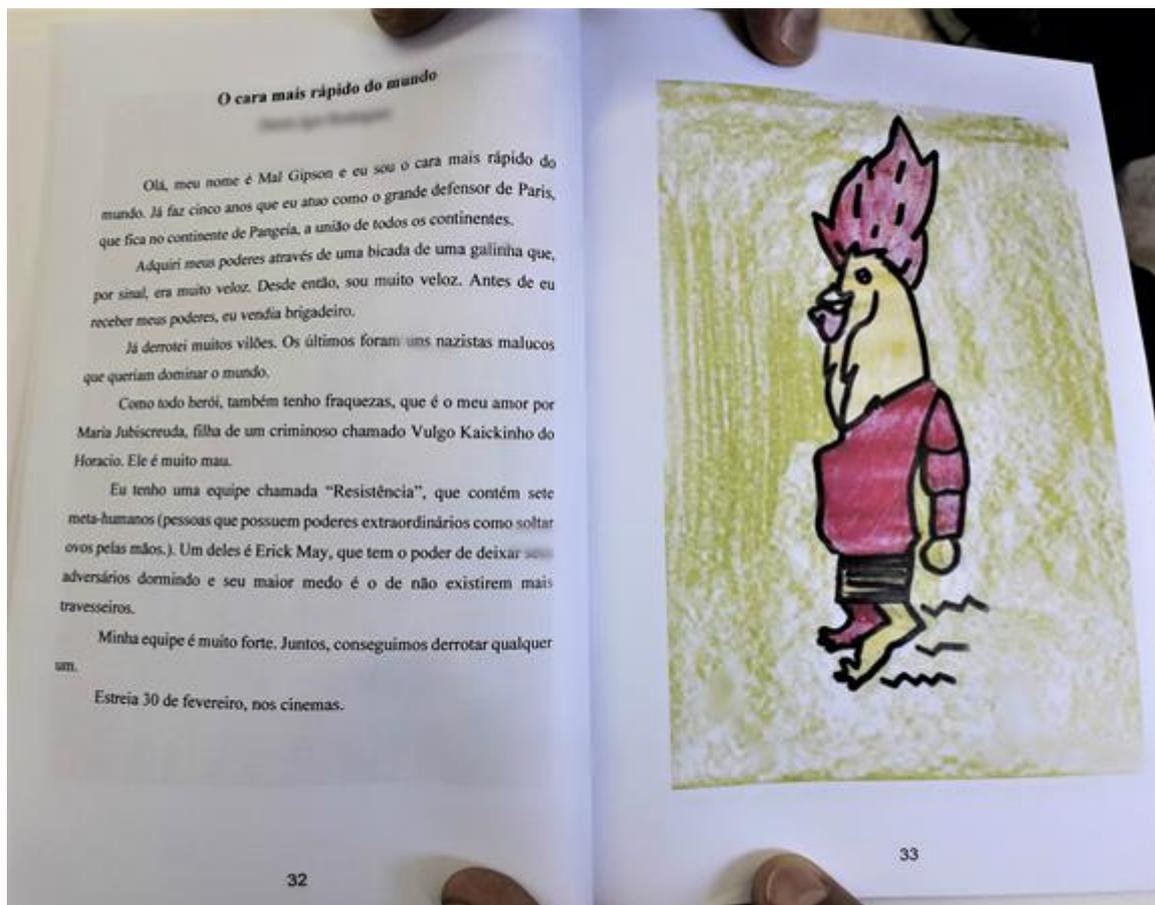
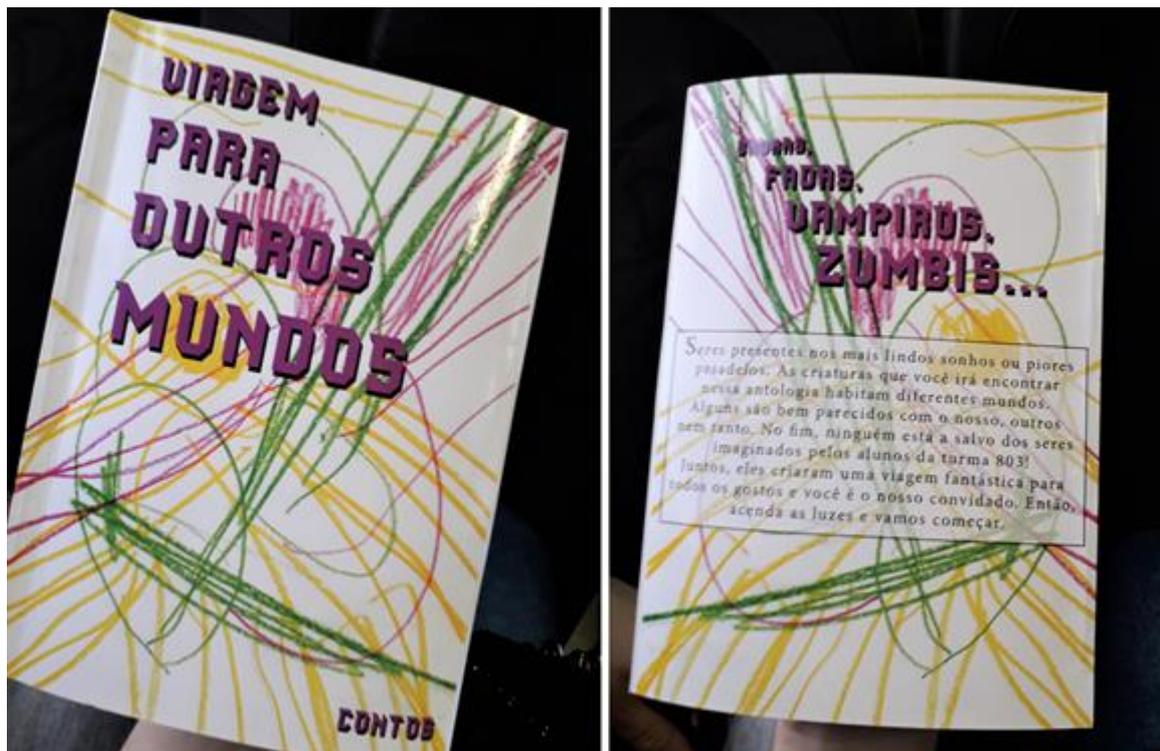
Lembrancinhas (saquinhos com doces).

5. Avaliação

Instrumentos: Apresentação oral

Critérios: Projeção e articulação vocal. Capacidade de ouvir os colegas. Fluência na leitura de texto escrito. Respeito aos colegas e aos professores. Zelo pelo espaço escolar (cuidado com as cadeiras ao formar o círculo).

Anexo 1 - Antologia de contos fantásticos ilustrados produzidos pela turma



Ilha zumbi

Em um dia lindo de sol na ilha do Hawaii, um surfista amador chamado Wander nota algo estranho no fundo da praia. Ele sai da água e percebe uma multidão em volta de algo se debatendo no chão: uma pessoa com os olhos grandes e vermelhos. Assustado, liga para a emergência.

A pele da pessoa se torna seca e rachada, então ela fica paralisada. Todos ficam em silêncio até que, de repente, ela se levanta e começa a atacar.

O coração de Wander começa a acelerar e seu corpo sua frio. Sem tempo para pensar no que poderia estar acontecendo, corre o mais rápido que pode e entra em um banheiro público para se esconder. Ouve gritos de pessoas apavoradas como ele, até que param. Tudo fica em silêncio como da última vez.

Ele abre a porta e vê todos no chão, paralisados. Deduzindo que estavam todos contaminados, sai correndo para perto de um alaguel de barcos abandonado, pega um barco e sai remando para longe. Olha para trás e vê centenas de pessoas iguais àquela que se debatia.

Chegando perto de uma ilha habitada próxima, dá a notícia de que o Hawaii não é mais o mesmo.



O palhaço assassino

Em uma cidade no interior da Califórnia, um palhaço assassino espera com todo furor para matar suas vítimas. A cada noite, três das cozinhas vivas para torturá-las e deixar um gosto melhor.

Na noite de 28 de agosto, foi à caça. Pegou a primeira na Rua Oliveira, a segunda na Rua Cardoso, a última na Rua Eller e as levou para sua casa onde as preparou. Comia cada vítima com gosto, um gosto de sangue quente fervendo na carne macia.

Ele era um palhaço com sangue nos olhos, sangue de vingança da sociedade por anos de maus tratos e bullying por sua aparência.

O que o palhaço não sabia era que uma de suas vítimas era um policial. Ao ser registrado como desaparecido, todos os policiais saíram à sua procura. Ao saber disso, o palhaço decidiu esperar alguns dias para matar novamente.

Porém, com tanto sangue humano em seu estômago, começou a passar mal. Ele foi até um hospital e, quando os enfermeiros viram que ele estava vomitando sangue, fizeram uma bateria de exames e descobriram que havia pedaços humanos dentro dele. As enfermeiras ligaram para a polícia.

Quando os exames constataram que algumas das partes humanas que estavam em seus intestinos pertenciam ao policial, o palhaço foi condenado a passar o resto da vida na prisão.



Anexo 2 - Socialização final (roda de leitura)



2.3 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.3.1 ANÁLISE TEÓRICA

Uma vez que, no projeto, se estabeleceu a intenção de prezar por uma abordagem sociointeracionista, buscou-se um processo no qual os professores-estagiários agissem apenas como mediadores do processo de aprendizagem. Sendo assim, em todas as atividades buscou-se estimular a interação entre os alunos e, acima de tudo, os professores-estagiários se colocavam à disposição para orientá-los e ajudá-los a manifestarem suas visões particulares de mundo.

Sendo assim, evitou-se imposições de autoridade na forma de gritos, ameaças ou atitudes que pudessem provocar constrangimento nos alunos. Portanto, toda tentativa de lidar com situações diferentes do ideal se deu na base do diálogo e do estímulo às suas vozes. Mesmo nos casos mais difíceis, não se buscou tirar de sala ou agir de qualquer forma radical, mas tentando contornar o distanciamento com a argumentação.

Além disso, nas atividades criativas, embora retornassem para reescrita a partir de devolutivas, estas eram sempre elaboradas tendo em vista a adequação de elementos gramaticais e uma melhor organização e estruturação de ideias, mas nunca tolhendo a criatividade e intenções discursivas. Mesmo no trabalho de edição dos contos autorais (feito pelos professores-estagiários), tentou-se ao máximo respeitar o que os alunos haviam produzido.

Da mesma forma, para a construção da antologia, buscou-se integrá-los em todas as etapas do processo, além de evitar fazer do livro um objeto associado à figura dos professores-estagiários (seja com assinaturas ou posicionamento como organizadores), mas produzindo-o como um resultado do trabalho coletivo dos alunos da turma.

Inclusive, a construção da antologia deixada no Laboratório de Português ao final da docência, exposta a toda a comunidade escolar e não apenas aos professores, foi uma proposta deixada clara desde a apresentação do projeto à turma e repetida diversas vezes durante as aulas. Com isso, o que se teve em mente foi um trabalho em função do posicionamento de Geraldi (1993, 2010), no qual deve-se afastar dos textos artificiais como a redação, gênero escolar bastante difundido que tem a autoridade do professor como destinatário.

Assim, assumindo-se, em seu lugar, a proposta de produção textual, foi importante haver a devolução da autonomia aos alunos, deixando-os livres para escolherem, dentro do universo fantástico (antigo conhecido deles pelo consumo midiático constatado nos questionários), seus temas, interlocutores, suas histórias e estratégias discursivas na construção de seus textos e na formação de grupos a fim de, ao final, construírem juntos a antologia da turma. Sendo assim,

acreditou-se estar de acordo com as cinco instruções de Geraldí (1993) para a produção textual: ter o que dizer; uma razão para dizer; alguém para quem dizer; consciência de si como sujeito que se utiliza da língua para se posicionar e uma escolha consciente de estratégias para dizer.

Tanto essa estratégia rendeu bons frutos que, em uma das aulas de ilustração, mesmo alguns alunos não querendo ilustrar os contos dos colegas que haviam faltado por acreditarem estar dando nota para eles, foram convencidos com o argumento de que isso estragaria o livro da turma, porque os contos ficariam sem ilustração. Assim, alguns acabaram, mesmo que inconscientemente, se dedicando mais para a ilustração dos colegas do que haviam feito nas próprias, como perceberam ao final da atividade.

Ainda sobre as produções textuais, como foi previsto no projeto, buscou-se uma imersão gradual dos alunos no gênero a ser trabalhado (conto fantástico). Sendo assim, a primeira produção resulta da continuação de um conto pré-existente, contemplando a redação de um clímax e um desfecho para substituir aqueles omitidos previamente. Como segunda etapa no processo, foram levados a expansão de um microconto, produzindo, dessa vez, um desenvolvimento para o conflito apresentado, um clímax e um desfecho. Essa estratégia de apresentação gradual possibilitou, inclusive, a apresentação e o desenvolvimento de diferentes conteúdos que poderiam ser usados pelos alunos na melhoria de suas narrativas, como discursos diretos e a estratégia do *show, don't tell*, bastante difundido entre os adeptos de escrita criativa e que consiste em uma abordagem do fazer literário mais a partir da sugestão do que da informação.

Por fim, como última etapa no processo de assimilação do gênero, a produção de um conto original seguiu o planejado a partir das orientações de Menegassi e Fuza (2008). Para que não houvesse influências diretas de outras narrativas, a atividade foi feita distanciada de qualquer outra e sem exemplos ou instruções limitadoras: apenas um número mínimo de linhas e a necessidade de possuírem algum elemento fantástico. Além disso, por mais que tenha se adotado a estratégia de execução-reescrita para todos as produções, apenas na última seguiu-se a tríade planejamento-execução-revisão como proposta por Menegassi (1995).

Essa opção buscou desenvolver, nos alunos, uma atitude de planejamento como estratégia para solução de desafios, que, de acordo com Friedman e Scholnick (1997 apud CARVALHO, G. E.; MACEDO, L.; PETTY, A. L. S., 2019), não se trata de um impulso humano imediato. Prova disso é a forma como tanto adultos quanto crianças tendem a buscar o método mais fácil e rápido para a solução de um problema. Nas aulas isso foi visto desde a primeira atividade (montagem do quebra-cabeça literário) em que um grupo tentou organizar os parágrafos não pela leitura do texto (método mais eficiente), mas pelo padrão dos cortes da folha de papel (método

mais prático) até a final, na qual alguns alunos não começaram a etapa de planejamento até terem acesso às caixas de sugestões e decidiram usar o que quer que saísse delas.

Contudo, no decorrer do processo, com a orientação dos professores-estagiários e a própria percepção das consequências de suas escolhas, descobriam a ineficácia da estratégia utilizada e reformulavam sua abordagem. No caso da primeira atividade, desistiram de tentar montar fisicamente o conto e começaram a identificar elementos que conferiam coesão e coerência à história, enquanto na última, foram capazes de antecipar dificuldades em lidar com aqueles elementos e construir uma narrativa coerente por conta própria.

Por fim, ao planejar a etapa de reescrita, o que se previu foi que ocorresse a partir de uma devolutiva entregue pelos professores-estagiários. Para sua construção, buscou-se seguir as orientações de Christenson (2002), que afirma terem melhores resultados sobre as produções dos alunos, aquelas elaboradas na forma de perguntas. Para isso, optou-se por fazê-las por escrito sobre o texto original, no que Menegassi (1998) define como “revisão orientada”. De acordo com ele, essa intervenção é capaz de estimular as mudanças indicadas e outras espontâneas. Isso se mostrou verdadeiro, uma vez que, em alguns casos, os alunos foram muito além do que as questões sugeriam, enquanto outros responderam apenas ao que se destacou. A única alteração

Contudo, a experiência com os alunos em sala e nas primeiras atividades possibilitou diagnosticar casos em que a simples aplicação dessas teorias não seria o suficiente. Talvez por não terem o hábito de receber devolutivas por escrito e tampouco praticar a reescrita, como foi comentado por algumas alunas que demonstraram surpresa e admiração pelos comentários feitos em seus textos, alguns ficavam perdidos com os questionamentos, o que requeria explicações extras feitas pelos professores-estagiários na fase de reescrita.

Sendo assim, casos específicos contaram com apontamentos mais extensos, explicando a origem dos problemas e adiantando possibilidades de solução, a fim de guiá-los mais diretamente no processo de construção de um discurso coeso e coerente. Foi o que ocorreu com um aluno que teve grandes dificuldades para entender no que consistia a reescrita e o que deveria fazer com os comentários, repetindo-a até a última, mesmo tendo passado por duas antes dela. Nesse caso particular foram necessários não só os apontamentos como orientações constantes dos professores-estagiários.

No fim das contas, o projeto resultou em uma obra de qualidade a partir do empenho e comprometimento de todos os alunos e professores-estagiários. Mesmo com o excesso de falta dos discentes, sequência de contratempos durante o estágio, constantes reformulações do cronograma na parte final da docência e conflitos pontuais devidamente contornados pelo diálogo, o sucesso do projeto estará materializado, espera-se, na história dos alunos, na memória

dos professores-estagiários e no livro presente na estante do Laboratório de Português da instituição.

2.3.2 RELATOS COMENTADOS

De acordo com o cronograma de atividades do Estágio de Língua Portuguesa I, do segundo semestre de 2019, estava previsto o início de nossa docência para o dia 07 de outubro. Porém, nosso objetivo era que o último encontro ocorresse em uma segunda-feira, na qual a turma tem aula-faixa de língua portuguesa. Desse modo, haveria mais tempo para fazer uma socialização final e um encerramento mais tranquilo. Sendo assim, após a autorização da orientadora, antecipou-se a regência das aulas para o dia 04 de outubro (sexta-feira, das 10h50 às 11h35).

2.3.2.1 Primeiro encontro (aula 01)

Nesse primeiro encontro, a turma se encontrava bastante agitada. Nas sextas-feiras, por ser o último dia letivo da semana e a última aula do período matutino, eles geralmente ficam bastante ansiosos. Além disso, haviam tido uma professora substituindo a professora regente da turma durante algumas semanas, e agora teriam novos professores pelas próximas vinte aulas. Houve bastante barulho, com alguns alunos saindo de seus lugares, porém fizeram silêncio durante a chamada. Após isso, a professora-estagiária responsável pela aula apresentou a equipe mais uma vez (todos já haviam se apresentado no início do período de observação) e o projeto que seria desempenhado ao longo do período de docência, explicando todas as suas etapas, a quantidade de avaliações (inicialmente planejadas para serem uma por encontro), etc. Para que os alunos pudessem visualizar melhor o projeto, alguns tópicos foram expostos no quadro. A apresentação expositiva durou a maior parte da aula, por volta de trinta e cinco minutos.

Ao término da aula, a partir da devolutiva da orientadora, percebeu-se que neste primeiro encontro houve vários equívocos, sendo o mais grave deles reger uma aula completamente expositiva para uma turma de ensino fundamental. Refletindo posteriormente sobre isso, percebeu-se que, como é hábito ter longas aulas expositivas da graduação, não ocorreu que isso seria um problema numa turma de oitavo ano: os alunos se distraíram com outras coisas durante vários momentos da exposição, conversaram com os colegas, mexeram no celular, entre outras coisas. De tempos em tempos foi necessário falar um pouco mais alto e chamar a atenção da turma. Também aconteceu de a professora-estagiária falar e escrever ao mesmo tempo, algumas vezes voltada para o quadro. Ao agir desta maneira, a voz não é muito bem projetada para a sala

inteira. Mais tarde, percebeu-se também de que, nesta faixa etária, os alunos não conseguem prestar atenção em mais de uma coisa acontecendo ao mesmo tempo: ou deve-se falar com eles e depois escrever, ou o oposto, nunca os dois ao mesmo tempo. Este equívoco foi corrigido nas aulas posteriores.

Por fim, nos últimos dez minutos restantes, a professora-estagiária explicou brevemente o conceito de antologia, pois o objetivo era de que o projeto resultasse em uma antologia de contos fantásticos ilustrados. Para exemplificar, fez uso de cinco antologias, cada uma composta por gêneros, temas e autores diferentes. Os livros foram entregues aos alunos e passados de mão em mão. Neste ponto houve outro problema, pois havia apenas cinco livros e os alunos não estavam reunidos em grupos, mas sim sentados de maneira tradicional, em fileiras. Portanto, enquanto alguns folheavam os livros, outros aguardavam chegar sua vez e, em meio a tudo isso, a professora-estagiária continuava fazendo comentários, acontecendo várias coisas ao mesmo tempo.

Pode-se dizer que a turma aceitou o projeto muito bem, fazendo algumas perguntas e comentários no decorrer da aula. Também foram estipuladas algumas regras de convivência, entre elas evitar utilizar aparelho celular, ter respeito aos colegas e professores, entre outras. Alguns alunos questionaram sobre serem liberados cinco minutos mais cedo nas aulas de sexta-feira e, ao terem esse pedido negado, houve um certo tumulto. Alguns argumentaram que outros professores liberavam, porém, a orientação recebida pelos estagiários foi a de que os alunos deveriam ser liberados somente quando tocasse o sinal, pois qualquer problema que acontecesse durante a saída antecipada seria de inteira responsabilidade dos professores que os liberaram. Sendo assim, todos foram avisados de que nas aulas de língua portuguesa deveriam permanecer até o final. Alguns ficaram um pouco chateados com essa decisão, porém a maioria reagiu de forma tranquila.

2.3.2.2 Segundo encontro (aulas 02 e 03)

O segundo encontro ocorreu no dia 07 de outubro, na segunda-feira seguinte, das 8h15 às 9h45. O professor-estagiário começou se reapresentando para a turma, além de expor os assuntos que atravessariam todo o projeto, a saber, estrutura narrativa e o gênero conto. Para isso, construiu-se um mapa mental no quadro.

Como haveria pouco tempo para trabalhar todos os elementos em apenas um encontro, optou-se por se ater, nesse primeiro momento, à “apresentação”, focando no narrador, nos personagens, no tempo e no espaço.

Para isso, no esforço de manter a fantasia como gênero norteador do conteúdo e de lidar com a falta de leitura dos alunos (como diagnosticado a partir dos questionários aplicados durante o período de observação, pois se evidenciou, na maior parte, não apenas a ausência do hábito como o desinteresse em desenvolvê-lo), a cada elemento apresentado por escrito no quadro, adotou-se, como forma de exemplificação, a menção a filmes e séries que se enquadrassem no gênero. O filme *Deadpool*, por exemplo, foi usado como demonstração de narrador personagem, enquanto os filmes *Liga da Justiça* e *X-Men* serviram para demonstrar o resultado problemático de uma narrativa repleta de personagens, alertando para o cuidado que se deve ter ao selecionar apenas o suficiente para guiar a narrativa a fim de desenvolvê-los adequadamente. A estratégia pareceu funcionar muito bem, pois os alunos se sentiram motivados a participar da exposição, trazendo outros exemplos e respondendo aos apresentados.

A apresentação do “tempo”, por sua vez, por se tratar, na maioria das vezes, apenas de uma questão estrutural presente no verbo, se ateu a essa forma e evitou partir para outras possibilidades que poderiam complexificar demais o tema para a turma em questão. O máximo que se fez foi mencionar a possibilidade de haver marcações temporais específicas quando necessárias à narrativa (o que chegou a ser usado por uma aluna em sua produção final). A mesma abordagem se deu ao tratar do “espaço”, ressaltando tratar-se do lugar no qual a história acontecia.

Em geral, repetiu-se diversas vezes a importância de se ater ao essencial para o desenvolvimento da história uma vez que estaríamos trabalhando esse conteúdo em um conto, ou seja, uma narrativa curta. Sendo assim, seria essencial que prezassem pelo cuidado com a escolha dos elementos que comporiam a narrativa a fim de não pecar pelo excesso de elementos, usando apenas o que fosse imprescindível ao desenrolar da narrativa. Portanto, quando fossem produzir seus textos, em atividades futuras, mas, principalmente, na produção final, seria recomendável que se detivessem em um elenco de dois ou três personagens, um ou dois espaços, sem muitos deslocamentos ou apresentações extensas.

Ao final da exposição, foi dado um tempo para que copiassem o mapa mental passado no quadro. Enquanto isso, fez-se a chamada a fim de identificar alunos cujos nomes ainda não haviam sido memorizados durante o período de observação.

Por fim, depois de terem copiado, foi apresentada a atividade do dia: um quebra-cabeça literário. Foi explicado que eles receberiam um envelope e dentro do envelope haveria fragmentos de um conto e que três deles não fariam parte do texto original. Eles deveriam decidir, em grupos de cinco alunos, qual a ordem correta dos parágrafos e ordená-los. Como estratégia para impedir que procurassem o conto original na internet e para ampliar as possibilidades de

percepção dos eixos que davam unidade aos contos, optou-se pela supressão do título "Um tigre de papel", assim como o nome da autora "Marina Colasanti", e selecionou-se trechos de outros textos da autora de forma a apresentarem uma estética semelhante. Desta forma, objetivou-se estimular o contato com o texto de maneira mais orgânica (uma vez que não haveria elementos para dar suporte) e, assim, observar como, de fato, liam.

No decorrer da atividade, evidenciou-se que cinco era um número muito grande de alunos para compor um grupo, porque a concentração com a atividade acabou ficando apenas com dois ou três. Portanto, era comum haver conversas fora de lugar, que eram sempre interrompidas com a presença dos professores-estagiários, assim como o uso do celular (embora a abordagem escolhida para lidar com isso tenha sido definida pela dupla antes da docência e aplicada durante todo o projeto, consistindo em comentários diretamente com os indivíduos e que, em geral, tiveram resultados positivos e evitaram constrangimentos). Essa percepção já serviu para que reformulássemos algumas atividades das aulas seguintes, alterando o número de alunos por grupo.

Ainda assim, em oposição ao comportamento apresentado pelos alunos durante as aulas do período de observação, era flagrante a maior atenção à exposição do professor, o comprometimento com as atividades e o comportamento durante elas.

Como segunda atividade prevista para a aula, havia um questionário sobre os elementos da narrativa apresentados e as estratégias utilizadas por eles na montagem do conto. O plano era entregá-lo conforme fossem concluindo a montagem a fim de retornarem ao texto e reformularem suas certezas, mas como acabaram levando mais tempo na montagem do que o previsto, decidiu-se entregá-lo como tentativa de ajudá-los a concluir a montagem, principalmente porque, como dito, nem todos estavam trabalhando (pelo número de alunos por grupo ser maior do que o necessário) e poderiam lidar com uma atividade auxiliar.

Como já antecipado, ao final do encontro, alguns pontos puderam ser constatados e serviram de reflexão para a reconstrução da imagem que tínhamos da turma (que era bastante pessimista a partir do que foi visto no período de observação e que se provou equivocada em todos os encontros do projeto).

Outra percepção importante é como alguns alunos receberam com surpresa o fato do professor-estagiário já saber seus nomes mesmo sendo sua primeira aula, fenômeno que também aconteceu nos dois encontros seguintes. Pareceram desacostumados, mas receberam positivamente a atitude que a dupla já tinha em mente desde o período de observação e que levou ambos a identificarem praticamente todos antes do primeiro encontro.

2.2.2.3 Terceiro encontro (aula 04)

O terceiro encontro aconteceu no dia 08 de outubro (terça-feira, das 10h05 às 10h50) e precisou ser reformulado a partir do resultado obtido pelos alunos na atividade anterior. Como foi diagnosticada uma grande dificuldade na montagem do conto e, conseqüentemente, na identificação dos elementos da narrativa e resposta ao questionário, principalmente sobre os tipos de narrador (personagem, onisciente e observador), percebeu-se a importância de retornar a esses pontos de outra forma.

Para isso, a quarta aula foi estabelecida como atividade de recuperação paralela. A fim de que reformulassem os conceitos, foi feita uma exposição mais detida sobre os tipos de narrador através de exemplos simples expostos no quadro: "Pedro foi ao cinema.", "Pedro foi ao cinema e estava triste." e "Eu fui ao cinema.". A cada um, era perguntado à turma sobre o tipo de narrador em ação no exemplo, ao que respondiam corretamente. Durante a exposição, o professor-estagiário foi substituindo as frases no quadro. Contudo, percebeu-se, posteriormente, que manter os três exemplos para que os alunos pudessem opô-los poderia ser uma estratégia mais interessante.

Também foi esclarecida uma confusão comum entre escritor e narrador-personagem, principalmente porque o conto em questão apresentava um escritor como protagonista. Sendo assim, foi ressaltado, principalmente através do exemplo passado no quadro, que não se tratam da mesma coisa.

Após esse primeiro momento, foi distribuída para a turma uma cópia do texto original com título e autoria. Foi solicitado voluntários para a leitura (um por parágrafo) e, surpreendentemente, houve um número suficiente de voluntários sem a necessidade de imposição. Mentalmente, o professor-estagiário registrou os voluntários e foi chamando-os pelo nome a cada parágrafo para que continuassem a leitura, mantendo-os atentos ao texto e impedindo dispersão.

Nesse primeiro contato com o texto na íntegra, alguns alunos já começaram a identificar se haviam ou não acertado alguns dos parágrafos na atividade de montagem. Após a leitura, o professor-estagiário inquiriu sobre os grupos que haviam acertado o primeiro parágrafo e apenas um se pronunciou (e no início da aula já se sabia que apenas dois grupos haviam acertado e o dele era um deles). Perguntado sobre o motivo que o levou àquela escolha, começou a expor seu raciocínio, mas foi constrangido pelos colegas e acabou se fechando.

Aliás, é interessante mencionar que esse aluno foi uma grande e positiva surpresa, porque foi apresentado negativamente no Conselho de Classe e teve uma série de conflitos com a

professora do período de observação. A dupla receava ter dificuldades com ele, mas acabou sendo um dos mais produtivos e com melhor desempenho durante todo o projeto.

O professor-estagiário, então, demonstrou os elementos que indicavam aquele parágrafo como sendo o primeiro. Contudo, os alunos demonstraram dificuldade em fazer o movimento de ouvir a explicação e observar o que se dizia do texto no próprio texto, mesmo com as solicitações para que o fizessem. Portanto, ainda que posteriormente tenha surgido a reflexão de que fazer esse movimento de análise por todo o conto teria sido uma abordagem melhor, pela experiência com o primeiro parágrafo pareceu, naquele momento, que não seria tão produtivo e sim bastante cansativo e estressante para eles.

Sendo assim, concluída a exposição, foi mencionado que eles retornariam ao questionário feito na aula anterior, agora com o conhecimento do texto completo, para que pudessem revê-lo como atividade de recuperação, pois foi dito que todos tinham algo que poderiam corrigir ou concluir (porque nem todos haviam respondido tudo e os que o fizeram não acertaram todo o questionário).

Para isso, por mais que a experiência com grupos de cinco alunos tenha se provado ineficiente, como se tratava de uma recuperação da atividade já feita dessa forma, indicou-se o retorno ao mesmo formato.

Por se tratar de uma reescrita a uma turma aparentemente desacostumada com isso, a ideia de que se tratava da "mesma atividade" desinteressou um pouco os alunos, mas nada que fugisse ao controle da dupla que andava entre os grupos dando orientações pontuais a partir do que ia vendo nas reformulações das respostas. A maior dificuldade foi com dois alunos que se demonstraram difíceis durante todo o projeto. Um deles ficou de cabeça baixa a aula inteira, mesmo com as intervenções dos professores-estagiários e o outro ficou a aula inteira fazendo atividade da aula de história (mesmo quando explicado que sua ausência na aula anterior já o teria deixado sem nota). O professor-estagiário solicitou constantemente que guardasse o livro e focalizasse na atividade, mas não conseguiu convencê-lo a rever suas atitudes (a abordagem, por outro lado, teve efeito positivo sobre o mesmo aluno em outras aulas do projeto, cujo descaso pode ser contornado pela interação com o professor-estagiário e resultou na sua participação nas atividades, como na reescrita do conto original e na ilustração do mesmo).

Assim, como visivelmente não participaram do trabalho, mesmo estando em grupo, não obtiveram nota nessa atividade, como explicado a eles individualmente em sala.

Ao final, todos os grupos conseguiram se sair melhor do que na primeira versão. Alguns mais do que outros, como já era esperado, mas, em geral, demonstraram o esforço de reformular as respostas, principalmente nas questões que envolviam o narrador.

2.3.3.4 Quarto encontro (aula 05)

O quarto encontro aconteceu no dia 11 de outubro (sexta-feira, das 10h50 às 11h35) e seguiu o planejamento inicial de conclusão dos elementos da narrativa. Para isso, foi feito um apanhado dos elementos já apresentados no qual eram perguntados quais os que identificavam no conto "Um tigre de papel", de Marina Colasanti, que haviam lido na íntegra na aula anterior. Conforme iam respondendo, o professor-estagiário ia colocando as respostas no quadro. Após esse primeiro momento, os demais elementos (enredo, conflito, clímax e desfecho) foram apresentados como na aula anterior (através de mapa mental no quadro e com exemplos tirados de filmes e séries).

Como os últimos três elementos são os mais abstratos, também se buscou provocar uma resposta dos próprios alunos, perguntando-os quais seriam eles no conto de Marina Colasanti (embora essas respostas não tenham sido colocadas no quadro para estimular o esforço em buscá-las posteriormente, no preenchimento da atividade seguinte).

Ao final da exposição, foi passada a atividade do dia: individualmente, receberam um roteiro de leitura com uma série de questões a serem respondidas a partir da leitura do texto "Um tigre de papel" e das definições dos elementos da narrativa (contidas na folha).

Como forma de impedir que saíssem com dificuldades, a dupla andou entre os alunos, olhando as respostas e tirando dúvidas sempre que surgiam. Nem todos perceberam que as respostas para os quatro primeiros elementos estavam no quadro e, sempre que possível, tentamos não revelar isso durante as explicações individuais para que não fosse apenas uma cópia. Sobre os que identificavam as respostas no quadro, viu-se isso como a compreensão dos conceitos o suficiente para perceber que se tratavam das mesmas questões e por demonstrar atenção à exposição e ao conteúdo passado pelo professor-estagiário.

Como já era previsto, por se tratar de um tema complexo e, embora bastante comum aos produtos midiáticos que mais consomem (filmes e séries), não serem refletidos normalmente, percebeu-se que apresentaram certa dificuldade.

Há certa ironia nisso, pois, durante a exposição, alguns alunos comentaram que os elementos da narrativa já haviam sido trabalhados em outros anos, o que despertou a antecipação de que não precisariam de um aprofundamento muito maior. Contudo, a percepção que se teve ao final é a de que o cenário não era bem assim e que os conceitos não haviam sido assimilados adequadamente pelos alunos nessas experiências anteriores.

Portanto, é possível que um trabalho com um maior número de textos e atividades envolvendo menos elementos da narrativa, ou seja, introduzindo esses conceitos no cotidiano

dos alunos de maneira mais gradual, pudesse ter um resultado mais interessante e, talvez, mais duradouro, pois a experiência que se teve na produção final foi a de que eles tinham bastante familiaridade com a estrutura narrativa na prática, mas tinham dificuldade na hora de esquematizá-la e associá-la aos conceitos, o que, conseqüentemente, dificultava maiores liberdades e experimentações capazes de enriquecer e demonstrar o domínio do gênero.

2.3.2.5 Quinto encontro (aula 06)

O quinto encontro ocorreu no dia 18 de outubro (sexta-feira, das 10h50 às 11h35). Inicialmente, os alunos foram reunidos em duplas. Cada dupla recebeu uma folha contendo o conto “O Ovo com Solenidade”, de Diúlio Gomes, parcialmente impresso, com título, clímax e desfecho omitidos, substituídos por linhas. A seguir, a professora-estagiária pediu que alguns alunos realizassem a leitura do texto em voz alta e vários quiseram participar, como na ocasião mencionada anteriormente. Cada aluno leu um parágrafo em voz alta, e a professora-estagiária leu as últimas linhas, de modo a aumentar o suspense da história. Por diversas vezes foi constatado que, apesar de a maioria dos alunos ter uma boa dicção e ler em voz alta, não costumavam fazer pausas dramáticas e nem se esforçavam para ter uma boa entonação: liam para si mesmos, não para seus ouvintes. Porém, quando corrigidos acerca disso, alguns retomavam a leitura atentando a esses detalhes e fazendo as devidas melhorias, o que fez a dupla de estagiários refletir que, caso o hábito da leitura coletiva em voz alta fosse mais frequente, os problemas poderiam ser melhor trabalhados e as dificuldades, reduzidas.

Terminada a leitura do texto, a professora-estagiária começou a questioná-los sobre alguns elementos presentes no conto que acabaram de ler (tipo de narrador, tempo, espaço e personagens) e foi escrevendo as respostas corretas no quadro, esquematizando os elementos, de modo a valorizar as respostas corretas dos alunos (quanto aos que respondiam incorretamente, a professora-estagiária lhe fazia perguntas até que reformulassem suas respostas).

A seguir, lembrou como o texto impresso terminava e questionou acerca do que poderia acontecer na história a partir daquele ponto (clímax e desfecho). Os alunos participaram bastante, levantando diversas possibilidades, e a professora-estagiária também sugeriu algumas situações, com o intuito de que percebessem que o universo fantástico é muito amplo. Em seguida, explicou a atividade do dia: cada dupla deveria criar um clímax, desfecho e título para a história e entregar ao final da aula. Poderiam utilizar alguma ideia que tenha sido mencionada anteriormente ou uma ideia totalmente nova, porém deveriam respeitar os demais elementos do texto, de modo

que os parágrafos criados por eles fossem coerentes com os parágrafos iniciais (deveriam seguir o mesmo padrão de narrador, tempo e etc).

Enquanto realizavam a produção, percebeu-se que a dinâmica da atividade em dupla foi bastante satisfatória: como estavam reunidos em pares, as conversas ficaram mais controladas (geralmente eles apenas conversavam entre si, raramente falando com outros colegas); foi mais fácil de auxiliá-los, pois os dois ouviam a orientação dos professores e, depois, ajudavam-se mutuamente; os alunos ficaram mais ocupados, pois as tarefas foram distribuídas de forma mais equilibrada e puderam realizar leituras juntos, sem nenhuma dificuldade para acompanhar o texto. Durante a realização desta atividade, tanto os professores-estagiários quanto a professora orientadora circulavam o tempo inteiro pela sala, auxiliando os alunos e fiscalizando para que não perdessem o foco. Ao término da aula, todos entregaram suas produções textuais.

Os professores-estagiários corrigiram todos os textos, fazendo comentários acerca de melhorias para a reescrita, porém sem atribuir nenhuma nota, pois em todas as produções textuais desenvolvidas no decorrer do projeto, as notas foram atribuídas somente na versão final, levando em conta todo o processo e a evolução dos alunos de uma etapa a outra.

2.3.2.6 Sexto encontro (aulas 07 e 08)

O sexto encontro aconteceu no dia 21 de outubro (segunda-feira, das 8h15 às 9h45). Este encontro foi dividido em dois momentos:

No primeiro, a professora-estagiária ressaltou a importância da reescrita e deu algumas instruções gerais, bem como ressaltou que cada dupla deveria ler atentamente sua devolutiva antes de reescrever. Mais uma vez, a professora fez perguntas aos alunos, lembrando os elementos do conto e escrevendo-os no quadro, para auxiliar todos na reescrita, bem como os alunos que haviam faltado na aula anterior. A seguir, os alunos se organizaram em duplas, mantendo a mesma formação do encontro anterior e os que haviam faltado se juntaram entre si ou fizeram sozinhos. Portanto, no primeiro momento de aula, tivemos três situações acontecendo simultaneamente: alunos que haviam concluído a tarefa na aula anterior e estavam reescrevendo de acordo com a devolutiva que receberam; alunos que não haviam concluído estavam escrevendo as partes que faltavam e reescrevendo as prontas que necessitavam de melhorias; e os alunos que faltaram na aula anterior estavam escrevendo a primeira versão da tarefa. Novamente, durante esse tempo, professores-estagiários e orientadora circulavam pela sala dando suporte aos alunos e controlando-os, para que aproveitassem o tempo da melhor forma possível.

Pouco antes do fim da primeira aula, os professores começaram a organizar um círculo, formado apenas por cadeiras, no centro da sala. Conforme as duplas iam finalizando a tarefa, traziam suas cadeiras e se juntavam à roda. Em pouco tempo, todos estavam sentados em círculo e iniciou-se o segundo momento (segunda aula): a professora-estagiária releu o conto parcialmente impresso e, a seguir, um integrante de cada dupla deveria ler as partes que escreveram (clímax, desfecho e título). Os alunos foram instruídos a ler assim que o outro colega terminasse, de modo que a leitura fosse bem dinâmica, sem perda de tempo entre a leitura de uma produção e outra, e também para que todos pudessem perceber com mais nitidez a diferença entre uma produção e outra, causando um impacto maior.

De um modo geral, pode-se dizer que a roda de leitura foi um sucesso. A princípio, a maioria dos alunos ficou envergonhada por ter que ler sua produção em voz alta ao restante da turma, mas depois foram se desinibindo. Isso demonstrou que eles não estavam acostumados a sentar-se em círculo e nem a ler seus textos em voz alta (geralmente escreviam apenas para a professora ler e atribuir nota). Durante a última aula do período de observação, os alunos apresentaram, em grupos, suas produções textuais do gênero literatura de cordel ao restante da turma: todos de pé, na frente do quadro, voltados para a frente. Percebeu-se que essa maneira de apresentar não era proveitosa naquela turma, pois eles perdiam muito tempo indo lá na frente e voltando para as suas respectivas carteiras. Havia muita dispersão entre um grupo e outro, os alunos que estavam assistindo muitas vezes desrespeitavam a apresentação do grupo que estava apresentando (conversavam paralelamente, riam, entre outras coisas), e o grupo que estava lá na frente não conseguia ler com desenvoltura, sendo necessário que a professora interviesse diversas vezes.

Porém, com a socialização das produções textuais em forma de roda de leitura, todos os problemas mencionados anteriormente foram completamente ou parcialmente solucionados: como estavam todos frente a frente, os alunos prestavam atenção ao colega que estava lendo e não houve muito desrespeito por parte dos ouvintes (com exceção de algumas conversas paralelas, que foram rapidamente controladas); os alunos que liam se esforçavam em ler bem e manter a dinâmica da roda (exceto dois alunos, que perderam tempo decidindo quem iria ler e demoraram até iniciar a leitura, mas depois foram bem) e teve-se um aproveitamento melhor do tempo, pois todas as duplas conseguiram ler suas produções. No plano de aula deste encontro estava previsto que, ao final, a professora-estagiária revelaria as partes omitidas, bem como a autoria do conto, porém não deu tempo para que esta revelação fosse feita. Sendo assim, a leitura do conto completo foi feita em uma aula posterior.

2.3.2.7 Sétimo encontro (aula 09)

O sétimo encontro ocorreu no dia 22 de outubro (terça-feira, das 10h05 às 10h50) e começou com uma exposição sobre microcontos. No quadro, o professor-estagiário passou dois exemplos: “O dinossauro”, de Augusto Monterroso e “Sozinha com sua alma”, de Thomas Bailey Aldrich.

Para não consumir tempo de aula, aproveitou-se que o encontro começava depois do recreio para, nesse intervalo, com a sala estava vazia, preencher o quadro com os textos e campos vazios indicando os elementos da narrativa a fim de serem preenchidos durante a exposição. Como forma de aumentar o número de possibilidades interpretativas, foi suprimido o título do segundo microconto, embora as autorias tenham sido mantidas.

A turma foi instigada a descobrir, por dedução, do que se tratam os “microcontos” apenas pela estrutura do termo e pelos exemplos deixados no quadro. Eles concluíram se tratar de “contos pequenos” ao que o professor aproveitou para demonstrar como a ideia do microconto é levar ao limite a ideia central de narrativas curtas: ater-se àquilo que há de essencial a fim de construir a história que se quer contar. No caso de microcontos ocorre até a supressão de elementos canônicos da narrativa que seriam identificados como essenciais.

Para tornar isso evidente para os alunos, foi questionado, a partir da leitura dos microcontos presentes no quadro, quais seriam os elementos que estariam ausentes. No caso do do dinossauro foi mencionado como não há apresentação e nem desfecho e como, apesar do tipo de narrador e tempo serem evidenciados, até a quantidade de personagens (se um ou dois) é posta à prova pela forma como o texto é escrito, uma vez que o personagem que acorda pode ser o próprio dinossauro. Em resumo, o texto parece ser um recorte dentro do desenvolvimento de um conflito.

Em relação ao segundo microconto, foi comentado como a história parece se encerrar na introdução de um conflito, questionando os alunos sobre possibilidades para as lacunas deixadas pelo texto como, por exemplo, “Por que ela está sozinha no mundo? O que pode ter acontecido com os outros seres?”. Isso, inclusive, levou a outro questionamento à turma: Por que o texto menciona “seres”? O que isso nos leva a entender? E eles prontamente mencionaram que não só as pessoas não estavam mais lá, mas todos os seres vivos.

Além disso, foi mencionado, pelo professor-estagiário, como opções da tradução influenciariam nas possibilidades interpretativas do texto. Enquanto na versão brasileira, por exemplo, o narrador diz “...em sua casa”, na versão original ele diz apenas “...in a house”, substituindo o pronome possessivo por um indefinido. Quando perguntados sobre o que isso

poderia dizer, eles caminharam em direção à argumentação correta de que ela poderia estar em qualquer casa.

Sobre a outra possibilidade de tradução, primeiro perguntou-se quem ou o que eles achavam que estava batendo à porta. As primeiras sugestões foram, como previsto, situações menos fantasiosas, como "o vento" ou "um galho". Contudo, o professor-estagiário mencionou como no original não "batem à porta", mas "the doorbell rings" (a campainha toca) e perguntou se isso mudaria alguma coisa. A resposta positiva dos alunos foi justificada pela impossibilidade do vento ou de gravetos tocarem a campainha, o que começou a despertar outras possibilidades mais fantásticas de lidar com o mistério apresentado.

Foi mencionado, inclusive, como os dois microcontos poderiam fazer parte do mesmo mundo tamanha era a liberdade assumida pelo gênero.

Ao final, foi apresentada a atividade do dia, na qual deveriam partir do microconto "Sozinha com sua alma" para criar um desenvolvimento para o conflito, um clímax e um desfecho. Ofereceu-se, inclusive, a possibilidade de usarem o conto do dinossauro se preferissem, mas decidiram se ater ao da mulher solitária.

Com o bom resultado das atividades em duplas, decidiu-se manter essa formação. A conversa era mais controlada e o trabalho, mais equilibrado. Assim, os professores-estagiários andaram entre as duplas ajudando com as dificuldades e orientando a partir das ideias que foram surgindo. Tentou-se orientá-los quanto à necessidade de se organizarem e se manterem fiéis ao universo e aos elementos já introduzidos pelo microconto como base, a saber, o tipo de narrador, o espaço e o tempo. Assim, mesmo se decidissem mudá-lo, deveriam manter-se coerentes ao já exposto.

Ainda assim, mesmo com nosso constante auxílio, algumas duplas usaram muito tempo discutindo diferentes ideias e tentando chegar a um consenso, o que fez com que nem todos conseguissem concluir até o final da aula.

2.3.2.8 Oitavo encontro (aula 10)

O oitavo encontro (aula 10) aconteceu no dia 25 de outubro (sexta-feira, das 10h50 às 11h35) e foi dedicado à reescrita do texto produzido na atividade anterior. Devido à necessidade diagnosticada nas produções e pelo pouco tempo disponível por se tratar de apenas uma aula, optou-se por expor, ao começo do encontro, um tema comum à escrita criativa e que já poderia começar a prepará-los para a produção final que se aproximava: *show, don't tell*.

Em linhas gerais, trata-se da concepção de texto literário como uma produção que busca mais provocar sensações do que dizer coisas (proposta mais comum em textos dissertativos). No caso dos alunos, com a ajuda de alguns exemplos tirados das produções deles, o professor-estagiário mencionou, basicamente, dois tipos de situação:

Na primeira, como mostrado no trecho do alienígena, o que se queria demonstrar já havia sido construído na condução da narrativa (*show*), mas, ainda assim, eles decidiram explicar diretamente o que se queria dizer (*tell*). Foi explicado como isso acaba sendo redundante e tirando do leitor o prazer em descobrir as coisas por si mesmo.

Na segunda, a questão recaía sobre situações em que eles tentavam resumir um sentimento ou um estado mental com apenas uma palavra (*tell*). Foi bem comum, por exemplo, dizerem que a personagem estava com medo ou assustada. Assim, a partir desses exemplos, o professor-estagiário começou a perguntar como uma pessoa ficava quando estava com medo ou assustada, quais os sinais físicos que apresentava e como se comportava. No início, eles tiveram certa dificuldade, mas, aos poucos, após algumas sugestões do professor-estagiário e da professora regente, foram dando sugestões que ajudaram a construir um exemplo simples de lidar com situações como essa. Outro exemplo foi: "melhores amigos". Para esse, o professor-estagiário seguiu a mesma estratégia, perguntando o que fazia de alguém "melhor amigo" e sugerindo outras possibilidades, como atividades que fazem juntos, etc.

O objetivo, portanto, foi mostrar que os escritores, ao descreverem melhor a situação, podem demonstrar algo para que o leitor realmente perceba o que se está querendo passar e não que digam o que devem sentir. Isso acaba resultando em textos mais envolventes e atraentes para os leitores.

Devido à impossibilidade de reproduzir, na íntegra, os textos que serviram de exemplo no quadro, foi apresentado um resumo breve dos enredos e, posteriormente, houve a demonstração da situação em foco. Como estratégia futura para trabalhar o mesmo tema, é possível escolher uma abordagem na qual os alunos acessem textos completos e neles sejam alertados sobre situações como essa. Talvez até propor uma atividade na qual os alunos, após certo período de familiarização com a técnica, identifiquem isso em textos que adotem ou reescrevam em textos que não.

Após a explicação, foi solicitado que voltassem às duplas anteriores para retornarem ao texto. Eles receberam os textos corrigidos a caneta roxa (na tentativa de escapar ao poder opressor da caneta vermelha), comentados e com uma devolutiva levantando questionamentos sobre a narrativa. Por mais que se tenha tentado seguir a proposta de estruturá-la apenas na forma de perguntas, como sugerido por Christenson (2002), a realidade é que alguns textos

apresentavam problemas que escapavam à possibilidade de se ater a essa estratégia. Alguns alunos demonstraram uma dificuldade de seguir orientações e faltava à turma a experiência para lidar com devolutivas (como esclareceu uma aluna que demonstrou surpresa e agrado com a estratégia ao perguntar ao professor-estagiário se faria aquilo em todas as atividades em sua carreira posterior à graduação, ao que foi explicado que o objetivo seria ter esse cuidado, mas que não seria possível prever a aplicabilidade disso seguindo o cronograma e o número de turmas de um professor regular), o que levou à necessidade de esclarecimentos maiores a respeito do que se estava apontando.

Sendo assim, algumas delas apresentaram explicações sobre a relevância do que se estava mencionando e de que maneira deveriam refletir para lidar com os apontamentos e revisitarem o texto.

Eles receberam uma nova folha para passarem a limpo e concluírem a reescrita. Isso serviu de aprendizado para a atividade de reescrita da produção final, porque alguns poucos alunos que não haviam conseguido concluir a produção no dia da escrita, preocupados em corrigir os erros apontados no início do texto, acabaram não tendo tempo de concluí-lo.

Ainda assim, exceto por essas exceções, a atividade de reescrita resultou em um retorno satisfatório ao texto e um resultado bastante positivo. Até mesmo alunos que, na atividade de escrita, haviam deixado todo o trabalho para o colega e foram repreendidos pelos professores-estagiários, participaram bem mais e se posicionaram ativamente na reescrita.

2.3.2.9 Nono encontro (aulas 11 e 12)

O nono encontro ocorreu no dia 28 de outubro (segunda-feira, das 8h15 às 9h45) e marcou também o início da segunda metade do projeto, que consistia na construção da antologia da turma. Sendo assim, ele contou com três momentos distintos:

No primeiro, o professor-estagiário ofereceu uma exposição simples sobre discurso direto a partir de trechos retirados das produções anteriores dos alunos. Como essa escolha temática foi feita porque foi diagnosticada uma dificuldade nas tentativas feitas nos textos anteriores, além de uma baixa quantidade, mesmo diálogos sendo excelentes instrumentos para dar dinamismo e fluidez à trama, acabou optando-se não por uma esquematização formal e conteudística, mas uma exemplificação prática na tentativa de estimulá-los a aplicar na produção do conto.

Com isso, almejava-se despertar a atenção dos alunos para esse instrumento narrativo e estimular seu uso na produção do conto por acreditar que é uma estratégia simples e eficaz de

lidar com o excesso de exposições feitas pelos narradores (hábito encontrado em grande número nos textos dos alunos).

No segundo momento, foram apresentadas as atividades do dia. Foi explicado que a produção do conto aconteceria em dois momentos: planejamento e escrita. O planejamento seria feito em uma ficha entregue a eles pelos professores-estagiários e o conto seria construído a partir dela. Como os campos da ficha de planejamento já haviam sido trabalhados em atividades anteriores, foram apenas mencionados por alto. O único ao qual se decidiu dedicar mais tempo de exposição foi o "tema", por se tratar de algo ainda não trabalhado pela equipe.

Para isso, iniciou-se com uma explicação do conceito de tema como aquilo que se passa ao leitor com a história, permanecendo por trás da fábula, e optou-se, como antes, por uma exemplificação a partir de séries. No caso, as escolhidas foram *The Walking Dead* e *Daybreak*. Na explicação foi mencionado que, embora ambas trabalhem com apocalipse zumbi como elemento fantástico, apresentam temas diferentes. A primeira busca desenvolver a maneira como situações-limite levam sujeitos a abrirem mão da civilidade, enquanto a segunda procura trabalhar a ideia de que todos temos um lugar no mundo.

Ao fim da exposição e a partir das respostas ao planejamento, foi evidenciado que, mesmo afirmando terem compreendido, não o fizeram totalmente. Isso demonstrou que o assunto poderia ser melhor desenvolvido em atividades direcionadas, talvez partindo inicialmente de leitura e interpretação tendo como base orientações para a identificação do tema e compreensão de sua função como articulador dos demais elementos textuais.

Ainda assim, a ficha de planejamento foi uma estratégia bastante positiva. Mesmo com os alunos apresentando algumas dificuldades no preenchimento, devido à novidade desse estágio da produção textual, como nos previne Geraldi (1993, 2010), conseguiram iniciar esse processo de reflexão, formalização e organização de ideias antes de partirem para a construção, de fato, do texto. Desta forma, puderam selecionar os elementos que comporiam suas narrativas, assim como as melhores ferramentas e estratégias para contar suas histórias.

Adicionado a isso estava uma pequena estratégia de auxílio aos alunos que estivessem com dificuldades em ter ideias. Como informado a eles na introdução da atividade, foram levadas três caixas com sugestões de personagens, lugares e situações. Eles poderiam pegá-las e devolvê-las à caixa, mas não teriam obrigação de se ater ao que foi tirado: eram apenas ideias que poderiam ajudá-los a colocar a imaginação para funcionar.

Para o terceiro e último momento do encontro, a proposta era que construíssem uma primeira versão do conto com, no mínimo, vinte e cinco linhas, a partir do que foi planejado. Inicialmente, durante o planejamento da atividade, a proposta era a de que a fidelidade entre

planejamento e conto seria avaliada e que, portanto, não poderia haver grandes transformações. Essa seria, também, uma forma de haver certo controle sobre a autoria dos textos. Contudo, o processo criativo, mesmo com o planejamento, comprovou-se ligeiramente menos linear do que isso. É evidente que algumas das lacunas que surgiram na leitura dessas primeiras versões dos contos e que precisaram ser corrigidas na reescrita com a ajuda das devolutivas feitas pelo professor-estagiário poderiam ter sido evitadas com um comprometimento maior na etapa de planejamento, mas como primeira experiência dos alunos com algo do tipo, a atividade pôde muito bem cumprir o papel de estimular a antecipação, o planejamento e o pensamento da narrativa de forma global, estratégias de tão difícil ensino uma vez que escapam ao funcionamento automático do aparato mental, como dizem Friedman e Scholnick (1997 apud CARVALHO, G. E.; MACEDO, L.; PETTY, A. L. S., 2019)

Além disso, a dupla de professores-estagiários pôde ver que estavam produzindo e o quê, dispensando a fidelidade entre os dois textos como verificação de autoria.

Por fim, foram poucos os que não deram conta de concluir a primeira versão do conto ao final do encontro, mas a maioria por ter se comprometido com textos bem maiores do que as vinte e cinco linhas sugeridas. É importante ressaltar como a primeira atitude de muitos foi o incômodo com o número de linhas, alegando serem muitas. A maioria, inclusive, numerou a folha pautada entregue para a atividade, mas, salvo em raríssimas exceções, ultrapassaram facilmente o mínimo.

2.3.2.10 Décimo encontro (aulas 13 e 14)

O décimo encontro (aulas 13 e 14) ocorreu no dia 05 de novembro (segunda-feira, das 9h às 9h45 e das 10h05 às 10h50) e foi bastante atípico. Como ocorreram sucessivos atrasos no cronograma do estágio em função do cronograma da escola, solicitou-se ao professor de história que cedesse uma aula para os professores-estagiários. Contudo, sua aula era anterior ao recreio e a de português, logo após. Sendo assim, precisou-se lidar com essa interrupção do recreio no meio da atividade, o que acabou funcionando a favor do plano.

O objetivo do encontro era a reescrita dos contos produzidos no anterior. Para isso, foram apresentadas novamente as exigências para a atividade: possuir algum elemento fantástico e mínimo de vinte e cinco linhas. Como orientação adicional, foi pedido que deixassem o texto em cima da mesa antes de saírem para o recreio. Essa estratégia foi pensada como forma de utilizar o tempo do intervalo produtivamente, olhando as produções e já tentando perceber dificuldades que pudessem ser resolvidas no encontro seguinte. Além disso, como estavam presentes alunos

que haviam faltado na aula anterior, seria possível fazer observações e sugestões que possibilitassem a reescrita do texto. No fim das contas, apenas um aluno (dos que haviam faltado) foi capaz de concluir seu conto na primeira aula e pôde receber o texto comentado na seguinte para reescrevê-lo.

Durante a leitura das primeiras versões dos contos, a dupla detectou um problema sério: uma das alunas tinha muita dificuldade de alfabetização, sendo impossível escrever um conto sozinha, pois suas ideias ficavam soltas no papel, muitas vezes sem nenhuma conexão. As dificuldades desta aluna foram abordadas no conselho de classe, sendo um caso conhecido por todos os professores da turma. Sendo assim, após ter conversado com a professora regente da turma e a professora orientadora, a dupla decidiu incluí-la na antologia de forma diferente: a professora-estagiária sentou-se ao lado dela durante a aula, a aluna foi narrando sua história e a professora a escrevia, valorizando a narrativa oral. Mesmo com o auxílio da professora, a aluna demonstrou bastante dificuldade em se concentrar na tarefa. Porém, conseguiram concluir o conto. Após isso, a aluna fez sua respectiva ilustração.

A dinâmica aplicada neste encontro deu certo e alguns, como já era previsto (uma vez que já haviam entregado o conto completo no encontro anterior, tinham poucas alterações a serem feitas na reescrita e sempre se comprometiam inteiramente com as atividades) acabaram a reescrita na primeira aula. Nesses raríssimos casos onde os alunos finalizaram seus contos, como a dupla havia combinado previamente, a professora-estagiária entregou a folha sulfite preparada para a ilustração (em tamanho A5) e compartilhou lápis de cor e giz de cera para que eles comesçassem a ilustração dos seus próprios contos (atividade central do encontro seguinte), explicando individualmente nestes casos sobre o conceito de ilustração e orientando-os como deveriam proceder nesta tarefa.

Essa decisão foi tomada por saber-se, a partir da leitura das primeiras versões, das devolutivas entregues e do conhecimento do perfil dos alunos, que alguns teriam esse tempo ao final, mas não tantos ao ponto de justificar a antecipação, por completo, dessa atividade.

Ao final do encontro, todos entregaram seus contos com pouquíssimos alunos deixando-os incompletos por terem faltado nesse dia de reescrita ou por não terem conseguido concluir a tempo (desses últimos, uma aula teve problemas lidando com um conto grande demais e com muitos elementos, mas que, ao final, sob a orientação dos professores-estagiários, resultou em soluções muito bem articuladas, demonstrando que foi acertada a escolha de flexibilizar caso a caso a rigidez com o prazo de entrega das produções, pois se via o empenho da aluna em resolver o problemas advindos da narrativa complexa com a qual escolheu trabalhar).

2.3.2.11 Décimo primeiro encontro (aula 15)

O décimo primeiro encontro (aula 15) ocorreu no dia 08 de novembro (sexta-feira, das 10h50 às 11h35) e foi destinado à ilustração dos contos. Inicialmente, a professora-estagiária responsável pela aula explicou-lhes o que iria acontecer neste dia: a maioria da turma havia finalizado seu conto, portanto, estes alunos iriam fazer sua respectiva ilustração; alunos que não haviam finalizado o conto deveriam finalizá-lo e a seguir ilustrá-lo; e por fim, alunos que haviam faltado muito e não haviam escrito nada ainda iriam escrever a primeira versão e, em seguida, começar a ilustrar. Portanto, mais uma vez, teríamos três situações ocorrendo simultaneamente. A seguir, fez uma breve exposição, com o auxílio do quadro, sobre o conceito e a função da ilustração, fazendo perguntas aos alunos e valorizando as respostas dadas.

No intervalo entre o encontro anterior e este, os professores-estagiários redigiram os contos que estavam prontos e os alunos receberam seus contos impressos para que fizessem a ilustração a partir destes. Os alunos foram orientados a revisarem o texto impresso que receberam e, caso encontrassem algum erro de digitação ou algum outro problema, deveriam sinalizar os professores, de modo a atuarem como revisores de suas produções. Feitas estas devidas observações, a professora-estagiária orientou-lhes sobre as regras que deveriam seguir durante a ilustração: todos receberiam uma folha A5 e deveriam ilustrá-la em posição vertical, preenchendo todo o espaço da folha e sem escrever seu nome nem o título do conto, apenas a ilustração. Para colorir, deveriam fazê-lo de forma bem nítida para que ficasse visível quando fosse digitalizado. Os alunos foram orientados também a pesquisar referências de ilustrações na internet, de forma a utilizar a tecnologia a seu favor. Também poderiam ajudar-se mutuamente, porém cada aluno seria responsável por sua ilustração e todos seriam avaliados individualmente.

Os alunos reuniram-se em quartetos para que pudessem compartilhar o material de arte (lápis de cor, giz e canetinhas). Alguns materiais foram emprestados pela escola (reservados com antecedência) e outros foram emprestados pelos professores. Mais tarde, percebeu-se que esta dinâmica teve alguns problemas. Os alunos que estavam na etapa da ilustração, conversavam paralelamente enquanto o faziam, porém conseguiam desempenhar a tarefa de forma bastante proveitosa, porém, os alunos que ainda estavam na etapa de escrita ou na etapa de reescrita não se concentravam estando em grupos e, portanto, não tiveram um bom aproveitamento da aula. No encontro seguinte, destinado a finalizar a produção do livro, corrigimos esta dinâmica: apenas alunos que iriam ilustrar reuniram-se em quartetos e os que ainda necessitavam de algum ajuste em sua produção textual sentaram-se separadamente (após finalizarem suas escritas puderam reunir-se com os colegas).

A dupla de estagiários havia pensado que eles terminariam as ilustrações em pouco tempo, porém, ao final da aula, pouquíssimos haviam concluído a tarefa: a maioria havia desenhado, mas ainda faltava colorir, ou haviam colorido parcialmente. Os alunos que passaram a aula escrevendo ou reescrevendo seus contos, por sua vez, não iniciaram a etapa de ilustração. Portanto, todos entregaram suas produções da forma que estavam e foram avisados que o encontro seguinte seria destinado a finalizarem todas as tarefas, portanto foram orientados a não faltar para que suas produções não ficassem incompletas. Este foi um dos encontros em que mais houve ausências na turma.

2.3.2.12 Décimo segundo encontro (aulas 16 e 17)

O décimo segundo encontro ocorreu no dia 11 de novembro (segunda-feira, das 8h15 às 9h45) e teve por objetivo concluir todos os contos e suas respectivas ilustrações. Como restavam apenas sete dias para o encerramento da etapa de docência e na sexta-feira seguinte seria feriado nacional (15 de novembro), os professores-estagiários precisavam que todo o material estivesse pronto ao término desta aula, para que pudessem montar o arquivo do livro que seria impresso e levar na gráfica no dia seguinte (prazo limite). Portanto, a dupla teria o trabalho de redigir os contos que ainda precisavam de ajustes, escanear todas as ilustrações, organizá-las, elaborar um índice, uma introdução e uma nota, elaborar uma capa e, por fim, revisar os textos diversas vezes antes de enviá-lo para impressão. Teriam que fazer tudo isso até o dia seguinte, para que a gráfica conseguisse imprimir um exemplar do livro até a véspera do feriado (apenas dois dias).

No primeiro encontro (apresentação do projeto) e em diversos momentos durante a realização das atividades, os alunos foram informados sobre a importância de capricharem em suas escritas e em suas ilustrações, pois se tornaria um livro impresso, podendo ser lido por diversas pessoas e não só os professores. Também foram informados sobre a importância dos professores-estagiários na elaboração do livro, no qual atuaram como organizadores e revisores, para que tivessem consciência de que a antologia de contos fantásticos ilustrados seria um produto coletivo. Sendo assim, a dupla incluiu os alunos em todas as etapas possíveis de elaboração.

Além de contribuírem com seus contos e ilustrações, foi feita uma votação para a escolha do título da antologia, que ocorreu no primeiro momento deste encontro. A professora-estagiária escreveu no quadro três sugestões de títulos (elaboradas pelos professores previamente) e perguntou se algum aluno tinha alguma outra ideia. Como não houve mais nenhuma sugestão, a professora-estagiária explicou como seria feita a votação: cada pessoa receberia uma ficha

(pequeno quadrado de papel em branco) e teriam de escrever o número da opção que achou mais interessante (todos os professores votaram também). Após todos terem escrito seu voto, a professora passou de carteira em carteira com uma caixinha e os alunos foram depositando suas fichas ali dentro. Em seguida, a professora pediu o auxílio de um voluntário para fazer a contagem dos votos (três alunos ergueram as mãos, mas foi escolhido o que ergueu a mão primeiro). Então, a professora-estagiária retirava uma ficha de cada vez de dentro da caixa, lia o número escrito em voz alta e exibia a ficha aos alunos. Enquanto isso, o aluno voluntário anotava os votos ao lado de cada opção, em forma convencional de linhas. Por fim, o título vencedor foi “Viagem para outros mundos”, com dez votos. Em segundo lugar, com um voto a menos, ficou o título “Máquina de sonhos (e pesadelos). O título “Fábrica de Monstros” teve apenas quatro votos.

Encerrada a votação, os alunos que haviam concluído seus contos e começariam ou continuariam a ilustrá-los, reuniram-se em quartetos (para melhor controle da turma e compartilhamento do material de arte). Conforme explicado anteriormente, os alunos que ainda precisavam reescrever seus textos ou fazer os últimos ajustes permaneceram sentados individualmente e afastados dos grupos, porém, ao concluírem a etapa de escrita, uniram-se aos grupos para ilustrar. Esta dinâmica funcionou muito bem e os alunos se mantiveram ocupados por todo o tempo.

À medida que alguns alunos foram entregando suas ilustrações prontas, a professora-estagiária entregava-lhes um conto escrito por algum colega que estava ausente e pedia-lhes para que fizessem a respectiva ilustração. Em alguns casos, o aluno faltante havia feito o desenho na aula anterior e bastava apenas colorir. Em outros, seria necessário fazer a ilustração completa. Inicialmente, alguns alunos se mostraram resistentes a essa proposta, por pensarem que os colegas ausentes receberiam nota por uma ilustração que eles não fizeram. Porém, foi explicado a eles que os alunos que ajudassem a ilustrar os textos dos colegas ausentes receberiam um ponto a mais em sua nota quando fossem avaliá-los. Também foi explicado que o objetivo desta proposta era fazer com que o livro ficasse completo (com todos os contos ilustrados).

Após estas observações, os alunos se dispuseram a ilustrar os textos dos colegas e até mesmo a professora-estagiária contribuiu com uma ilustração. Essa estratégia mostrou-se necessária devido ao grande número de faltas que ocorreram durante toda a etapa de docência. Os alunos faltavam demais, tornando necessário, por diversas vezes, repetir exposições e orientações. Durante as produções, os alunos nunca estavam em sincronia: enquanto um estava na segunda etapa, outro, que havia faltado na aula anterior, estava na primeira etapa, e assim por diante. Ainda assim, com exceção de apenas um aluno (que não participou da elaboração do livro

de nenhuma forma), todos passaram pelas seguintes etapas: escrita, reescrita e ilustração do conto. Os alunos mais adiantados passaram por uma quarta etapa: ilustrar parcialmente ou completamente o conto de algum colega.

Durante este segundo momento da aula, os professores circularam pela sala, indo de carteira em carteira, verificando o andamento das atividades, controlando o tempo e sugerindo melhorias. Além disso, como forma de trabalhar em favor da inclusão, o professor-estagiário teve a ideia de incluir o aluno especial da turma (que não participava das aulas devido ao grau severo de autismo) na elaboração do livro: deu-se a ele uma folha sulfite branca e giz de cera, resultando em um desenho abstrato de sua autoria. Posteriormente, este desenho se tornou a arte da capa do livro. Foi um dos encontros mais densos de todo o projeto: repleto de produções, ao final, foram todas recolhidas e constatou-se a qualidade do resultado obtido.

2.3.2.13 Décimo terceiro encontro (aula 18)

O penúltimo encontro ocorreu no dia 12 de novembro (terça-feira, das 10h05 às 10h50). Neste dia foi aplicada uma atividade de revisão, que serviu como recuperação paralela, substituindo a menor nota que os alunos obtiveram durante todo o projeto (com exceção das produções textuais, que não poderiam ser substituídas). A aula se deu da seguinte maneira: com o auxílio do quadro, a professora-estagiária desenhou duas linhas de palavras cruzadas e colocou duas perguntas simples ao lado. Os alunos responderam a essas duas perguntas e a professora-estagiária foi escrevendo as respostas diretamente na cruzadinha.

Em seguida, explicou a eles como seria a atividade: reuniriam-se em quartetos e cada grupo receberia duas folhas, contendo um conto fantástico, dez questões e uma cruzadinha logo abaixo. Eles foram orientados a ler o conto e em seguida responder às questões, levando em conta as regras da atividade: cada letra deveria ocupar um quadrado e, as primeiras palavras escritas começariam a dar pistas sobre as próximas respostas. A seguir, fizeram a divisão dos grupos, formando aproximadamente seis quartetos. Um aluno, que havia faltado muito durante o semestre, fez a atividade individualmente, conforme orientação da professora regente da turma.

Vale ressaltar que cada grupo recebeu um conto produzido por algum colega ou dupla durante a atividade de ampliação de microconto, realizada durante as aulas 09 e 10. Esta foi a maneira que os professores encontraram de recuperar esses textos, utilizando-os como base para uma outra atividade, além de promover o contato entre os alunos e os discursos dos colegas. Nas questões, havia perguntas envolvendo os elementos da narrativa (narrador, tempo, espaço, etc), bem como perguntas sobre a história. Cada equipe recebeu um conto e uma cruzadinha diferente,

portanto foram utilizados sete contos e sete cruzadinhas nesta atividade. Na última questão da cruzadinha, os alunos recebiam dicas e tinham de descobrir quais colegas escreveram o texto.

Como adiantado, conforme percebeu-se no início do projeto, quando há muitos alunos e apenas uma folha de atividade, torna-se difícil lerem e produzirem coletivamente, então alguns se ocupam em fazer a atividade enquanto os demais ficam ociosos. Sendo assim, com exceção do aluno que estava fazendo sozinho, cada equipe recebeu duas cópias do texto e da cruzadinha. Como estavam em quartetos, sentados dois a dois, cada dupla do quarteto poderia ler e responder junto. Ao final, apenas uma cópia deveria ser entregue, portanto a outra poderia servir de rascunho. Esta estratégia funcionou bem, porém, apesar de ser uma atividade simples, uma equipe teve muita dificuldade, pois, ao invés de percorrerem o caminho mais fácil (ler o texto e em seguida responder as questões), preferiram tentar responder diretamente, tentando adivinhar as respostas. Esta era uma das equipes mais problemáticas: conversavam sobre outros assuntos, ouviam música no fone de ouvido (a professora-estagiária teve que chamar a atenção diversas vezes) e não deram a devida atenção à tarefa. Ao terem dificuldade em montar a cruzadinha, evidenciou-se a necessidade da leitura e, ao perceberem isso, os alunos voltaram ao texto algumas vezes para encontrar as respostas.

Estava previsto no plano de aula que, após todos terem concluído suas respectivas cruzadinhas, um integrante de cada grupo faria a leitura em voz alta do texto que receberam, revelando a autoria e ampliando a socialização. Porém, os professores não haviam previsto que alguns ocupariam todo o tempo da aula realizando esta atividade, que parecia extremamente simples. Diante disso, os professores abriram mão da socialização para que todas as equipes pudessem concluir a tarefa, levando em conta que era uma atividade avaliativa de recuperação.

2.3.2.14 Encerramento (aulas 19 e 20)

No último encontro, que ocorreu no dia 18 de novembro (segunda-feira, das 8h15 às 9h45), fez-se o encerramento do projeto. No plano de aula estava previsto que faríamos uma roda (com as cadeiras) no centro da sala, o livro impresso seria entregue aos alunos e a proposta seria de que cada um lesse seu conto e exibisse sua ilustração aos colegas. Com essa proposta, os alunos ficaram um pouco inibidos e um aluno sugeriu que ao invés de lerem seus próprios contos, lessem o conto escrito por um colega. Logo, todos concordaram com esta sugestão e aderimos a esta dinâmica: o livro foi passando de mão em mão, em sentido anti-horário, cada pessoa lia o próximo conto na ordem do livro e exibia sua respectiva ilustração, informando a autoria. Antes que as leituras se iniciassem, a professora-estagiária fez alguns comentários sobre a escolha do

título, a arte da capa e outros aspectos do livro, pois alguns alunos haviam faltado nas aulas anteriores. Com exceção de dois alunos que alegaram estar com dor de garganta e um que demonstrou desinteresse pela atividade, todos os alunos participaram da leitura, bem como os professores que estavam presentes.

Em alguns momentos houve início de conversa paralela, mas foram rapidamente interrompidas. Pode-se dizer que, nesta segunda e última roda de leitura do projeto (a primeira foi feita durante as aulas 07 e 08), os alunos demonstraram mais respeito aos colegas que estavam lendo e se empenharam em ler de forma mais nítida e projetando bem a voz. Portanto, constatou-se que, a participação frequente em rodas de leitura contribui para que os alunos leiam de forma cada vez melhor, além de ser um ótimo exercício de escuta e interação com os colegas e professores.

Ao término deste encontro, todos os contos haviam sido lidos, cumprindo o objetivo que havia sido proposto no plano de aula. Antes que todos fossem embora, a professora-estagiária entregou à professora-regente uma folha contendo todas as avaliações que os alunos desenvolveram e suas respectivas notas. Também passou um caderno e uma caneta pela roda, e todos os que tinham interesse em receber o livro em formato *e-book* informaram seus *e-mails* ou *whatsapps*. Em seguida, os professores-estagiários entregaram aos alunos uma pequena lembrança: um saquinho contendo vários tipos de doces e com um personagem do universo fantástico como tema. Apenas três alunos haviam faltado neste último encontro.

Os professores-estagiários acabaram não tendo tempo de fazer agradecimentos à professora regente e à turma. Sendo assim, no dia seguinte, conforme haviam combinado previamente, os professores-estagiários e a professora orientadora retornaram à sala e tomaram aproximadamente os dez minutos iniciais da aula de língua portuguesa. A professora-estagiária fez alguns comentários acerca das notas dos alunos (a maioria concluiu o projeto com notas acima da média), entregou as lembrancinhas aos três alunos que haviam faltado no encerramento e também entregou-lhes o livro físico, para que pudessem folhear. Mais uma vez, lembrou a todos que o livro impresso ficaria disponível no laboratório de português da escola e que os alunos interessados receberiam uma versão em formato *e-book* (via *e-mail* ou *whatsapp*). Em seguida, os três professores fizeram seus devidos agradecimentos e despediram-se da turma, e os alunos reagiram de forma bem calorosa.

3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

Desde o início, a experiência do estágio já deu sinais de que, de fato, não se estava mais no ambiente controlado da universidade, mas entrando no sistema vivo e dinâmico que é a educação básica. Não houve espaço para uma transição gradual e higienizada, mas uma sucessão de situações inesperadas que trouxeram muito mais realidade para a experiência.

Logo no início, houve um atraso no início do período de observação, pois, assim que a documentação estava aprovada e bastava entrar em sala, a professora regente precisou se afastar por questões de saúde. Devido ao tempo que se leva para a entrada de um substituto em casos de afastamento inesperado como esse, foi preciso esperar até que uma professora assumisse em regime ACT.

No fim das contas, toda a observação foi feita nesse período, portanto as aulas acompanhadas foram ministradas pela substituta e não pela regente da turma. Isso provocou uma apreensão quando, na metade do período de docência, confrontou-se com o retorno da regente. Contudo, foi possível adaptar-se rapidamente à alteração da dinâmica.

Outro acontecimento atípico foi a necessidade de constantes reformulações do cronograma das aulas em função de eventos inesperados no calendário da escola. Os primeiros deles foram a semana multicultural, que ocorreu do dia 28/10/2019 a 31/10/2019 no horário do intervalo e da 4ª aula, e o show de talentos, que preencheu toda a manhã do dia 01/11/2019.

A semana multicultural consistiu em um conjunto de atividades diversificadas e coletivas no pátio central da escola. Apresentações do coral, da banda, de grupos teatrais e de dança ocorriam sobre um palco montado especialmente para o evento e eram observados atentamente pelos alunos da escola, que dançavam juntos, vibravam e se entregavam à energia da atividade de contato com manifestações culturais diversas, o que possibilitou a observação dos alunos em outras oportunidades de aprendizagem para além da sala de aula.

Além disso, a semana contava com a exposição de trabalhos feitos pelos alunos em diversas disciplinas. Maquetes de história e biologia, pinturas das aulas de artes, cartazes de matemática e murais de conscientização sobre temas caros à sociedade e, mais especificamente, à juventude e ao ambiente escolar, como o *bullying*, foram alguns dos textos encontrados pelos corredores da escola.

O show de talentos, por sua vez, foi realizado no auditório da escola e encerrou as atividades da Semana Multicultural. Foi uma oportunidade para os alunos manifestarem, para a comunidade, suas aptidões que escapam ao ambiente rígido do currículo escolar. Gêneros diversos manifestados através da voz, de instrumentos musicais e do corpo, deleitaram os olhos

da plateia que enchia as arquibancadas do ginásio. Uma das alunas com maior dificuldade da turma, inclusive, demonstrou seu talento vocal a todos os presentes, demonstrando as potencialidades da arte e a diversidade de saberes.

Passados esses momentos, houve a surpresa, na semana seguinte, mais especificamente na segunda-feira (04/11), dia de aula-faixa, de um novo atraso: a data estava reservada para uma atividade de formação pedagógica para os professores. O foco foi na apresentação e discussão da implantação da BNCC, programada para entrar em vigor a partir do ano seguinte nas escolas da rede estadual (como é o caso da instituição em questão). A experiência se revelou esclarecedora por oferecer a oportunidade de participar das reflexões sobre um documento fundamental à educação básica e por oferecer suporte para o planejamento do estágio seguinte, que consiste na prática docente no ensino médio da rede estadual.

Além disso, foi possível participar de um momento de inversão de papéis, na medida em que professores assumiram a posição de alunos e precisaram se colocar no lugar daqueles por quem se responsabilizam. Independentemente de qualquer coisa, foi uma vivência interessante poder se colocar lado a lado com o corpo docente da instituição no processo de reflexão sobre um tema tão relevante à nova fase da educação no país.

Outra experiência digna de nota foi a possibilidade de participação do Conselho de Classe, que ocorreu no dia 17/09, ainda durante o período de observação. Consistiu em pouco mais de uma hora de atividade, na qual, ao professor-estagiário, foi permitida a permanência apenas no espaço de tempo que cabia à sua turma.

O Conselho se iniciou com a leitura de uma autoavaliação feita com a turma, seguida de uma breve consideração dos professores a respeito do que foi dito. Em seguida, pelo projetor, passou uma sucessão de fichas de alunos (com foto e boletim de notas) nas quais se detinham apenas o suficiente para os docentes darem seus pareceres (se o comportamento e o desempenho melhoraram, se pioraram, quais os principais problemas, etc.) e chegarem a um consenso sobre as melhores atitudes a se tomar em cada caso: se chamariam os pais, se encaminhariam às aulas de reforço, etc. Ao final, concluíram propondo soluções mais gerais para os problemas coletivos da turma e encerraram.

Toda a experiência de participar do Conselho de Classe é surpreendente não só por representar essa transição do lugar de aluno ao de professor, fazendo parte de um momento que todos ouviram falar, mas que só cabe ao imaginário dos discentes, como é capaz de esclarecer diversos pontos fundamentais ao desempenho da docência. Nesse sentido, é inestimável o valor que a abertura da escola à participação dos estagiários tem sobre seu desempenho em sala de

aula, uma vez que lhes permite conhecer o histórico dos alunos com os quais deverão interagir sem precisar descobrir na prática (haja vista o tempo reduzido do estágio).

Além disso, é possível, como o foi na confecção do projeto que resultou neste relatório, fazer alterações e adequações de forma a agir diretamente nas dificuldades e no trato com os sujeitos. Contudo, desperta-se o alerta para que se use esse conhecimento previamente (no planejamento e na guia das aulas), mas jamais deixando isso levar a uma prática que subestime o aluno a partir de seu histórico.

É o caso, por exemplo, de um aluno cuja percepção geral no Conselho de Classe era a de que tinha graves problemas com a língua portuguesa enquanto, na prática, evidenciou-se uma grande dificuldade ortográfica, mas com um excepcional domínio do gênero narrativo, capaz de aplicar estratégias para a construção de ritmo e fluidez do texto como não se viu igual na turma. Da mesma forma, um aluno que foi tido como problemático se revelou um dos mais participativos e produtivos, e uma aluna com perceptível dificuldade na construção de textos e socialização em sala, apresentou-se no show de talentos diante de inúmeros convidados. Afinal, o histórico do aluno pode ajudar na interação com ele, mas não se pode acorrentá-lo a isso.

Por fim, uma característica marcante da escola é seu constante esforço de aproveitamento do espaço escolar. Não apenas na semana multicultural, mas durante todo o período de estágio, havia trabalhos dos alunos sendo expostos no hall de entrada ou nos corredores, na sala dos professores e no pátio. Além disso, era comum encontrar decorações na tentativa de tornar lúdica a experiência educacional, distanciando-a da sisudez com a qual está sempre associada. Exemplos marcantes foram algumas ações que ocorrem de setembro a novembro, demonstrando o engajamento da escola com campanhas como Setembro Amarelo (combate ao suicídio), Outubro Rosa (combate ao câncer de mama), Novembro Azul (combate ao câncer de próstata) e o Mês da Consciência Negra. Além disso, com a proximidade do final do ano, de frente para a entrada da escola, construíram uma lareira decorada com motivos natalinos.

Assim, a escola compartilha seu espaço físico com os alunos, não apenas encerrando-os nas salas de aula, mas cedendo-lhes o direito de agir sobre ele, marcando sua presença nas paredes e efetivando o compromisso não com a transmissão de conhecimento, mas a troca de saberes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio de Língua Portuguesa e Literatura I foi de extrema relevância para a formação dos graduandos, fazendo com que muitos conhecimentos fossem ressignificados. Cada aula foi completamente diferente da outra: em algumas foi possível seguir tudo o que havia sido previsto em seus respectivos planos de aula enquanto outras tiveram que ser estendidas e/ou modificadas, conforme demandava as necessidades dos alunos. Considerando todos os erros e acertos, pode-se dizer que cada aula foi uma nova experiência.

Já na primeira etapa de estágio, na qual foram observadas dez aulas de língua portuguesa, percebeu-se que, muitas propostas que funcionam perfeitamente na teoria, quando postas em prática nem sempre dão certo. E isso se deve ao fato de que, na teoria, o planejamento é feito tendo em vista alunos ideais, e sem levar em conta diversos imprevistos que ocorrem em sala de aula e na rotina de uma escola diariamente. Ao conhecer a turma, percebeu-se que certos planos de aula teriam de ser reformulados, levando em conta o comportamento dos alunos e algumas dificuldades que foram diagnosticadas em atividades aplicadas pela professora regente.

Ainda assim, analisando os relatos das vinte aulas que foram regidas pelos professores-estagiários, fica evidente que as aulas em que mais ocorrem problemas foram as iniciais, e grande parte deles ocorreu devido à inexperiência da dupla, que até então nunca havia lecionado. Após as primeiras devolutivas da professora orientadora e de repensarem a prática docente, a dupla foi criando vínculo com os alunos, se ajustando ao ritmo deles, controlando melhor o tempo e a dispersão durante as atividades.

Um dos grandes acertos da etapa de docência, foi ter estabelecido uma convivência bastante harmoniosa com a turma, baseada no diálogo, não em imposição de autoridade. Raras foram as vezes em que a dupla precisou chamar a atenção de algum aluno e, nas vezes em que isso ocorria, os alunos obedeciam prontamente, sem desrespeitar os professores em nenhum momento. Além da boa convivência em sala de aula, os professores procuraram motivar os alunos de várias formas. Um exemplo disso foram os comentários escritos nas produções textuais para reescrita: além de apontar os aspectos que poderiam ser corrigidos ou melhorados, os alunos também recebiam elogios nas partes que haviam ficado criativas e bem escritas, com a intenção de incentivá-los a escrever cada vez mais.

Evidenciou-se também que o trabalho docente vai muito além da sala de aula. Além do tempo gasto em preparar as aulas, após cada encontro, a dupla se reunia para corrigir as atividades. As atividades que envolviam produção textual foram as que demandaram mais tempo, pois havia a necessidade de ler cada texto com bastante atenção, corrigir os erros ortográficos,

apontar sugestões de melhorias e, após as aulas de reescrita, atribuir nota, fazendo com que às vezes a dupla passasse a maior parte da tarde na escola, na sala dos professores. Nestes momentos, era comum haver professores também elaborando aulas ou fazendo correções de atividades, ressaltando que o trabalho fora da sala deve ser muito mais valorizado.

Ainda que seja importante registrar a prática docente em imagens, poucas fotos foram feitas durante as aulas. Em parte, isso se deve ao fato de que, para desestimular o uso dos aparelhos celulares, a dupla optou por usar relógios de pulso para controlar o tempo e deixar seus celulares guardados. Com isso, muitas vezes esqueciam-se de fotografar as anotações do quadro e as dinâmicas durante a realização das atividades. Também, a dupla estava quase sempre circulando pela sala, passando de mesa em mesa. Nas aulas de produção, principalmente, os alunos pediam bastante ajuda, chamando os professores o tempo todo. Diante disso, priorizou-se dar suporte a eles o que fez com que os registros fotográficos ficassem em segundo plano.

A etapa de docência teve como resultado a elaboração de uma antologia de contos fantásticos ilustrados. Uma versão impressa foi deixada no laboratório de português da escola, para que possa acessada pela comunidade escolar. Além disso, os alunos interessados receberam uma versão digital do livro (e-book) por e-mail. A dupla teve bastante trabalho ao atuarem como organizadores do livro: além de redigirem todos os contos e digitalizarem todas as ilustrações, organizaram os textos por ordem alfabética (de acordo com a lista de presença da turma), elaboraram a capa, contracapa, índice, nota ao final e, elaboraram três sugestões de títulos. Houve uma votação na sala e, entre as três sugestões, o título escolhido foi “Viagem para outros mundos”. Este título enquadra-se perfeitamente na proposta da antologia, considerando que os contos se passam em diferentes mundos, alguns parecidos com o nosso, outros nem tanto. Nas 87 páginas do livro, constam 30 contos ilustrados e sua capa foi elaborada com base em um desenho feito pelo aluno especial. Portanto, dos 32 alunos que frequentavam as aulas regularmente (uma aluna havia desistido desde a etapa de observação), apenas um aluno não participou da elaboração do livro (este aluno era bastante ausente). Ao final de todo o processo, todo o trabalho dos professores-estagiários valeu a pena. Toda a experiência do estágio serviu de ensinamento, contribuindo para o crescimento profissional e pessoal da dupla.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. Redimensionando a avaliação. In: **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORGES, Jorge Luis; BIOY CASARES, Adolfo, OCAMPO, Silvina (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre azul, 2004.

CARVALHO, G. E.; MACEDO, L.; PETTY, A. L. S. Modos de resolução de labirintos por alunos da escola fundamental. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) , Campinas, v. 13, n. 1, p. 15-20, Janeiro/Junho de 2019.

CHRISTENSON, T. A. **Supporting struggling writers in the elementary classroom**. Newark, DE: International Reading Association, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5a ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GERALDI, João Wanderley. Prática de leitura na escola. In: _____. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (Org.). **O texto na sala de aula** . 4. ed. São Paulo: Ática, 2006 [1984]. p. 39-46.

_____. Mediações pedagógicas no processo de produção de texto. In: **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

_____. A produção de textos. In: **Portos de Passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GRIMM, Jacob. GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos, infantis e domésticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – IEE. **Projeto Político Pedagógico**. 2018. Disponível em: <<http://www.iee.sed.sc.gov.br/a-escola/8-secretaria/27859-projeto-politico-pedagogico>>. Acesso em 29 set. 2019.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – IEE. **Planejamento 2017**. 2017. Disponível em: <<http://www.iee.sed.sc.gov.br/documentos/planejamento-2017>>. Acesso em 29 set. 2019.

JOBIM e SOUZA, S. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008

KING, Stephen. **Sobre a escrita**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Suma de letras, 2015.

MENDEZ, J. M. A. A avaliação como atividade crítica de conhecimento. In: **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002a.

_____. Aprender com os erros e aprender com as perguntas: Sugestões para a ação reflexiva e crítica. In: **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002b.

MENEGASSI, R. J. **Da revisão à reescrita: operações e níveis lingüísticos na construção do texto**. 1998. 263 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista. Assis: [s.n.], 1998.

MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F. **Procedimentos de escrita na sala de aula do ensino fundamental**. Signótica. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística/Faculdades de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiás, v. 20, p. 469-493, jul./dez. 2008.

MOREIRA, M. A. A teoria da mediação de Vygotsky. In: **Teorias de aprendizagem**. 2. ed. ampl. São Paulo EPU, 2011

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. São Paulo: Papirus, 2003.

6 ANEXOS

Anexo 1 - Questionário aplicado na turma durante a etapa de observação

Olá,

Para que nós, estagiários do curso de Licenciatura em Letras – Português, possamos planejar as aulas que ministraremos no período de estágio, gostaríamos de conhecer um pouco mais sua vida escolar e pessoal: seus gostos, interesses e suas expectativas.

Para isso, leia com atenção e responda as questões a seguir com sinceridade:

Dados para identificação

Nome (opcional): _____

Idade: _____

Bairro em que mora: _____

Local de nascimento: _____

Você trabalha? () sim () não

Como você vem para a escola? () ônibus () carro () bicicleta () outros: _____

Sobre sua família:

1) Quantas pessoas moram com você e qual o grau de parentesco entre vocês?

2) As pessoas que moram com você costumam ler com frequência? Se sim, o quê?

() revistas () jornais () livros () sites de notícias () redes sociais

() outros: _____ () não costumam ler

Sobre sua relação com a escola:

3) Desde quando você estuda no IEE?

4) Qual sua disciplina preferida? Qual a disciplina que menos gosta?

5) Você costuma frequentar a biblioteca? Por quê?

ler os livros da biblioteca ler meus próprios livros fazer trabalhos da escola fazer pesquisas outros: _____ não frequento

6) Do que você mais gosta em uma aula de português? E do que você menos gosta?

7) Quais suas maiores dificuldades com o português? gramática leitura produção de textos outros: _____

8) Na escola, você prefere leitura: silenciosa em voz alta individual em grupo

9) Você prefere fazer atividades avaliativas em grupo ou individuais? Por quê?

em grupo individuais _____

10) Como se sente em apresentações diante da turma?

11) Você costuma se expressar melhor: por escrito oralmente

12) Você prefere fazer prova ou trabalho? Por quê? prova trabalho

Sobre sua relação com o mundo:

13) Sobre o que você mais gosta de conversar? Quais assuntos mais te interessam?

14) No seu tempo livre, o que você faz com mais frequência?

jogar jogos eletrônicos praticar esportes assistir filme/série ver vídeos no Youtube

outros: _____

15) Para quais finalidades você mais usa a internet?

redes sociais jogos filmes séries música notícias trabalhos escolares

outros: _____

16) Você possui smartphone? Sim Não. Costuma acessar a internet através dele? Sim Não

17) Possui perfil em alguma rede social? Se sim, qual rede social você mais usa/gosta?

18) Você gosta de filmes e séries? Quais seus favoritos?

19) Você costuma ler no seu tempo livre? O quê?

livros revistas jornais sites de notícias redes sociais HQ outros: _____

não costumo ler no meu tempo livre

20) Você prefere ler em qual suporte? físico (materiais impressos) digital (textos no computador)

21) O que você acha de livros ilustrados:

despertam o seu interesse não são interessantes tanto faz outros:

22) Quais gêneros de texto você tem o hábito de escrever?

diário pessoal postagens/comentários em redes sociais textos artísticos (poesia, conto, música, etc.) e-mails) mensagens de texto outros: _____

23) Você gosta da ideia de expor/publicar os textos que escreve? Sim Não

24) Você gosta de atividades envolvendo desenho, pintura ou colagem? Em qual dessas opções você tem mais habilidade?

desenho pintura colagem não tenho habilidade em nenhuma delas não me interessa pelo assunto

25) Você se interessa por fotografia e tem interesse em atividades que envolvam fotografia?

Sim Não

Sobre suas expectativas:

26) Você acha importante estudar português na escola? Por quê? Sim Não

27) O que você espera das aulas dos professores estagiários? Quais conteúdos e atividades espera que sejam trabalhados e de que forma (ex: aulas expositivas, projetos, atividades de leitura, atividades de pesquisa, etc)?

28) Quais são seus planos para o seu futuro?

Obrigado por ter participado da pesquisa!

Anexo 2 - Termos de Compromisso de Estágio Obrigatório

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL
Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis
Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2019988

O(A) **Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina - SED SC, CNPJ 82.951.328/0001-58**, doravante denominado(a) **CONCEDENTE** representado(a) pelo(a) sr(a). **Vendelin Santo Borguezon**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto de Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Douglas Bastos dos Santos Júnior**, CPF 128.318.627-60, telefone (47) 9923-4200, e-mail douglasbastos25@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 12102403 no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE** e a **UFSC em 20/06/2017** e vinculado à disciplina **MEN7001- Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I (252h/a)**

Art. 2º: O(A) Prof.(a) **Chirley Domingues**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).

Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de **10.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias)**, a ser desenvolvida na **CONCEDENTE**, no(a) **Instituto Estadual de Educação**, de **06/08/2019 a 06/12/2019**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Juliana Impaléa (CPF 027.722.169-26)**.

Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº **0000997** da seguradora **Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02)**.

Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.

Art. 6º: O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.

Art. 7º: O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.

Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.

Art. 9º: O(A) estagiário(a) tem direito a **10 dias de recesso**, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.

Art. 10º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a **CONCEDENTE**, desde que observados os itens deste TCE.

Art. 11º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da **CONCEDENTE**, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.

Art. 12º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2019988
Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:
Vivência de situações pedagógicas e conhecimento da realidade escolar; Encontros pedagógicos na escola; Estudo das referências técnico-metodológicas; Elaboração do Projeto de Ensino e do Planejamento das Aulas; Regência de classe; Planejamento e implementação das atividades extraclasses; Elaboração e entrega do trabalho escrito final; ensaio acadêmico e planejamentos revistos e atualizados; Retorno dos resultados à Unidade Educativa; Socialização da experiência de estágio.

Local e Data:
Florianópolis, 13 de agosto de 2019.

Vendelin Santo Borguezon
Coordenador Geral IEE
Ato 287/Mat. 014/19/04
Vendelin Santo Borguezon - Representante na CONCEDENTE

Chirley Domingues
Chirley Domingues - Prof.(a) Orientador(a)

Douglas Bastos dos Santos Júnior
Douglas Bastos dos Santos Júnior - Estagiário(a)

Jose Ernesto de Vargas
Jose Ernesto de Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Juliana Impaléa
Juliana Impaléa - Supervisor(a) no local de Estágio

Lizete de Freitas Gonzaga
Supervisora Escolar
Mat. 201.322-04

08/08/2019 22:16 SeTIC - Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação Página: 1 de 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone: +55 (48) 3721-9446 / (48) 3721-9296 | http://portal.estagios.ufsc.br | dp.prograd@contata.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2020006

O(A) Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina - SED SC, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) CONCEDENTE representado(a) pelo(a) sr(a) Vendelin Santo Borguezon, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof(a) Jose Ernesto de Vargas, e o(a) estagiário(a) Indianara Hoffmann, CPF 088.591.859-20, telefone (48) 8417-4511, e-mail narah_hoffs@outlook.com, regularmente matriculado(a) sob número 14201828 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUN/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 20/06/2017 e vinculado à disciplina MENT001- Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I (252ha)
Art. 2º: O(A) Prof(a) Chirley Domingues, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a)
Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 10,00 horas (com no máximo 4,00 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Instituto Estadual de Educação, de 06/08/2019 a 06/12/2019, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Juliana Impalá (CPF 027.722.169-26)
Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000997 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 80.180.605/0001-02)
Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
Art. 6º: O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
Art. 7º: O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração
Art. 9º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
Art. 10º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.
Art. 11º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo, conduzir-se com ética profissional, respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
Art. 12º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2020006

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Vivência de situações pedagógicas e conhecimento da realidade escolar. Encontros pedagógicos na escola. Estudo das referências técnico-metodológicas. Elaboração do Projeto de Ensino e do Planejamento das Aulas, Regência de classe, Planejamento e implementação das atividades extraclasses. Elaboração e entrega do trabalho escrito final: ensaio acadêmico e planejamentos revistas e atualizados. Retorno dos resultados à Unidade Educativa. Socialização da experiência de estágio.

Local e Data:

Florianópolis, 12 de agosto de 2019

Vendelin Santo Borguezon, Coordenador Geral

Ata 287 / Mat. 311.357-304

Vendelin Santo Borguezon, Representante na CONCEDENTE

Chirley Domingues, Prof(a) Orientador(a)

Indianara Hoffmann, Estagiário(a)

Jose Ernesto de Vargas, Coord. Estágios do Curso - UFSC

Juliana Impalá, Supervisor(a) no local de Estágio

Elzete de Freitas Gonzaga, Supervisora Externa, Mat. 2011-1-01

Anexo 3 - Registro de Observação das aulas de Língua Portuguesa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Instituto Estadual de Educação
Turma: 803
Professor(a): Angélica C. Stefani
Estagiário(a): Douglas Paulo dos Santos Júnior
Período de observação total: 10 aulas

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	06/09	10h50	Apresentação	Angélica C. Stefani
Aula 2	09/09	08h15	Aula expositiva sobre conjunções	Angélica C. Stefani
Aula 3	09/09	09h00	Atividade sobre conjunções	Angélica C. Stefani
Aula 4	10/09	10h05	Continuação de atividade sobre conjunções	Angélica C. Stefani
Aula 5	13/09	10h50	Introdução	Angélica C. Stefani
Aula 6	16/09	08h15	Aplicação do questionário	Angélica C. Stefani
Aula 7	16/09	09h00	aula expositiva sobre literatura de cordel	Angélica C. Stefani
Aula 8	23/09	08h15	Atividade de produção textual: cordel	Angélica C. Stefani
Aula 9	23/09	09h00	continuação de atividades	Angélica C. Stefani
Aula 10	24/09	10h05	Finalização de atividade	Angélica C. Stefani
Aula 11				
Aula 12				

Lizete de Freitas Gonzaga
Supervisora Escolar

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703

**REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Escola: Instituto Estadual de Educação

Turma: 803

Professor(a): Angélica C. Stefani

Estagiário(a): Indianara Hoffmann

Período de observação total: 10 aulas

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	06/09	10h50	Apresentação	Angélica C. Stefani
Aula 2	09/09	08h15	Aula expositiva: conjunções	Angélica C. Stefani
Aula 3	09/09	09h	Atividades conjunções	Angélica C. Stefani
Aula 4	10/09	10h05	Finalizar atividade	Angélica C. Stefani
Aula 5	13/09	10h50	Autoavaliação	Angélica C. Stefani
Aula 6	16/09	08h15	Aplicação de questionário	Angélica C. Stefani
Aula 7	16/09	09h	Aula expositiva: Lit. de cordel	Angélica C. Stefani
Aula 8	23/09	08h15	Produção textual em grupo: cordel	Angélica C. Stefani
Aula 9	23/09	09h	Produção textual em grupo: cordel	Angélica C. Stefani
Aula 10	24/09	10h05	Finalizar atividade e exibição de vídeo	Angélica C. Stefani
Aula 11				
Aula 12				

Lizete de Freitas Gonzaga
Supervisora Escolar

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Anexo 4 - Cronograma da Semana Multicultural

CRONOGRAMA - SEMANA MULTICULTURAL 2019				
DIA	TURNO	HORA	LOCAL	ATIVIDADE
28/10/2019 2ª FEIRA	MATUTINO	07:30/11:35	Hall de entrada, prof. e Direção de Turno	Montagem das exposições
		07:30/11:35	Auditório Myrthô	Mostra de vídeo com Prof. Rogério (turmas de 4º e 2º ano)
		10:00	Pátio Central	Abertura da Semana Multicultural
		10:05/10:15	Pátio Central	Coral Vozes do Amanhã
		10:15/10:30	Pátio Central	Banda da escola
		10:30/10:50	Pátio Central	Apresentação do aluno Rafael
	VESPERTINO	13:30/17:35	Hall de entrada, prof. e Direção de Turno	Montagem das exposições
		13:30/17:35	Auditório Myrthô	Mostra de vídeo com Prof. Rogério (turmas do 4º e 2º ano)
		16:00	Pátio Central	Abertura da Semana Multicultural
		16:05/16:15	Pátio Central	Coral Vozes do Amanhã
		16:15/16:30	Pátio Central	Ginástica Rítmica
		16:30/16:50	Pátio Central	Apresentação do aluno Rafael

OBS: Cronograma sujeito a alterações

DIA	TURNO	HORA	LOCAL	ATIVIDADE
29/10/2019 3ª FEIRA	MATUTINO	07:30/11:35	Pátios da escola	Exposições das disciplinas e convidados
		07:30/11:35	Auditório Myrthô	Mostra de Curtas - EMI
		09:45/10:10	Pátio Central	Flash Mobs
		10:00	Auditório Pedro Bosco	Apresentação teatral com Luan
		10:10/10:50	Hall de entrada	Apresentação das rendeiras e do aluno Rafael
		10:10/10h30	Pátio Central	Capoeira
		10:30/10:40	Pátio Central	Dança Cigana
		10:40/10:50	Pátio Central	Dança de Salão e Jazz
	VESPERTINO	13:30/17:35	Pátios da escola	Exposições das disciplinas e convidados
		15:45/16:10	Pátio Central	Flash Mobs
		16:00/18:00	Auditório Pedro Bosco	Apresentação teatral com alunos (turmas do 1º ano)
		16:10/16:30	Pátio Central	Dança Correnteza e Dança Terra Maria
		16:30/16:50	Pátio Central	Banda da Marinha

DIA	TURNO	HORA	LOCAL	ATIVIDADE
30/10/2019 4ª FEIRA	MATUTINO (OUTUBRO ROSA)	07:30/11:35	Escola	OBS: Uso de camisa na cor rosa
		07:30/11:35	Pátios da escola	Exposições das disciplinas e convidados
		07:30/11:35	Auditório Myrthô	Mostra de vídeo Setembro Amarelo (turmas do 9º ano)
		09:45/09:50	Hall sala dos prof.	Jazz
		09:45/09:50	Hall Direção de Turno	Mestre-Sala e Porta-Bandeira
		10:00/10:30	Sala de Dança	Oficina de Jazz Funk
		10:00/10:30	Pátio Central	Coral Vozes do Amanhã
		10:30/10:50	Pátio Central	Ginástica Rítmica
	VESPERTINO (OUTUBRO ROSA)	13:30/17:35	Escola	OBS: Uso de camisa na cor rosa
		13:30/17:35	Pátios da escola	Exposições das disciplinas e convidados
		13:30/17:35	Auditório Myrthô	Mostra de vídeo Setembro Amarelo (turmas do 9º ano)
		15:45/15:50	Hall sala dos prof.	Dança
		15:45/15:50	Hall Direção de Turno	Dança
		16:00/16:30	Pátio Central	Coral Encantos
		16:00/16:30	Sala de Dança	Oficina de Jazz Funk
16:30/16:50	Pátio Central	Jazz Lírico		

DIA	TURNO	HORA	LOCAL	ATIVIDADE
31/10/2019 5ª FEIRA	MATUTINO (HALLOWEEN)	07:30/11:35	Escola	Obs: alunos caracterizados Halloween
		07:30/11:35	Pátios da escola	Exposições das disciplinas e convidados
		07:30/11:35	Auditório Pedro Bosco	Atividade de Halloween (turmas do 6º e 7º ano)
		10:00/10:10	Pátio Central	Grupo K-POP
		10:10/10:20	Pátio Central	Apresentação de Balé e Jazz infantil
		10:20/10:30	Pátio Central	Zumba
		10:30/10:50	Pátio Central	Apresentação Musical de Alunos
	VESPERTINO (HALLOWEEN)	13:30/17:35	Escola	Obs: alunos caracterizados Halloween
		13:30/17:35	Pátios da escola	Exposições das disciplinas e convidados
		13:30/17:35	Auditório Pedro Bosco	Atividade de Halloween (turmas do 6º e 7º ano)
		16:00/16:10	Pátio Central	Apresentação de Balé e Jazz infantil
		16:10/16:20	Pátio Central	Baque Mulher
		16:20/16:50	Pátio Central	Escola de Samba Consulado

DIA	TURNO	HORA	LOCAL	ATIVIDADE
01/11/2019 6ª FEIRA	MATUTINO (NOVEMBRO AZUL)	07:30/11:35	Escola	OBS: Uso de camisa na cor azul
		Após o Intervalo	Ginásio	Apresentações
	VESPERTINO (NOVEMBRO AZUL)	13:30/17:35	Escola	OBS: Uso de camisa na cor azul
		Após o Intervalo	Ginásio	Apresentações

Anexo 5 - Atividades e trabalhos expostos durante a Semana Multicultural







Anexo 6 - Evento de formação de professores



Anexo 7 - Decorações pela escola: Mês da Consciência Negra e motivos natalinos

